



HARLEQUINTM

Special

NOIVA DE OCASIÃO

—
Liz Fielding

EDIÇÃO: eBook

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Liz Fielding

NOIVA DE OCASIÃO

Tradução
Eugênio Barros



2014

Capítulo 1

SYLVIE SMITH conferiu a hora. Seu compromisso tinha sido marcado para as 14h. Seu laptop mostrava agora 14h45... Pois ela não acabara de sentar-se na luxuosa sala de recepção do escritório da suíte da cobertura de Tom McFarlane girando os polegares e tomando café.

Sorte teria vindo em boa hora.

A mensagem não podia ter sido mais clara.

Ela era o inimigo e, portanto, tinha sido deixada com seus botões sem a cortesia de uma xícara de café para ajudar a preencher o tempo.

Sem problema. Seus nervos já estavam em frangalhos sem adicionar um excesso de cafeína à confusão. Não tinha tempo para desperdiçar. Não tinha tempo, e ponto-final.

Em vez disso, ocupara-se finalizando os detalhes de um casamento em estilo indiano que estava coordenando para uma supermodelo. Conseguira até mesmo ir ao encalço de um elefante que pretendia alugar para o dia.

Também tinha aliviado os nervos de uma diva pop decadente que esperava reanimar sua carreira com uma espetacular festa de lançamento do seu novo álbum.

Tudo isso a tinha ajudado a manter-se longe do duelo do próximo encontro. Quando... Se... realmente acontecesse.

Sabia que era a última pessoa no mundo que Tom McFarlane queria ver. Entendia a razão pela qual ele queria tanto adiar o momento. O sentimento era recíproco.

A única coisa que ela não entendia era por que, quando ele a estivera evitando tão obviamente nos últimos seis meses, estava fazendo com que ambos passassem por isso agora.

Conferiu a hora novamente: 14h50. Basta! Chega! Sua paciência podia ser ilimitada, era isso e também sua atenção a detalhes que a faziam uma das mais procuradas planejadoras de eventos em Londres, mas seu tempo definitivamente não era ilimitado.

A reunião tinha sido ideia de Tom McFarlane.

A última coisa que ela queria era uma reunião com um homem que não fora capaz de tirar da mente desde o primeiro momento em que pusera os olhos nele. Um homem que estivera prestes a se casar com sua velha amiga da escola e queridinha das revistas de fofocas, Candida Harcourt.

Tudo o que ela queria era o cheque dele, a fim de que pudesse liquidar as contas colossais e deixar para trás todo aquele triste pesadelo.

Fechou seu laptop, guardou-o na pasta de couro apropriada, depois atravessou a sala até a mesa da recepcionista que a estivera ignorando desde que chegara.

– Não posso esperar por mais tempo – disse. – Por favor, diga ao sr. McFarlane que estarei no meu escritório depois das 10h amanhã, se ele tiver qualquer pergunta sobre a conta.

– Oh, mas...

– Eu já deveria estar em outro lugar – disse cortando o protesto da mulher. Não era estritamente verdade... A equipe dela era mais do que capaz de lidar com qualquer crise envolvendo a festa de lançamento do álbum, mas algumas vezes ela tinha que demonstrar que seu tempo... se não tão valioso quanto o de um bilionário... era ainda um objeto de utilidade. Talvez, refletindo bem, ele estivesse tão satisfeito quanto ela em evitar aquele confronto e enviara o cheque pelo correio.

– Se eu não for embora agora...

A recepcionista não respondeu, mas uma picada de conscientização enquanto o olhar da mulher mudou para algum lugar sobre seu ombro direito, avisou-a de que elas não estavam mais sozinhas.

Voltando-se, encontrou sua visão bloqueada por um peito largo e ombros igualmente largos, cobertos por uma camisa de linho branca. Estava aberta no pescoço, e as mangas tinham sido enroladas até o cotovelo para revelar braços musculosos e pulsos fortes.

Uma gravata de seda tinha sido deixada frouxa como se seu dono lutasse contra algum problema intratável. Ela não duvidava de que o que quer que fosse ele venceria.

A despeito do fato de que ela passara os últimos seis meses planejando o casamento de Tom McFarlane, aquela era apenas a segunda vez em que realmente o via cara a cara.

Ou melhor, testa a queixo, pensou ela, forçada a olhar para cima apesar dos saltos altos. Ela já sabia que aquela seria uma tarde difícil e sentira a necessidade de proteger-se com roupas sérias.

O queixo dele tinha um furo profundo.

Ela já sabia disso. Vira fotografias muito tempo antes de conhecer o homem. Tom McFarlane não fazia o tipo socialite, mas nenhum solteirão bilionário podia escapar da atenção das revistas de fofocas totalmente, em especial uma vez que seu casamento com a filha de um aristocrata menor, que fizera carreira aparecendo em revistas caras, tinha sido anunciado.

O furo no queixo não fazia nada para corroer sua força; ao contrário, a enfatizava, e, pela segunda vez, seu único pensamento foi: O que, por mil demônios, Candy estava *pensando*?

Pergunta idiota.

No momento em que Candy irrompera no escritório dela exigindo que a SDS Eventos organizasse seu casamento com o bilionário homem de negócios Tom McFarlane, Sylvie soubera *exatamente* o que Candy estivera pensando.

Aquilo era a realização do "projeto de vida" dela. O projeto com o qual, anos atrás, ela animara um seminário de profissões escolares anunciando que seu "plano de carreira" era casar-se com um milionário. Um com uma casa na Belgravia, uma propriedade campestre e um título. O título era negociável e totalmente *flexível*... Mas o tamanho da conta bancária não.

Por que desperdiçar seu tempo suando sobre provas quando não tinha intenção de ir para a universidade? Estudantes sobrecarregados por saques a descoberto e empréstimos não lhe interessavam. Todo seu esforço seria destinado a aperfeiçoar seus recursos naturais... E nesse ponto ela fez uma pose sexy e séria... E em fazer o casamento perfeito.

Todos haviam rido... Aquela era uma característica natural em se tratando de Candy, ela sempre fazia você rir... Mas ninguém realmente duvidara que ela dissesse tudo aquilo com convicção, ou que não fosse capaz de alcançar seu objetivo.

Ela já parecera estar chegando perto de sua meta algumas vezes. Talvez, chegando aos 30 anos, tenha percebido que o tempo estava correndo e se livrara de tudo exceto do plano principal, embora, com a inflação do modo que estava, atualizara o nível de qualidade de sua ambição para um bilionário.

Talvez uma pergunta melhor fosse: O que, por mil demônios, Tom McFarlane estivera pensando?

Uma pergunta ainda mais idiota.

Era uma verdade universalmente conhecida que um sorriso da boca sexy de Candy Harcourt era suficiente para causar um curto-circuito no cérebro de qualquer homem que pudesse agrupar mais que um glóbulo vermelho. Ela podia ter deixado de lado suas provas, mas não tinha poupado horas extras no que dizia respeito aos recursos para sua carreira, que eram, diga-se de passagem, consideráveis.

Deslumbrante, engraçada... Quem podia resistir a ela?

Por que qualquer homem tentaria?

E já que Tom McFarlane dava a impressão de não ser muito refinado... Com olhos que, na ocasião, brilharam como granito, certamente aumentando a impressão de força inexorável... Candy não teve dúvida nenhuma de que ele era um homem com glóbulos vermelhos para desperdiçar.

Alguma coisa nos seus próprios glóbulos vermelhos tinha instantaneamente respondido com a avidez de um cachorrinho ao qual foi oferecido um brinquedo.

Quando os olhos deles haviam se encontrado sobre o cabelo louro artificial de Candy, a conexão criara um curto-circuito em todos aqueles hormônios inoportunos que estiveram estocados a frio por uma década, e que descongelaram instantaneamente.

Contudo, Sylvie não era um cachorrinho, mas uma mulher de negócios bem-sucedida que fez um esforço para ignorar a onda de calor e ater-se ao problema em questão. Felizmente, no minuto em que assinara o contrato, Tom McFarlane, que obviamente tinha coisas muito mais importantes a fazer, tinha apresentado suas desculpas e saíra.

Só de pensar naqueles longos dez minutos, a seda do corpete que ela estava usando por baixo da jaqueta de linho grudou em sua pele. Mas já passara por isso e podia fazer novamente. Era parte de seu trabalho. Como uma planejadora de eventos, estava acostumada a lidar com situações esquisitas e embaraçosas... E aquela certamente estava muito além de "desagradável". Ela só precisava se concentrar nos negócios, mesmo que, sentindo-se um pouco entre a cruz e a espada, precisasse de toda a sua compostura para esticar os joelhos, manter-se firme e com uma expressão neutra.

– Se você não sair agora? – induziu ele.

– Terei problemas... – Errado. Ela já estava com um problema, mas com a mesa de recepção de carvalho nas suas costas e a rocha bloqueando sua saída, estava presa àquilo. Lembrando-se que dizer tolices causava péssima impressão, assumiu um sorriso profissional e estendeu a mão.

– Boa tarde, sr. McFarlane. Estava acabando de explicar à sua secretária...

– Ouvi. – Ele ignorou a mão. – Ligue para quem quer que a esteja esperando e diga a ele que terá que esperar. Você é minha até que eu diga o contrário.

O quê? Aquilo era abusivo e ultrajante, mas o brilho naqueles olhos a avisou que a provocação tinha sido intencional. Que ele estava esperando por uma explosão por parte dela e que daria boas-vindas a isso.

Não nesta vida, pensou ela, conseguindo um bastante convincente:

– Ela. Delores Castello – acrescentou Sylvie, dando nome à diva do pop. – Portanto, você verá por que seu pedido é impossível. – Ela queria que aquilo terminasse logo e não que se arrastasse, mas quando um homem começa a dar ordens como se fosse dono do mundo, era dever de uma mulher manter-se firme e provar a ele que não é.

Mesmo que os joelhos tivessem outras ideias.

– Mas tenho um espaço na minha agenda – começou ela, abrindo o bolso lateral de sua bolsa.

Se esperava impressioná-lo com a sua lista de clientes, a estratégia falhou. Antes que ela pudesse localizar sua agenda, ele disse:

– O que é impossível, srta. Smith, é a possibilidade de você obter outra chance de falar comigo sobre a liquidação de sua conta ultrajante.

Sylvie mordeu o lábio inferior antes que dissesse algo que lamentaria.

O homem estava zangado. Ela entendia aquilo, mas sua conta não era abusiva. Ao contrário, trabalhara realmente duro para negociar o melhor cancelamento possível, empurrando as pessoas ao limite. Não tinha que fazer aquilo, mas se sentia minimamente *responsável* pelo que acontecera.

Ela teria dito a ele se seu lábio não tivesse ficado preso ente os dentes.

– A decisão é sua, srta. Smith – instigou, aparentemente convencido de que deixara seu ponto de vista muito claro. – Mas se você for embora agora, prometo que terá que me processar na justiça para obter seu dinheiro.

Ele devia estar brincando ou, por outro lado, talvez não.

Glacial, a voz dele combinava com as mandíbulas salientes, nariz aquilino e boca comprimida numa linha reta. Aquilo não ajudava a esfriá-la. Como um vulcão coberto de neve, ela sabia que, bem fundo debaixo da superfície, lava derretida borbulhava perigosamente. Sabia também que, se não fosse cautelosa, o calor seria terminal.

Tom McFarlane era feito da mesma matéria-prima que séculos atrás havia conduzido homens por oceanos inexplorados à procura de glória e fortuna. Ele era o equivalente moderno deles... Uma lenda do século XXI que trabalhara nos mercados quando menino, comercializara venda por atacado na ocasião de sua adolescência e fizera acordos milionários assim que deixara a escola. E conseguira seu primeiro milhão aos 20 anos. A expressão "homem que se fez por esforço próprio" podia ter sido inventada justamente para ele.

Ele era o artigo genuíno, sem dúvida, mas por mais que ela admirasse aquela espécie de direção e tenacidade, seu início humilde o tornava uma escolha muito estranha de marido para Candy.

Ele podia ser um bilionário, mas não tinha nada da pompa do dinheiro antigo. Nada da graça. Ele não era um homem de sentar-se e preguiçosamente passar o tempo bancando o cavalheiro.

Não havia propriedade campestre nem casa elegante na cidade de Londres. Apenas um imenso loft que, segundo uma exasperada Candy, estava no lado errado do rio.

Aparentemente, quando dissera isso a ele, Tom rira, ridicularizando aqueles que pagam uma fortuna por um endereço de classe para olhar pelo rio para ele.

Sylvie fora forçada a esconder um sorriso quando Candy lhe contara isso. Havia pensado, intimamente, deveria haver bilionários por ali que seriam menos abrasivos e mais fáceis de lidar.

Mas talvez não tão desafiadores.

A caça podia ter sido calculada, mas Sylvie estava certa de que, quando esta caça caísse por terra e o prêmio fosse reclamado, o resultado teria sido quente como o inferno.

Talvez Candy fosse, no que se referia a isso, tão humana quanto a próxima mulher e se apaixonara não pelo dinheiro, mas pela testosterona.

O fato é que Tom McFarlane tinha exatamente o mesmo efeito sobre ela, pensou Sylvie, enquanto, não esperando pela resposta dela, ele se voltou e caminhou pela recepção para abrir as portas de seu escritório, deixando-a decidir se deveria segui-lo ou não, o que não a fez sentir-se nem um pouco melhor. Ao contrário.

Mas se Candy pensara que o fisgara onde ela o queria, estava muito enganada.

Ela podia tê-lo deixado momentaneamente caído aos seus pés com seus atributos de silicone, mas ele não era o homem para dançar conduzido por ela por muito tempo.

Diferente de sua noiva, contudo, Sylvie não estava em posição de bater em retirada quando as coisas ficaram feias.

Aquele não era "seu" dinheiro. Sua conta era feita de faturas de dúzias de pequenas empresas... Simples comerciantes que tinham feito seus trabalhos. Pessoas que contavam com ela. E, mandando uma mensagem severa para que seu cérebro mantivesse o foco, decidiu ligar para a sua confusa assistente e explicar que chegaria ao escritório atrasada.

A ligação não levou mais do que trinta segundos, mas ela observou que Tom McFarlane já estava sentado na sua mesa de trabalho, uma mecha de cabelo castanho escuro espesso caindo sobre a testa enquanto se concentrava na pasta à sua frente.

Uma cópia exata da que devia ter chegado na mesma correspondência em que o correio entregara a carta "Querido John" de sua noiva. A que ele devolvera com a sugestão de que ela a encaminhasse ao novo homem na vida de sua ex-futura-noiva. Ele, claro, não tinha sido assim tão educado.

Ela entendia a reação dele. Sentiu certa dose de compaixão pelo homem.

Ela podia acreditar honestamente que ele tivera uma escapada de sorte, mas obviamente ele não se sentia dessa maneira e tinha todo o direito de sentir-se ferido e zangado. Ser descartado apenas alguns dias antes de seu casamento era humilhante, não importa quem você seja. Algo que ela sabia por experiência própria.

Ela e Tom McFarlane tinham aquilo em comum, se mais nada, que era a razão pela qual ela entendia que uma expressão de compaixão, um "eu sei o que você está sentindo", não seria bem-vinda.

Se havia algo que ela sabia era que ninguém podia ter a mínima ideia do que ele estava sentindo.

Em vez disso, enfiara a conta e o maço grosso de cópias de faturas numa nova pasta, uma das pastas da SDS Eventos em vez de outra adornada com sinos prateados de casamento que usava para enlances matrimoniais, e havia devolvido aquilo com uma nota educada lembrando-o de que era a assinatura dele no contrato e que os termos diziam “pagamento dentro de 28 dias”.

Ela não se incomodara em lembrá-lo que cinco daqueles dias já haviam passado, nem em acrescentar: Depois desse tempo, colocarei a conta nas mãos do meu advogado..

Ela estivera confiante que ele notaria as entrelinhas.

Assim como ela estivera certa de que ele entenderia, depois de refletir, que coordenar um casamento, mesmo quando você estava fazendo aquilo para uma velha amiga de escola, era como qualquer outra empresa comercial, apenas negócio.

Ela esperava por um cheque de volta. O que obtivera foi uma ligação telefônica do próprio homem, exigindo que se apresentasse no seu escritório às 14h do dia seguinte.

Ela não tivera a chance de dizer-lhe que suas horas após o almoço estavam já tomadas, pois ele desligara. Em vez disso, respirou fundo e reagendou seus compromissos. E foi mantida esperando quase por uma hora para seu sofrimento.

Quando ela não se sentou imediatamente, Tom McFarlane ergueu o olhar, e ela sentiu um choque... Quase elétrico, enquanto alguma coisa perigosa faiscava nas partículas prateadas enterradas nos olhos cinza-granito dele. O mesmo choque que havia passado entre eles no seu primeiro encontro. Lascas quentes de relâmpago que a incendiaram por inteiro, fazendo-a corar com intensidade, um tinido nas partes de sua anatomia que nenhum outro olhar alcançara desde... Não, esqueça desde. Ela nunca sentira aquela espécie de resposta a homem algum. Nem mesmo Jeremy.

Que estava acontecendo com ela?

Nunca sentira nada à primeira vista. Certamente, não amor. Ela tinha conhecido Jeremy desde o berço.

Realmente, aquele podia não ser o melhor exemplo...

Não importa. Certamente não pretendia mudar os hábitos de uma vida inteira por uma *luxúria*. Misturar negócios com prazer era

sempre um erro.

Mas aquilo significava que ela entendia *exatamente* o que Candida estivera pensando. Por que não havia arrastado a asa para algum bilionário mais suave? Algum velhote rico maleável que lhe compraria sua propriedade rural e tudo mais que ela quisesse...

– Eu a aconselhei a sentar-se, srta. Smith – disse ele. – Nossa conversa levará algum tempo.

Normalmente, ela e seus clientes tratavam-se pelo primeiro nome, mas ela e Tom se ativeram desde o primeiro encontro firmemente à formalidade, e ela não achava que era o momento de responder com: *Sylvie, por favor...*

E desde que seus joelhos, em seu estado de fraqueza, tinham dobrado em obediência instantânea à ordem dele, ela ficou ocupada demais se certificando de que seu traseiro se conectasse com segurança ao assento da cadeira para enfrentar algo tão complicado quanto falar ao mesmo tempo.

Ele observou enquanto ela se torceu para localizar com segurança o centro da cadeira. Continuou a observá-la por um tempo que pareceu infundável.

O calor se intensificou, e, sem pensar, ela desabotoou os botões de sua jaqueta.

Somente quando estava completamente quieta e ele estava certo de que tinha sua atenção, ele falou.

– Você o demitiu? – exigiu ele. – O ilustre Quentin Turner Lyall.

Ela engoliu em seco e partiu para a verdade.

– Como tenho certeza de que você já sabe – disse ela –, apaixonar-se não é motivo para demissão. Não tenho dúvida de que a Justiça do Trabalho me arruinaria se eu tentasse.

– Amor? – repetiu ele, como se fosse uma palavra suja.

– O que mais? – perguntou ela. O que mais teria feito Candy fugir da raia quando tinha um prêmio dentro de dias para agarrar?

Ela tinha Tom McFarlane, portanto, presumivelmente a luxúria estava garantida...

Mas, tendo descartado a pergunta dela com um gesto impaciente, ele disse:

– E o dever do zelo para com seu cliente, srta. Smith? Na sua carta, você mencionou que sou seu cliente. – Ele a olhou com ar pétreo. – E imagino que o sr. Lyall se ausentou sem permissão.

– Oh, meu Deus! Realmente, ele... Não. Ele me pediu algum tempo de folga...

Ele voltou a sentar-se, aparentemente sem fala.

– Você está me dizendo que lhe deu permissão para fugir com uma mulher cujo casamento você estava organizando? – disse depois do que pareceu a maior pausa da história.

Aquela provavelmente não era uma boa hora para dar-lhe a desculpa “avó morrendo” na qual ela tinha acreditado.

Quando Candy tomara Quentin emprestado para carregar suas sacolas em uma de suas muitas expedições de compras, nunca ocorrera à mente de Sylvie que Candy arriscaria seu grande dia com o bilionário por um caso com um assistente de eventos de 25 anos. Mesmo um que algum dia fizesse dela uma condessa. Ele vinha de uma família tradicional, e as chances de ele suceder o título do avô antes de completar 50 anos... mais provavelmente 60... eram remotas.

E, ao mesmo tempo em que ficara absolutamente furiosa com ambos, ela tinha certa compaixão por Quentin; se um homem como Tom McFarlane sucumbira aos encantos de Candy, que dizer de um inocente como ele?

Mas, a despeito do que dissera a Tom McFarlane, quando Candy tivesse terminado com Quentin e ele finalmente retornasse, teria de explicar que, sob as circunstâncias, não poderia continuar trabalhando para ela. Horrível situação em que parecia como estar chutando um cachorrinho, mas Quentin era um verdadeiro patrimônio, e perdê-lo seria um sofrimento. Ele tinha um verdadeiro dom de acalmar mulheres neuróticas. Ele era também inteiramente decente. Nunca lhe ocorreria ir a um tribunal por demissão injusta.

Talvez aquilo estivesse acalmando os nervos pré-nupciais de Candy... Ela tinha ido às compras com toda a fúria nas últimas semanas... Aquele seu ombro largo e solidário que o tinha metido em tantos problemas em primeiro lugar.

Tom Macfarlane, contudo, tendo descartado essa última evasiva, voltara à pasta na frente dele e estava folheando as faturas, parando ocasionalmente para olhar para uma, seu rosto totalmente destituído de expressão.

Sylvie não disse uma palavra. Apenas esperou, segurando a respiração. Observando os dedos longos dele enquanto virava as páginas. Ela não podia mais ver os olhos dele. Somente a ponta da mandíbula. A fenda sombreada do queixo. Um canto daquela boca dura...

O único som no escritório era o vagaroso farfalhar das páginas enquanto Tom Macfarlane confrontava a ruína de seus planos: casar com uma mulher cuja árvore genealógica podia levá-lo de volta a William, o Conquistador. Aquilo e a respiração desigual da mulher sentada à sua frente.

Ela estava nervosa. E não poderia deixar de estar. Ele nunca estivera tão zangado.

Seu casamento com a aristocrática Candida Harcourt tinha sido o auge de todas as suas ambições.

Com ela como esposa, ele finalmente se livraria dos últimos resquícios do mundo do qual se esforçara para sair.

Teria alcançado tudo o que jurara em sua juventude hostil que uma vez tivera. As boas roupas, carros caros, mulheres bonitas vieram rapidamente, mas aquele casamento seria alguma coisa a mais.

Ele não fora bobo o suficiente para acreditar que Candy se apaixonara por ele... Amor causa nada mais que coração ferido e dor, como ele sabia à sua própria custa... Mas parecia que ela seria a companheira perfeita.

Ela tinha tudo menos dinheiro; ele tinha mais do que o suficiente para alimentar os sonhos mais selvagens dela.

Fora enquanto ele estava distante tentando assegurar-se da grande conquista... Culpa, talvez pelo fato de que fora incapaz de tirar a planejadora de casamento dela de sua cabeça... Que Candy dera no pé com o milagroso garotão covarde que trabalhava como um simples assistente de eventos para garantir um teto sobre a

cabeça. Quão irônico era aquilo tudo? O milagroso garotão covarde era um *aristocrata*.

A nobreza sempre fora mais atraente do que bilhões de libras.

Quando teve de ser decidido, a classe venceu. Sylvie Smith tinha, afinal de contas, sido escolhida para coordenar o casamento por nada além do fato de ter sido colega de escola de Candy.

Mulheres dão valor exclusivo a coleguismo.

Sylvie Smith. Ele passara seis meses tentando não pensar nela. Uma hora tentando mandá-la embora sem a ver.

Enquanto ele parecia concentrado nos papéis à sua frente, ela desabotoara os botões da jaqueta para revelar algo pequeno em seda marrom escura quase escondendo os seios que não precisavam de silicone algum para realçá-los e nervosamente empurrou para trás uma mecha de cabelo louro-escuro que era, ele não tinha dúvida, a cor com a qual ela nascera.

Ela cruzou as pernas a fim de apoiar a pasta que tinha sobre o joelho, e, por um momento, ele se viu distraído pelo tornozelo elegante, um longo pé delgado calçando elegantes sapatos de camurça decorados com um laço alinhado.

E, de repente, ela não era a única a sentir calor.

Ele deveria emitir um cheque agora e mandá-la para fora de seu escritório. Em vez disso, deixou cair os olhos sobre as faturas na sua frente e irrompeu:

– O que, pelas barbas de Noé, é canhão de confete?

A mente de Sylvie girou como uma marcha de carro desengatada. Ela pensara que esta tarde não poderia ser pior; estivera errada. Hora de dar um aperto, preveniu-se ela. Pegue uma coisa de cada vez e, não se esqueça, respire fundo.

Era hora de esclarecer as coisas um pouco.

– Na verdade, faz exatamente o que diz na lata – disse ela.

As sobrancelhas dele se arquearam uma fração de centímetro.

– De que se trata exatamente?

– Ele arremessa um bombardeio de c-confete – gaguejou ela.

Droga, ela não gaguejava há anos e não estava a fim de começar novamente apenas porque Tom McFarlane estava tendo um mau dia.

Devagar, devagar... – Confetes de todos os tamanhos e formas – terminou ela cautelosamente.

Ele não disse nada.

– Com um projetor de chama c-colorida – acrescentou ela, nervosa pelo silêncio. – É algo realmente muito... – Ela falhou – espetacular.

Ele a estava olhando como se ela fosse louca.

Na verdade, ela pensou com um pequeno estremecimento, ele podia estar certo. Que pessoa sã passava seu tempo explorando a internet à procura de um elefante para alugar por um dia?

Que tipo de carreira tinha seu ponto alto ao organizar uma festa perfeita para uma estrela pop?

Fácil responder. A carreira da pessoa que vinha fazendo isso praticamente desde o berço. Cujas mães fizera isso antes dela... Embora fizesse por amor aos membros familiares ou por um sentido de dever quando era para eventos comunitários, muito mais do que por dinheiro. A espécie de pessoa que, como Candy, não tinha planejado um emprego fixo, mas que entrara naquilo por acaso e ficara grata por encontrar alguma coisa que podia fazer sem pensar, ou sem a necessidade de algum treino especializado.

– E um “campo de luz”? – perguntou ele.

– Milhares de fios de luzes de fibra ótica que vibram com a brisa – respondeu ela, decidindo desta vez tomar a opção segura e ir diretamente para a resposta. Então, uma vez que ele pareceu requerer mais, ela acrescentou: – Mudando de cor enquanto se movem.

Ela estalou os dedos para dar-lhe o efeito.

Ele olhou para os dedos dela por um momento, então, voltando o olhar para o rosto dela, disse:

– O que acontece se não houver brisa?

Isso importa? Isso não vai acontecer...

Simplesmente responda a pergunta, Sylvie, disse ela para si mesma.

– O c-contratante usa ventiladores.

– Você está brincando.

Descrever o efeito a uma pessoa que estava antecipando um espetáculo excitante no dia de seu casamento era muitíssimo diferente de explicar a mesma coisa a um homem que pensava que a coisa toda era alguma piada medonha.

– Você não discutiu nada disso com Candy? – perguntou ela.

Sua testa larga se franziu. Outra pergunta idiota, obviamente. Você não se transforma num bilionário perdendo tempo com trivialidades como canhão de confete.

Tom McFarlane tinha assinado o equivalente a um cheque em branco e deixou sua futura noiva organizar o casamento de seus sonhos enquanto ele se concentrara em fazer dinheiro para pagar por tudo.

Sem dúvida, do ponto de vista de Candy, aquilo tinha sido a divisão perfeita de trabalho. Ela certamente se atirara ao seu papel com entusiasmo, e não havia um único “efeito” que não fora explorado.

Era apenas o encontro de tempo com imaginação... Se pensasse num elefante, insistiria em ter um na festa de casamento; na verdade, a insistiria em ter a droga do circo inteiro... O que limitara a sua autoindulgência.

Como estava indo, haveria mais do que o suficiente para transformar os sonhos de Candy no que estava agora provando ser o pesadelo de Tom McFarlane... E o dela.

Um pesadelo com seis zeros, muitos fornecidos pelas pequenas empresas especializadas com as quais Sylvie regularmente fazia negócios... Pessoas que confiavam nela totalmente. Esta era a razão pela qual ela ficaria sentada ali até que Tom McFarlane dissipasse sua raiva e fizesse o cheque. Mesmo que aquilo levasse a noite toda.

Tendo rapidamente recuperado seu equilíbrio, sentiu o calor voltar novamente, vindo de dentro, enquanto ele continuava a olhar para ela, que começou a pensar que, realmente, a noite toda não seria um problema...

Baixou a cabeça como se para checar a fatura, enfiando uma mecha de cabelo inexistente atrás da orelha com uma mão que tremia levemente.

Afastou o que era um pensamento totalmente inapropriado.

Quentin não era o único que corria o risco de perder a cabeça.

O escritório estava estranhamente silencioso. O telefone dele não tocou. Ninguém enfiou a cabeça pela da porta com alguma pergunta.

O único som para o que pareciam minutos, mas era provavelmente somente segundos, era a batida de sua pulsação nas orelhas.

Então ela ouviu o farfalhar de papel enquanto Tom McFarlane voltou ao maço de faturas na sua frente e começou a examiná-los, um a um.

Agora era a vez do coro.

– Eles não cantaram – objetou ele. – Eles sequer apareceram.

– Eles foram agendados antecipadamente há meses – explicou ela. – Eu tive que ligar diversas vezes para conseguir que cantassem para Candy, mas o cancelamento chegou tarde demais para que conseguissem outro agendamento...

A voz dela falhou. Pelo amor de Deus, pensou ela, ele sabia como era aquilo; ela não precisava explicar!

Como se pudesse ler a mente dela, ele marcou o item da lista para aprovar o pagamento sem outra palavra.

Os tocadores de sinos. Marcado.

Por um momento, ela pensou que ele iria repetir sua objeção e segurou a respiração. Ele olhou para ela, como se esperando que acabasse de respirar.

Finalmente, quando começava a sentir-se levemente tonta pela falta de oxigênio, ele ticou outro item.

Enquanto os itens da lista eram marcados, ela começou a relaxar. Não duvidara que ele liquidasse a dívida; ele não perderia aquela quantidade de tempo a menos que fosse pagar.

Um carro luxuoso ano 1936 para levar Candy para a igreja. Marcado.

Era apenas porque ele estava zangado e, desde que sua noiva fugitiva não estava presente para receber a artilharia pessoalmente, era ela o alvo do furor dele, como substituta de Candy.

Se isso era o que precisava, pensou ela abanando-se distraidamente com uma das faturas, deixe-o extravasar. Ela podia

aguentar. Provavelmente.

A carruagem e parelha para transportar os recém-casados da igreja para a recepção. Marcado.

Os garçons cantores...

Basta! Tom passou os dedos pelo cabelo.

Bastava para ele, mas no momento da conclusão, assinando o cheque e desenhando uma linha sob toda a triste experiência, olhou para cima e foi distraído por Sylvie Smith, seu rosto corado suavemente, abanando-se com uma das abusivas faturas.

– Está quente demais aqui para você, srta. Smith? – perguntou ele.

– Não, estou bem – disse ela, rapidamente enfiando a fatura na pasta sobre os joelhos, puxando sua camisa justa antes de cruzar novamente as longas pernas. Manteve a cabeça baixa de modo que não tivesse que olhar para ele. Esperando que ele continuasse com aquilo de modo que pudesse sair logo.

Não ainda, pensou ele, ficando de pé, caminhando até o refrigerador de água para encher um copo com água gelada. Não ainda...

Sylvie ouviu o rangido da cadeira de couro dele quando ele se levantou. E momentos depois, o barulho de água. Incapaz de servir-se, ela empurrou a língua entre os lábios secos, então olhou para cima. Por um momento, ele não se moveu.

Com a luz atrás dele, ela não podia ver o rosto, mas seu cabelo escuro, perfeitamente arrumado naquela manhã seis meses atrás quando viera ao escritório dela, nunca menos que perfeitamente arrumado nas fotografias que vira dele antes ou desde então, dava a impressão de que ele passara os últimos segundos desarrumando-o com os dedos.

Seus dedos coçaram de vontade de alisá-lo para trás e colocá-lo no lugar.

Para aliviar a tensão dos ombros largos e deixar o mundo certo para ele novamente. Mas o ar no escritório silencioso, isolado acima de Londres, estava sobrecarregado com emoção contida. Em vez disso, ela se esforçou para afastar o olhar, concentrada nos papéis em sua frente, bem consciente de que tudo o que precisava era de

uma palavra, um movimento ou um olhar errado para detonar uma explosão.

– Tome, aqui. Talvez isso ajude.

Ela estivera esforçando-se tão fortemente para não olhar para ele que não o ouvira cruzar o tapete grosso.

Agora olhou para cima para vê-lo oferecendo-lhe um copo de água, presenteando-a com a dificuldade adicionada de pegar o copo de sua mão sem tocar-lhe os dedos.

Uma dificuldade que algo na expressão dele sugeria que ele entendeu muito bem. Talvez ela devesse apenas pedir-lhe que fizesse a ambos um favor e derrubasse logo o copo...

– Obrigada – disse, pegando o copo e mandando para o inferno as consequências. O copo na mão dele era firme como rocha... Bem, afinal de contas, ele era granito. Na dela, tremeu e derramou algumas gotas sobre a camisa que usava. Provavelmente imaginou a cena quando a água ensopou o linho da camisa até suas coxas, enquanto ele se curvou sobre ela para nivelar-se e colocou suas mãos em volta das delas para firmar o copo.

Alguém deveria avisá-lo que aquilo realmente não ajudava, mas então ela desconfiou que ele soubesse isso também, e agora já estava tendo problema simplesmente ao respirar.

– Pode deixar – conseguiu dizer finalmente. Ele parecia não estar convencido, e ela olhou para cima, direto nos olhos dele, e naquele ponto, a última coisa que queria era que ele a soltasse. – Realmente – assegurou e lamentou instantaneamente quando ele se levantou e voltou para a sua cadeira, elegante e ágil como uma pantera.

E duas vezes mais perigoso, pensou enquanto tomava um gole de água. Encostou o copo na testa quente. Disse a si mesma para se recompor...

Capítulo 2

– PODEMOS CONTINUAR? – Tom McFarlane instigou enquanto voltava para a sua mesa.

Sylvie silenciosamente se irritou.

Por que cargas d'água ele estava se colocando nessa situação?

Não podia ser por causa do dinheiro. A quantia envolvida, embora tivesse que admitir que fosse alta, deveria ser ninharia para um homem com toda aquela riqueza.

Era quase, pensou ela, como se com cada ticada aprovando pagamento ele estivesse reforçando a lição que acabara de aprender... A de nunca confiar na palavra de alguém somente porque ela disse que amava você. Presumidamente Candy dissera-lhe que o amava. Ou, talvez, como Candy, ele pensava no casamento como um negócio, um acordo de parceria mutuamente satisfatório. E que amor era apenas uma porção de tolice sentimental.

Talvez não fosse seu coração que estivesse estraçalhado, mas seu orgulho. Ou era sempre o orgulho que sofria mais com uma declaração pública de que você não era bom o suficiente?

– Os garçons cantores? – repetiu ele, certificando que estavam na mesma página.

– Estou com você – disse ela, pondo o copo sobre a mesa. Houve uma longa e perigosa pausa, e ela olhou para cima, antecipando algum comentário sarcástico. Mas ele sacudiu a cabeça como se tivesse pensado melhor sobre aquilo e colocou um tique ao lado do item.

O suspiro de alívio dela chegou um pouco cedo demais.

– Pombos? Eles estão em tal exigência também? – inquiriu ele alguns momentos depois, mas educadamente, como se fazendo um esforço. Não podia possivelmente estar interessado.

– Acho que sim. E milho não é barato – acrescentou ela, dando outro daqueles longos olhares a si mesma. Precisava realmente resistir às observações mordazes. Especialmente porque os presentes para as damas de honra vinham em seguida.

Candy escolhera pulseiras para cada uma delas de um joalheiro em moda de Londres. Não fora poupada despesa alguma.

A pena de sua caneta pairou ao lado do item por um momento, e então ele disse:

– Mande-as de volta.

– O quê? Não, espere. – Ele levantou os olhos da folha de papel. – Não posso fazer isso!

– Não pode? Por que não?

Estaria ele falando sério? Não teria tomado o *mínimo* interesse no próprio casamento?

– Porque estão gravadas com o nome de vocês dois e a data. – Aquilo era cruel, pensou ela. Um de seus empregados devia estar lidando com aquilo. O orgulho era um matador... – Elas deveriam ser uma lembrança de ambos – acrescentou ela.

– Verdade? Então onde elas estão? As tais lembranças?

Poderia ficar pior? Oh, sim.

– Estão com Candy – admitiu. – Ela estava providenciando que fossem embrulhadas a fim de que você as desse às damas de honra no jantar pré-casamento. – Ele franziu o cenho. – Você sabia do jantar pré-casamento?

– Estava na minha agenda, assim como o casamento – acrescentou ele.

Pega por algo em sua voz, ela olhou para cima. Por um momento, caíra numa armadilha como prisioneira daqueles olhos, e aquilo era tudo o que podia fazer para conter-se de tocar a mão dele e pressioná-la e dizer-lhe que tudo ficaria bem.

Como se previsse aquilo, ele se encolheu colocando-se mentalmente fora de alcance.

Ela tentou falar e descobriu que tinha de pigarrear antes que pudesse continuar.

– Há abotoaduras para os padrinhos... – disse, decidindo que seria também melhor falar sobre as peças da joalheria todas de uma vez – E um par para você também.

– Elas estavam gravadas com nossos nomes também?

– Apenas a data – replicou ela.

– Útil no caso de eu por acaso conseguir esquecê-la – disse ele, e alguma coisa aconteceu à sua boca. Ela pensou que podia ser um sorriso. Não muito amplo. Um pouco mais do que uma distorção do lábio inferior, e Sylvie pegou novamente o copo e tomou outro gole de água.

A água chiou um pouco na sua língua, transformando-se de gelada em tépida enquanto descia pela garganta. Se ele podia fazer aquilo com algo tão mínimo, pelas barbas de Maomé, o que poderia conseguir quando estava realmente tentando?

Não. Ela não queria saber. Não suportava pensar a respeito.

– Estou certa de que ela as devolverá – disse num esforço para acalmá-lo. Uma vez que Candy voltasse de onde quer que estivesse se escondendo. Ela estaria ávida para negociar a venda de sua história para qualquer das revistas de fofoca que mais lhe oferecessem rendimento para contar os detalhes do rompimento e do novo homem na sua vida antes que a história esfriasse.

Sem bilionário agora, ela precisaria de dinheiro.

– Como tem certeza? – perguntou ele, segurando o olhar por inteiros trinta segundos? – E mesmo que ela devolvesse, o que é que eu iria fazer com tantas pulseiras e abotoaduras? Vendê-las num bazar? – Ela abriu a boca, mas antes que pudesse falar, ele disse: – Esqueça isso. – E marcando o item, rapidamente passou para o seguinte.

Foi somente quando ele alcançou o item do bolo que as rachaduras começaram a aparecer em seu autocontrole.

Candy, para surpresa dela, não procurara pela confecção moderna de um bolo em chocolate branco, ou os espirituosos pequenos bolos individuais que estavam de repente na moda, mas, sim, um tradicional bolo de frutas de três andares, confeccionado por um

mestre confeito com o brasão dos Harcourt e o logotipo da empresa do noivo em cores vibrantes em cada camada.

O enfeite no alto do bolo seria tradicionalmente posto de lado para ser usado no bolo de batizado do primeiro recém-nascido.

Até esse ponto, ela quase sentira como se Candy estivesse brincando de casamentos, mais como uma garotinha deixada solta com a caixa de chapéus e de maquiagem da mãe, ou, neste caso, com a conta bancária de um bilionário, do que uma mulher assumindo o mais importante estágio de sua vida, mas aquele bolo sugerira que ela estava levando a sério.

Talvez estivesse apenas tentando se convencer.

– Onde está a confecção monstruosa? – perguntou Tom McFarlane.

– O bolo?

– Claro que a droga do bolo! – Finalmente estourando, provando que ele era feito de mais do que pedra. – Ela não o levou com ela também? Ou ele já foi empurrado para algum outro homem insuspeito?

– Isto é uma coisa ultrajante a dizer, sr. McFarlane. As pessoas com quem lido são honestas, homens de negócios e mulheres que trabalham duro. – Ela devia ter parado então. – Além do mais, ninguém quer um bolo de casamento de segunda mão. Especialmente um bolo com o brasão de outra pessoa decorado nele.

– Não querem? Que pena que o mesmo não possa ser dito sobre noivas. – Por um momento, ela pensou que ele iria deixar aquilo passar. Mas não desta vez. – Então? – exigiu ele, olhando para ela. – O que acontecerá com o bolo?

Desesperada para acabar com aquilo, mais uma vez ficou tentada a perguntar se isso na verdade importava.

As palavras estavam na ponta da língua, mas então, por um lapso de segundo, ela pegou um olhar rápido do homem por debaixo de tudo aquilo. Um homem que havia se feito trabalhando em feiras livres até chegar ao último andar de um prédio de escritório prestigioso, mas que nunca se esquecera de quão duro fora chegar àquela posição nem tampouco de onde viera e que estava apenas

horrorizado por tal desperdício dissoluto e esbanjador, e percebeu que, sim, para ele tudo aquilo realmente importava.

– Isto é você quem decide – disse ela.

– Então ligue para o confeitiro. Ele pode entregá-lo em meu apartamento esta noite.

Aquela era a sua chance de sugerir que ele estava brincando.

Teria ele ideia do quão grande era o bolo?

Ela se conteve, mas quando hesitou, ele se sentou novamente na sua cadeira e gesticulou para que ela seguisse em frente.

– Faça isso agora, srta. Smith.

Prestes a perguntar-lhe o que faria com mais de cinco quilos do mais rico bolo de frutas... Sem contar a pasta de amêndoas e a cobertura... Pensou melhor e não disse nada.

Talvez ele gostasse de bolo de fruta.

E quando se enchesse de bolo, poderia sempre alimentar os patos com o resto.

E dali para frente, a coisa só pioraria por causa de todo o material personalizado, que não serviria para nada além de aterro sanitário.

Menus, cartões marcadores de lugar, velas, biscoitos com os nomes deles e a data do casamento, pequenos presentes de prata para os convidados... Ela conseguira negociar a devolução dos presentes. Todas as espécies de tolices personalizadas, cada uma impressa com o nome dos noivos e a data nupcial que nunca aconteceu.

Não havia uma única coisa que Candy não supervisionasse na sua busca pelo casamento mais extravagante e mais falado da estação.

A lista continuou, mas a única outra fatura a provocar uma reação foi a *bonbonnière*.

– Bem, aqui está algo diferente – disse ele, entregando-se a um toque de humor. – Uma tradição francesa para desperdício de dinheiro em vez de britânica.

Vendo luz no fim do túnel, ela estava preparada para arriscar um sorriso, mas, em vez disso, prendeu a respiração enquanto a guarda dele baixava momentaneamente e percebeu a depressão cinza debaixo dos olhos.

Talvez ele tivesse escutado, porque levantou o olhar com um leve franzido na testa.

– O quê? – exigiu ele.

Ela meneou a cabeça, conseguiu alguma espécie de resposta sem sentido que pareceu satisfazê-lo, mas, depois disso, manteve a cabeça baixa, e finalmente estava tudo feito exceto pela última fatura. A que tratava de sua própria remuneração, que ela reduzira 20 por cento, mesmo que o cancelamento tivesse causado tanto trabalho quanto o dia do casamento causaria.

– E você também não oferece garantia nem o dinheiro de volta – disse ele.

– Os serviços de minha empresa carregam uma garantia – assegurou ela.

– Mas nenhuma que cubra substituição das partes.

O que era quase uma piada, mas, desta vez, ela nem sequer pensou em sorrir.

– Temo que não, sr. Macfarlane. A noiva é de total responsabilidade sua.

– Verdade – disse ele, surpreendendo-a. – Mas talvez você esteja perdendo uma oportunidade de negócio – continuou ele enquanto, finalmente, preenchia o cheque. – Seria tão mais simples se pudéssemos escolher aquelas que preferimos de uma lista de qualidades exigidas e fazer um pedido pela esposa perfeita.

– Como uma máquina de lavar? Ou um carro? – perguntou ela, imaginando o que, exatamente, seria sua especificação para uma esposa. E se ele ajustara isso à luz dos atuais eventos.

Escolha algo menos glamouroso, mais útil e doméstico.

– Tal como desempenho, estilo, acabamento... – Ela estivera perigosamente perto do sarcasmo, mas ele pareceu aceitar a analogia seriamente.

– Isto soa quase certo. – Então, enquanto ele destacou o cheque do talão, disse: – Porém esqueça economia. Mulheres rápidas e carros rápidos têm isso em comum. São ambos caros para manter. E você ainda leva prejuízo na troca. – Ele não lhe entregou o cheque e continuou olhando para ela. – Bom negócio para você, todavia.

– Não sou assim tão cínica, sr. McFarlane – assegurou ela e, recusando-se a sentar ali feito uma idiota, enquanto ele a fazia esperar para entregar o cheque, aproveitou para juntar seus papéis.

Enfiou-os de volta na pasta, levando todo o tempo do mundo para fazê-lo, somente para provar que estava tranquila.

Que nada era mais importante nesse momento do que sair rapidamente daquele escritório para poder recuperar o controle de sua própria respiração e de seus hormônios, que estiveram trabalhando por conta própria o tempo todo desde que fora confrontada de perto por tudo o que Tom McFarlane tinha em abundância. E ela não estava pensando no dinheiro.

Quando tudo estava terminado, olhou para ele e disse:

– Ninguém, não importa quem seja, obtém mais do que um casamento planejado pela SDS.

– Falando pessoalmente, isto não será um problema. – E então dobrou o cheque em dois e o enfiou no bolso de sua camisa. Ela não acreditou... – Uma vez foi mais do que suficiente.

Ele se levantou e pegou seu paletó das costas da cadeira antes de dirigir-se à porta.

Não... espere...

– Vamos, srta. Smith? – instigou ele, abrindo a porta, esperando por ela.

– Vamos? – Ela se levantou muito vagarosamente. – Vamos para onde?

– Pegar todo este dispendioso, mas completamente desnecessário lixo pelo qual estou prestes a pagar.

Oh. Não. Realmente. Não fazia absolutamente nenhum sentido. Além do fato de que ela estava agora, seriamente, sem tempo e sem respiração. Seu pessoal não precisava dela para segurar-lhes a mão, mas a diva pop estava pagando por aquele tipo de serviço.

Sylvie estava realmente irritada consigo mesma por causa disso. Não o tempo que dedicava a Tom McFarlane, mas a parte da respiração.

Não era sequer como se ele tivesse *tentado*. Feito uma única coisa que provocasse a rapidez de sua pulsação ou o lamentável estado torcido de seus hormônios.

A não ser olhar para ela, o que era, aparentemente, suficiente.

– Ficarei m-muito feliz em descartar isso para você – disse rapidamente. Ela poderia pelo menos abster-se da indignidade de ter que levar tudo para o centro de reciclagem. Então, quando a oferta não recebeu aceitação por parte dele, ela continuou: – Ou posso arranjar que seja entregue.

Não era como se ele pudesse estar apressado para pegar algo.

– Se isso for mais conveniente para você – disse ele. O alívio dela durou pouco. – Presumo que não está planejando cobrar-me por armazenagem.

– Ah... não...

Ele assentiu.

– Deixarei o país esta noite... Minha agenda foi desmarcada, a *Villa* para lua de mel está paga... Mas posso segurar o cheque até eu voltar no mês que vem, e poderemos terminar isso então.

O quê?

– Ligarei para você quando eu voltar, posso?

Ligar para ela...?

Todo mundo tem seu ponto de explosão. O dele fora o bolo de casamento. Este era o dela.

– Você só pode estar brincando! Eu já abri mão de minha tarde para você e fiquei esperando por quase uma hora até que você chegasse. E tenho uma festa esta noite.

– Sua vida social não é problema meu.

– Não tenho uma vida social! – declarou ela furiosamente.

– Verdade? – O olhar dele foi breve, mas bem firme, deixando-a com a sensação de que fora tocada da cabeça aos pés de uma maneira muito íntima. *E gostando de cada momento.*

Então ele arqueou a sobrancelha numa fração de segundo, como se soubesse...

– Verdade – redarguiu ela. Todos os momentos acordada de sua vida foram passados certificando-se de que as outras pessoas se divertiam.

– Isto é negócio. E minha van, diferente de mim, não pode fazer duas coisas ao mesmo tempo.

Por alguma razão, aquilo o fez sorrir. E ela estivera certa sobre aquilo também reparando que algo no modo como um canto da boca dele erguia-se e a pele se franzia em volta dos olhos. Os olhos inflamaram-se...

– Sem problema – disse ele, trazendo-a de volta à Terra. – Por um preço razoável, contratarei para sua empresa uma das minhas vans.

POR DEBAIXO da descomedida colagem de balões, serpentinas e punhados de confetes com a qual a van de Sylvie, a que estava atualmente comprometida em algum lugar, estava pintada, poderia-se descobrir que sua cor original era tão negra quanto o atual humor dela.

A van de Tom McFarlane era um modelo idêntico.

Igualmente brilhante e bem cuidada, e igualmente negra.

No caso dele, contudo, o acabamento não era suavizado por alguma coisa mais festiva do que o logotipo de ouro de sua empresa.

Eles tomaram o elevador particular para descer para o estacionamento no subsolo em total silêncio. Sem outra escolha a não ser ir com ele, ela estava zangada demais para confiar em si mesma para a tentativa de conversa fiada.

A compaixão dela por ele fazia parte da história. Sylvie não se importava mais com o que ele estava sentindo.

Autossatisfação presunçosa, sem dúvida, em colocá-la à máxima possível inconveniência somente porque ele podia.

Ele tomou o caminho em direção ao igualmente negro e reluzente carro de luxo, que era, sem dúvida, seu transporte pessoal.

Rápido e de extrema classe com voluptuoso estofamento de couro creme, o carro cabia na sua especificação perfeitamente.

Para um carro ou para uma esposa.

Pena que Candy o tivesse descartado; ele *a merecia!*

Eles alcançaram a van. Ele a destrancou, abriu a porta do motorista e pegou as chaves.

Ela olhou para elas.

Estivera tentada em insistir em dirigir a van ela mesma, ao menos para reclamar o pouco do controle que ele lhe arrancara no

momento em que chegara ao seu escritório. Se ele estava realmente falando sério sobre cobrá-la pelo uso da van... e nada nele sugeria que tinha um senso de humor; o sorriso dele, quando finalmente soltou as chaves, foi voraz, parecia eminentemente razoável.

Ela estava farta de Tom McFarlane. Ele usara e abusara de todas as partículas de sua boa vontade, e ela não queria passar um minuto a mais com ele do que o absolutamente necessário.

Mas também queria aquilo terminado tão rápido quanto possível e estivera contando com o fato de que homem que era homem não seria capaz de ficar de lado observando-a carregar e descarregar a coisa sozinha.

Ela podia, é claro, estar enganando a si própria sobre aquilo.

Era muito possível que ele gostasse de observá-la trabalhando suado enquanto ganhava todos os centavos de sua... reduzida... remuneração. Ela já estava lamentando aqueles 20 por cento.

Merecia cada centavo deles naquela tarde.

Tarde demais agora. Precisava apenas pensar nos 80 por cento que seria paga. No dinheiro para todos aqueles fornecedores que tinham posto seus corações e almas em tornar o sonho de Candy realidade. E sua reputação de ser o tipo de mulher de negócios sólida, cuja palavra era totalmente confiável. Confiança que levava tempo para adquirir quando seu nome centenário tinha, da noite para o dia, tornado-se uma responsabilidade...

– Eu viria e daria a você uma mão, mas tenho que assumir a entrega de um bolo. Então, você precisa de uma ajuda?

– Não, obrigada – respondeu depressa, pegando as chaves e atirando sua bolsa no assento do passageiro. – Tenho uma destas e frequentemente eu mesma a dirijo.

– Não com esta saia e estes saltos, aposto.

Oh, maravilha!

Ali era onde raiva e falar sem pensar podiam levar você. Mas era tarde demais para mudar de ideia, porque ele não lhe dera a chance para fazer isso, e recuar graciosamente. Em vez disso, ele deu um daqueles olhares de “sei que você consegue”, que implicavam que aquilo era a última coisa que ele pensava, e retrocedeu, deixando-a continuar com aquilo.

Infelizmente, continuar envolvia levantar sua saia estreita suficientemente para que fosse capaz de subir no carro. O que foi mais do que o bastante para Tom McFarlane obter a visão do alto das meias e da roupa de baixo de renda.

O lado bom... Tinha que haver um lado bom... Era que seria um contra-ataque de tirar o fôlego para variar.

– Não que eu esteja reclamando – assegurou ele, aparentemente em perfeito controle de sua respiração.

E uma boa coisa também, decidiu ela. Um deles deveria estar no controle de suas funções corporais. Não que ela se importasse em dignificar a observação dele com uma resposta, mas deixou sua saia cair, alisando-a enquanto sentava, antes de colocar a chave na ignição.

– POR QUE DEMOROU?

Ela precisara tocar a campainha para que ele autorizasse sua entrada na garagem do edifício, e, assim que estacionou na vaga ao lado do elevador particular que levava à cobertura de Tom McFarlane, ele já estava ali, esperando por ela.

A impaciência dele a irritou um pouco.

A despeito de sua muito verdadeira e *justificável* raiva de Tom McFarlane, sua própria impaciência com todas as interrupções, toda a demora do trânsito, tinha sido conduzida não por sua necessidade de estar com um importante cliente em Chelsea, mas por um desejo cego, completamente insano, de voltar para ele. Para renovar a aguçada conexão fervorosa.

Ele podia tê-la deixado zangada, mas, pela primeira vez em anos, ela se sentia mulher, e aquilo era vicioso...

– Eu consigo descer – assegurou ela quando ele abriu a porta do carro e ofereceu a mão. A reação negligente da mulher moderna. Quando aquilo aconteceu?

Não importava; ele não deu atenção.

– Eu vi você conseguir uma vez hoje. Uma vez que já vi sua roupa de baixo, desta vez faremos do meu jeito.

– Um cavalheiro não teria olhado – ofegou ela, ofendida. *Ofendida pelo fato de que ele obviamente pensou que suas pernas não valiam*

uma segunda olhada.

– Você acha mesmo? Acho que isso apenas prova que eu não sou um cavalheiro. – Os olhos dele brilharam na luz difusa da garagem subterrânea. – Sua velha colega de escola não contou que era uma das coisas que ela mais gostava em mim? Depois do dinheiro. O risco. A percepção de que, pela primeira vez na vida, ela não estava no controle. – Ele se inclinou para junto dela o suficiente para que ela sentisse a respiração dele na sua face. Para que todas as células estremecessem de alta percepção. A pele dela se arrepiou.

– Ela estava brincando com fogo.

A boca de Sylvie secou. Aquilo funcionou para ela.

– Mas por outro lado – disse ele –, você não é nenhuma dama, srta. Smith, ou você teria aceitado minha oferta de ajuda. Portanto, vamos tentar novamente? Precisa de uma mão?

– A única ajuda de que preciso é com as caixas – declarou zangada. Certamente não precisava alçar a saia para descer. Tudo o que tinha a fazer era balançar as pernas para o lado e cair no chão, mas Tom McFarlane faria um esforço para enervá-la, portanto por que tornar aquilo fácil para ele?

Não era como se ela quisesse organizar aquele casamento em primeiro lugar... Especialmente não uma vez que conheceria o noivo... Mas Candy implorara, e, quando ela queria alguma coisa, ninguém conseguia negar-lhe. Exceto, parecia, Tom McFarlane.

E talvez a casa na Belgravia e a propriedade campestre fossem, afinal de contas, não negociáveis se você não estava casando por amor...

Em retrospectiva, pensou Sylvie, era fácil ver por que ela deixara tantos detalhes a cargo de Quentin, mas era realmente uma pena que, quando todos os seus instintos tinham sido provados certos, estivesse sendo castigada por esse homem não só por seu mau julgamento, mas pelo dele também.

E seu corpo parecia intencionado em juntar-se.

Talvez aquela fosse a razão pela qual em vez de pular, ela pôs suas mãos espalmadas contra a bainha da saia, numa maneira deliberadamente provocativa, como se tivesse a intenção de puxá-la para cima.

Para puni-lo... Punir ambos... Só de raiva.

Tom McFarlane não podia acreditar na maneira como estava se comportando. Ele já estava chamando a si mesmo de toda espécie de bobo. Havia limpado sua mesa, preparando-se para um mês longe, e tudo o que tinha que fazer era pegar um avião. Em vez disso, exigira a presença de Sylvie Smith no seu escritório para explicar a fatura. E então, como se não fosse ruim o suficiente para ambos, fizera um completo papel de bobo exigindo que ela entregasse uma pilha de lixo inútil no seu apartamento.

Já se submetera a uma tarde de tormento, olhando para as longas pernas dela enquanto ela as cruzava e descruzava e os sapatos sexy de salto alto realçando a beleza dos tornozelos delgados.

Elas eram o tipo de pernas que podiam dar ideias a um homem... Sempre presumindo que não as tivera no minuto que pusera os olhos sobre Sylvie e que não aproveitara a melhor parte das duas horas enquanto esperava por seu retorno para pensar nelas.

Mas bastava, e, antes que ela pudesse repetir o movimento com a saia, ele tomou de volta o controle, agarrando-a pela cintura para descê-la do carro.

Tomada de surpresa, ela ofegou enquanto agarrou os ombros dele. E não era a única sem respiração.

Junto a ele, por causa do abraço, o corpo de Sylvie Smith fez jus ao olhar promissor quando desabotoara aquela pequena jaqueta sexy. Toda feita de curvas suaves, era a espécie de corpo que pareceria perfeita em algo suave e pendente. Pareceria até mesmo melhor sem aquilo.

Por um momento, eles estavam envenenados, trancados juntos, apenas duas pessoas, se abraçando, o calor zumbindo entre eles, que estavam com apenas uma coisa na mente... Que, com toda certeza, não tinha nada a ver com convites de casamento.

Uma mecha do cabelo louro dela roçou a face dele, e, tão naturalmente quanto respirar, a mão dele deslizou por baixo da seda cor de chocolate para envolver a costela dela, seu polegar provocando a ponta de um sutiã de renda que ele sabia que combinava exatamente com o que só poderia ser uma enorme calcinha.

Não houve exclamação de ultraje. Em vez disso, enquanto o polegar dele deslizava sobre o pico excitado do mamilo, os lábios de Sylvie Smith entreabriram-se, sua respiração cresceu dissonante e o olhar em seus olhos era puro convite enquanto parecia fundida a ele, pendurada nos seus ombros como se eles fossem a única coisa que a mantinha de pé.

Seria impossível dizer se era o tremor que percorreu seu corpo, sua língua umedecendo seu lábio inferior quente ou o mínimo gemido baixo na sua garganta que precipitou o que aconteceu em seguida.

Ou talvez não fosse nenhuma dessas coisas. Talvez estivesse na sua mente desde o início, desde o minuto que ele pusera os olhos nela pela primeira vez, seis meses atrás quando entrara no seu escritório e desejou instantaneamente estar em qualquer outro lugar do mundo.

Por que ele provocara o encontro de hoje?

Por causa daquela conexão crua e primitiva entre dois estranhos, muito mais do que pelo casamento que permanecera como chumbo no íntimo dele por semanas, era essa a explicação para tudo o que acontecera hoje, e a conexão entre eles era tão inevitável quanto explosiva.

Controle? Quem ele pensava que estava enganando...?

Quando os lábios tocaram os dela, foi como oxigênio para um fogo que estava em combustão lenta por meses.

Num minuto, não havia nada. No próximo, era fogo abrasador. Sem parada...

De algum modo, eles chegaram ao elevador e ele apertou o botão que fechava as portas, mandando-o silenciosamente para cima enquanto eles praticamente arrancavam as roupas um do outro, desesperados por pele sobre pele. Simplesmente desesperados.

UM SINAL anunciou a chegada de um e-mail de seu escritório. Tom McFarlane esqueceu a viagem para Mustique, conduzido pela súplica de uma mulher para que tomasse o primeiro longo voo que saísse com um assento vago, mas retomaria as atividades com entusiasmo

assim que aterrissasse no leste. Trabalho. Trabalho sempre fora a resposta.

Ele abriu o e-mail. Leu a nota de sua secretária e praguejou. Então pegou o cartão-postal da Opera House de Sydney que estava ao lado do laptop. Leu a breve mensagem: "Desejaria que estivesse aqui." Não uma pergunta, mas uma afirmação, antes de rasgá-lo em dois pedaços.

VOU FICAR bem...

Famosas últimas palavras, pensou Sylvie quando olhou o teste de gravidez, mas então, quando disse aquelas palavras, não estava falando sobre o fato de que fizera sexo desprotegido com um homem de quem, a despeito do fato que fixara residência em seu cérebro, não sabia muito além do primeiro nome.

Ela esperara que ele telefonasse de Mustique, mesmo que somente para certificar-se de que não houvera consequências para os momentos de loucura deles.

Talvez, ainda melhor, apenas para dizer "alô". Melhor de tudo para dizer: eu gostaria de fazer isso novamente...

Aparentemente ele não gostaria. Sem dúvida ele pensou que ela lidaria com a possibilidade de quaisquer consequências inesperadas sem pestanejar. Era verdade; ela momentaneamente pensou sobre contracepção de emergência quando passara por uma farmácia no dia depois que Tom McFarlane fizera amor com ela. Então, como alguma garota adolescente comprando seu primeiro pacote de preservativos, saíra com uma nova escova de dente.

Não porque estivesse constrangida, mas porque decidiu pensar melhor sobre aquilo.

Ela estava se aproximando dos 30 anos, e um bebê não seria má notícia. Sorriu quando pousou a mão sobre seu abdômen ainda perfeitamente chato. Longe daquilo. Era notícia maravilhosa. Totalmente certa. Para ela, pelo menos.

O que o pai do seu bebê faria sobre aquilo era outro assunto. Ela desistira de esperar por qualquer espécie de telefonema dele quando recebera um cheque recentemente emitido pelo correio, anexado com uma folha de saudações com "liquidado por inteiro" digitado

sobre ela, seguido pelas iniciais indecifráveis de alguém. Não dele. Bem, não, ele estava passando um tempo na fabulosa *Villa* que Candy escolhera para a lua de mel.

Ele restabelecera os 20 por cento que ela deduzira e não podia ter afirmado seu ponto de vista mais sucintamente. Ele sabia exatamente o que estava fazendo. Recuperando o controle...

Ela devolvera os 20 por cento com uma nota breve, lembrando-o de que deduzira aquilo de sua conta. Idiota, sem dúvida, mas orgulho tinha seu preço, e aquilo fora essencial para deixar claro o que talvez ainda não estivesse.

Uma secretária respondeu para agradecê-la por apontar o erro, assegurando-a de que o sr. McFarlane fora informado.

Não poria nada em risco desta vez. Talvez enviasse uma carta formal de um advogado exigindo um teste de paternidade... Ele tinha o direito de saber que estava prestes a ser pai, mas deixaria claro que aquilo era algo com que ele teria que lidar sozinho, e se preparou para ligar para o escritório dele.

Duvidava que ele tirasse folgas facilmente e esperava firmemente que ele tivesse retornado cedo, mas foi informada de que ele estava ainda fora e questionada se ela queria deixar uma mensagem.

Ela declinou. Uma carta seria mais fácil. Daquela maneira podia manter-se fria. Pegou uma folha de seu papel de carta pessoal e destampou a caneta.

Uma hora depois, ainda estava sentada ali.

Como você diria a um homem que mal conhece que ele está prestes a se tornar pai? Principalmente depois que Candy havia compartilhado sua alegria de que arruinar seu corpo para prover-lhe com um herdeiro não fazia parte do acordo.

Como ela poderia dizer a um homem que aparentemente não tinha nenhum interesse em ter filhos que aquilo era a coisa mais mágica que jamais acontecera para ela? Compartilhar o quanto se sentia maravilhada, o quanto estava feliz?

Como a vida de repente tinha um significado verdadeiro?

Ela sabia que ele odiaria aquilo e, uma vez que não o queria zangado, trataria tudo como um negócio, direto ao ponto. Dar-lhe espaço para olhar para um momento de paixão febril e ver o que

eles tinham gerado juntos, de modo que ele pudesse, talvez, alcançar seu filho com o coração sem qualquer peso de responsabilidade para atrapalhar.

Finalmente, ela começou:

Querido Tom...

Não. Aquilo não servia. Ela destruiu a lembrança de gritar o nome dele enquanto ele trazia seu corpo zunindo à vida e apagou *Tom* e, atendo-se em vez disso à lembrança daqueles 20 por cento, escreveu:

Prezado sr. McFarlane... Aquilo, sim, era comercial.

Escrevo para avisá-lo que como resultado de nosso recente...

Ela parou novamente.

O quê? Como ela poderia pôr em palavras o que acontecera? A inesperada ternura dele. A alegria que trouxera lágrimas rolando pelo rosto dela...

Ele não entendera as lágrimas, como poderia?

– Estou bem... – continuou ela apenas dizendo. – Brilhante e maravilhosamente mais que “bem”. – E ela teria dito a ele, mas então Josie telefonara em pânico porque Delores estava louca por conta de uma substância ilegal meia hora antes que todos deveriam chegar e o confeitiro havia surgido com o bolo e não haveria tempo. E tudo que ela dissera foi “tenho que ir”.

Esperou que ele telefonasse. Continuou esperando que ele telefonasse, mas quando ligara para o escritório dele usando uma desculpa de lembrá-lo sobre o cheque, pois eles de alguma maneira tinham esquecido tudo sobre aquilo, fora avisada de que ele estava fora. Ele aparentemente a tinha tomado pela palavra dela e pego seu avião.

Vamos lá, Sylvie. Comece. Mantenha isso simples.

Como resultado de nosso recente encontro, estou esperando um bebê para julho.

Estritamente comercial e direta ao ponto. Fria. Exceto que não havia nada frio em ter um bebê. Quando vira o resultado do teste de gravidez, quase não pôde respirar...

Por favor, acredite-me quando eu digo que não o considero em qualquer modo responsável. Foi minha decisão ir em frente com

a gravidez, e sou perfeitamente capaz de sustentar tanto eu mesma como meu filho ou filha. Meu propósito em escrever não é para fazer qualquer exigência a você, mas porque obviamente você tem o direito de saber que está prestes a ser pai. Se desejar ser parte da vida dele ou dela, daria boas-vindas ao seu envolvimento sem qualquer expectativa de compromisso comigo.

* * *

ELA RISCOU as palavras finais sobre compromisso com ela. Podia ser comercial demais. Frio demais...

Asseguro-lhe de que não o contatarei novamente, ou jamais levantarei o assunto no improvável cruzamento de nossos caminhos. Se não tiver notícias suas, presumirei que você não tem desejo de estar envolvido.

*Sinceramente,
Sylvie Smith*

O QUE mais poderia dizer? Que ela jamais o esqueceria? Que ela derrubara a parede protetora que fora posta desde que Jeremy decidira que não estava preparado para o pior ou para o inesperadamente "mais pobre"... Pelo menos não com ela... Deixando-a com tudo no lugar para um casamento, menos o noivo?

Que ela seria sempre grata a ele por aquilo e pelo precioso presente de um bebê?

Uma nova família. A chance de começar novamente...

Não. Aquilo colocaria um fardo emocional nele. Qualquer envolvimento precisava estar livre de culpa, mas porque ele quisesse ser pai. Se ele não quisesse, bem, pelo menos daquele modo, seu filho estaria livre da amarga desilusão que ela sofrera nas mãos de seu próprio pai.

Alguma coisa caiu sobre o papel, manchando a tinta. Idiota. Não havia razão para lágrimas, absolutamente nenhuma, e ela as limpou do rosto, pegou uma nova folha de papel e escreveu sua carta, menos a parte que riscara. Então dirigiu até o outro lado do rio e

colocou a carta na caixa de correspondência de Tom McFarlane de modo que não fosse tentada a escrever novamente se ele não respondesse, no caso de ela ter sido extraviada pelo correio. Podia ter certeza de que ninguém mais abriria a carta e a leria...

Então, desde que não havia nada mais a fazer, foi para casa e começou a fazer planos para as mudanças que estavam prestes a acontecer na sua vida.

* * *

TOM CONSEGUIU obter o último assento no voo de volta a Londres. Quatro meses. Ele não tinha parado de viajar por quatro meses. Como um homem que está sempre correndo, estivera recordando-se constantemente de Sylvie Smith com lágrimas silenciosas correndo pela face.

Por um momento, naquele espaço totalmente calmo, quando ele derramara sua semente dentro dela, sentira como se o mundo inteiro houvesse de repente sido feito para ele, que ele era o caçador que voltara para casa com o maior prêmio do mundo.

Então ele vira as lágrimas dela e percebeu o que fizera. Ao mesmo tempo em que continuava dizendo "ficarei bem...", dissera ela "tenho que ir...", quando tudo que ele queria era mantê-la perto.

E trabalho, ele descobrira, não era a resposta, razão pela qual ele estava voltando para encará-la. Para implorar que ela o perdoasse, implorar por mais...

Prestes a atravessar o controle de passaporte, parou numa livraria... Com um voo pela sua frente de 12 horas, ele precisaria de algo para ler... E se descobriu confrontado pelo rosto que assombrava seus sonhos, tanto acordado quanto dormindo. Não chorando agora, mas sorrindo serenamente para ele do último exemplar de *Celebridade*.

Viu escrito em manchete: *O feliz evento de Sylvie!*

Ele não precisava de um intérprete para decifrar "feliz evento" e, por um momento, sentiu uma vontade de algo tão poderoso que se sentiu um homem com o mundo a seus pés. Ela estava usando algo suave e flutuante, e não havia nada para mostrar que estava

grávida. Somente o brilho especial de uma mulher que acabara de dizer ao mundo que teria um bebê e que estava totalmente excitada com aquilo.

O bebê dele...

Ele pegou a revista. Abriu-a e caiu por terra quando viu que a fotografia da capa tinha sido cortada. Dentro, a mesma fotografia mostrava que ela posara com um homem alto de cabelo louro, e a legenda dizia:

Nossa organizadora de eventos favorita, Sylvie Smith, que acabou de anunciar que está esperando um bebê para o fim deste verão, foi fotografada aqui com seu namorado de infância, o recém-divorciado conde de Melchester. Os planos de casamento haviam sido adiados quando o avô de Sylvie morreu, e, como Jeremy expressou-se, "a vida atrapalhou". É maravilhoso vê-los parecendo tão felizes juntos novamente e confidencialmente predizemos sinos de casamento muito brevemente.

ELE LEU aquilo duas vezes para certificar-se, então atirou a revista na caixa de lixo mais próxima e voltou para o check-in para mudar seu bilhete.

- Para onde você quer ir, sr. McFarlane?
- Isto não importa.

Capítulo 3

JOSIE FOWLER se afundou por inteiro no sofá que tinha custado os olhos da cara, que foi provido para o conforto de sua clientela. Com os pés bamboleando sobre o braço do sofá e seu braço protegendo seus olhos, ela gemeu.

– Foi dormir tarde? – perguntou Sylvie.

– Tarde demais. Tenho que lhe dizer que você é, sem dúvida, uma grande organizadora de fantásticos casamentos.

– Organizadora de *eventos* – disse Sylvie, fazendo uma careta. Ela estava tão *cheia* de casamentos. – Somos SDS *Eventos*, Jô.

Fantásticos ou não, casamentos não são diferentes de qualquer outro trabalho.

– Pela sua reação, eu presumo que tudo correu de acordo com o planejado ontem?

Em outras palavras, por favor, diga-me que a noiva não reconsiderou na última hora.

– *Por favor!* – Josie, em tom de rainha dramática, a despeito de suas botas de cano alto e seu penteado punk, ambos roxos, levou ambas as mãos ao coração.

– Qual *evento* SDS ousaria desviar-se do “plano”?

– Segundo meu avô – disse ela num esforço para não pensar sobre o fiasco do evento Harcourt-McFarlane... Prometera a si mesma que não pensaria naquele pesadelo ou no efeito Tom McFarlane mais do que três vezes ao dia e já estava acima daquela quantidade... –, o primeiro desastre de batalha é sempre “o plano”.

Ela passou a mão sobre o bebê crescendo debaixo de seu coração... Prova viva daquele pequeno sermão.

– Este seria seu avô, coronel-chefe do regimento, certo?

– Certamente não era meu avô playboy. Sua ideia de “um plano” era pedir bastante champanhe para flutuar um couraçado de batalha e deixar tudo o mais para outra pessoa se preocupar. – Incluindo a conta final. E o mais doce homem sobre a Terra. – Como você aprenderá, quando as emoções estão envolvidas, tudo pode acontecer – continuou ela enquanto, carta na mão, cuidadosamente colocava um tique em um dos planos que ocupava todos os centímetros disponíveis no espaço de parede.

Aquele era para uma comemoração de bodas de prata. Então com as mãos nas costas, ela se empertigou cuidadosamente.

– Você está bem? – perguntou Josie. – Sente-se, posso fazer isso.

– Está feito – disse ela, afastando sua preocupação. – Não complique as coisas. Conte-me sobre o casamento.

– Já lhe contei. Foi fabuloso. – Ela fez uma pausa. – Você não está ainda sofrendo pela noiva que fugiu, está?

– Não! – Sua calma lendária desapareceu um pouco, e não apenas por causa do casamento que nunca existiu. – Não – repetiu ela, contendo-se. – A única coisa pela qual não posso ser responsável é a noiva se arrepender. Mesmo que ela encontre consolo em um dos meus empregados.

– Você não é responsável! Pelo amor de Deus, isto foi há mais de seis meses. Até mesmo o noivo já deve ter se recuperado no momento.

– Não sei nada a respeito. – Tudo o que ela sabia era que ele não respondera sua carta. – Podemos, por favor, nos concentrar no casamento de ontem? – disse ela, afastando o pensamento daquela longa tarde que passara com Tom McFarlane. A solidez dos ombros dele debaixo de suas mãos. O toque suave das mãos sobre sua pele. Aquele irresistível e opressivo desejo, que quando ele olhara para ela e a tocara...

A única coisa na mente dele tinha sido compensação instantânea com a primeira mulher que cruzou seu caminho.

Tinha sido nada mais do que uma reação por ser descartado, ela sabia. Uma completa necessidade masculina de ter seu ego restaurado. Com talvez uma pequena retaliação, dando o troco para ficarem quites. Só para o caso de ela precisar sentir-se péssima a respeito de si mesma.

– Ouça, se você não confia em mim, Sylvie, talvez você devesse encontrar alguém...

Livrando-se do perigo de escorregar na autopiedade, ela disse:

– Oh, Josie... É claro que confio em você! Não deixaria um evento de tão grande importância para uma pessoa na qual eu não tivesse o máximo de fé e confiança. Além do mais, eu sei que você preferia estar coordenando uma festa de casamento na Cotswolds do que sendo babá de uma conferência dos direitos das mulheres em Londres. Mulher sensata como você é. – Então, com determinada esperteza, ela disse: – Então, nem um único soluço certo? Não haverá nenhuma reclamação quando eu mandar ao pai da noiva a conta final?

– Qualquer um que não a conhecesse melhor, Sylvie, pensaria que você só se importa com dinheiro.

– Eu lhe asseguro, não faço isso por diversão – replicou ela.

– Oh, certo. Como se você não se empenhasse para assegurar que todos os pequenos detalhes estejam perfeitos, de modo que a noiva tenha um dia que ela jamais esquecerá.

– Isso é apenas bom trabalho, Jô. Meu tipo de trabalho é exatamente do mesmo padrão para todos os eventos.

– Você é uma perfeccionista, não há dúvida sobre isso, mas faz sempre parecer que se empenha mais nos casamentos.

– Eu só me preocupo mais, é isso. Não é como uma conferência ou algum evento empresarial, é? Para as duas pessoas envolvidas, é uma ocasião única na vida. Se algo sai errado, eles não vão dizer: “oh, bem, esqueça. Não tem importância. Teremos os fogos na próxima vez”. – Pelo menos espero que não.

– Sei disso! Você é como o resto de nós. Por baixo desse exterior gelado, bate um coração de pura pieguice.

– Bobagem. Pieguice, deixe-me contar-lhe, não paga as contas – disse secamente. Certamente não tinha sido “pieguice” o que

sentira...

Não. Ela estava exausta de pensar em Tom McFarlane. Cansada e caminhando para a falência.

– Então? – continuou ela desesperadamente. – Fizemos bom trabalho?

– Fizemos excelente – disse Josie pondo os pés no chão. – Foi perfeição do momento que a noiva chegou em sua carruagem de contos de fadas até que os últimos fogos esvaecerem no céu da meia-noite. – Ela suspirou. – Você estava absolutamente certa, a propósito, em ter resistido ao rogo da noiva por laços no rabo dos cavalos.

– Você não disse isso quando a noiva ficou histérica no escritório – lembrou-lhe Sylvie. – Como eu me recordo, suas exatas palavras foram: Dê à vaca boba o que ela quer...

– Simplesmente não tenho sua classe, Sylvie.

– É fácil se empolgar. – Perder o foco do que um casamento realmente significa quando pressionada a ceder a qualquer detalhe exagerado. – Quando ficar em dúvida, pense como se fosse uma situação de plumas e cachos. Se você tem plumas no chapéu, quem vai notar os cachos?

– Viu? Eu escolheria ambos todas as vezes. Suponho que seja a diferença entre Benenden e uma escola estadual qualquer.

– Não necessariamente.

Aquilo certamente não tinha impedido Candy Harcourt de escolher plumas, cachos e todas as outras bugigangas conhecidas pelas mulheres em geral, mas só que ela tivera um grande vazio para preencher, um que precisava de todas as quinquilharias que podia agarrar, e aquilo ainda não tinha sido o bastante.

Quando caíra na real, Candy precisara apenas do homem que amava e de um par de testemunhas.

É claro que isso aconteceu porque a família dele teria feito tudo que podia para impedir aquilo se tivesse sido avisada com antecedência.

A família mandou a Sylvie uma fotografia que alguém tirara deles depois da cerimônia, junto a uma nota de Candy desculpando-se por

deixá-la para lidar com a “bomba” e outra, de Quentin, apresentando sua exoneração da empresa.

Era óbvio que ele estava esperando que ela implorasse que ele voltasse, mas ela conseguira resistir à tentação, e, para seu alívio, ele já tinha sido fisgado por um dos seus concorrentes.

– Além do mais – disse ela, fazendo o máximo para banir Candy, Quentin e seu, de algum modo, final feliz, da memória –, você tem bastante do senso comum das ruas, Jô. Uma olhada sua, e todo mundo pensa duas vezes em dar-nos algum golpe. – Tom McFarlane não teria causado a Josie nenhum problema de momento, pensou. – E ninguém é melhor em manter tudo correndo bem nos bastidores no grande dia – continuou ela. – Contratar você foi a minha melhor jogada. – O que era, a despeito de muitos avisos que recebera para fazer o contrário, absolutamente verdadeiro.

Josie olhou para ela, engoliu em seco e murmurou:

– Obrigada. – E numa tentativa de disfarçar sua confusão, curvou-se para ver o que ela estivera fazendo. – Ei, você encontrou outro aventureiro?

– Esperemos que este não invente uma escalada e quebre algo vital antes do grande dia. Agora tudo de que preciso é que o feliz casal finalize a escolha do menu e, uma vez que o Rolling Stones está um pouco fora do orçamento, uma banda a fim de que os convidados possam recordar sua juventude numa noite de rock and roll. – Mudando de assunto, ela disse: – Aquele novo serviço de bufê fez bem o trabalho?

– Pelo amor de Deus, Sylvie! Eu lhe disse que foi perfeito!

– Não existe perfeição – respondeu com um sorriso. – Apenas encontre-me alguma pequena coisa, e vou parar de me preocupar.

– Idiota. Tudo bem então, os cavalos evacuaram na frente da igreja, daí minha mudança de opinião sobre as fitas na cauda. Isso serve?

– Isso é perfeito – disse. Sylvie sabia que aquilo era idiota, mas sempre haveria *alguma coisa*; era como esperar que algo ruim acontecesse. – Você se certificou de que tudo foi devidamente limpo?

Josie sorriu.

– Tive sorte. O pároco da igreja estava esperando uma doação pelas suas rosas, e ele já estava pronto com um buquê e uma pá.

– Ambos tiveram sorte então.

– Certíssimo. E, para descansar totalmente sua mente, as flores eram de outro planeta – disse Josie, erguendo sua mão e contando nos dedos os itens, um a um. – O coro estava angélico. O serviço de bufê, definitivamente um achado. O quarteto de cordas, apesar de não ser meu tipo de música, tocou divinamente. Até mesmo o sol brilhou. – Acabando os dedos, deu de ombros. – O que mais há?

– Quer uma lista? – Sylvie ergueu sua própria mão, pronta para contar nos dedos os cinco lendários piores desastres de casamento que todos os organizadores temiam.

À parte o de a noiva mudar de ideia dias antes do casamento.

Ou a organizadora do casamento perder a linha com o desolado noivo, pensou ela, esquecendo a lista enquanto colocava a mão no ventre sobre o bebê que estava carregando.

Aquele era um item de fofoca que teria feito um estardalhaço numa revista como Celebridade, e Sylvie suava frio só de pensar que pudessem descobrir de quem era o bebê que ela estava carregando.

Não que eles não tivessem tentado. Jeremy tinha ficado menos do que deleitado em ser apontado como uma possibilidade e ligara para ela exigindo que negasse os boatos.

Foi cruel não negar, e talvez, se ele não houvesse se comportado como um pomposo imbecil, ela teria feito aquilo. Não que ele realmente tivesse mudado, percebeu ela. Era ela quem mudara, mas somente depois de desperdiçar dez anos...

– A lista? – incitou Josie, olhando para ela um pouco estranhamente. Ela pode não ter acreditado na versão oficial, que a gravidez de uma mãe solteira tinha sido planejada usando um “doador”. Ela não elaborara, e Josie não perguntara. E, chegando aos 30 anos sem parceiro e com um relógio biológico correndo, mesmo seus amigos mais íntimos deixaram passar aquilo sem mais do que um leve arcar de sobrancelhas.

– Oh, certo, a lista...

Antes que ela pudesse começar, o telefone tocou.

Ela olhou para o identificador de chamadas e, pegando o telefone, disse:

– Oi, Laura. Como vai você?

– Muito bem, obrigada, Sylvie, mas como sempre, preciso de um favor.

– Deixe-me adivinhar. Você quer um “Evento SDS” para o leilão silencioso deste ano, no almoço do Clube Fita Cor-de-Rosa.

– Não... Bem, quer dizer sim... já que está se oferecendo. Levantamos uma boa quantia no ano passado.

– Então SDS Eventos é toda sua.

– Muito generoso de sua parte. Obrigada. Anotarei aqui... – Ela pausou, presumivelmente para anotar aquilo.

– Então? – incitou Sylvie. – Qual é o favor?

– Oh, sim! É um grande favor, embora, desta vez, eu esteja em posição de oferecer-lhe alguma coisa em troca de seus esforços.

– Oh? – No outro lado da linha, Laura parecia realmente excitada, mas sem esquecer o fato de que ela estaria realmente fazendo um “esforço”, Sylvie se sentou e, pegando seu laptop, disse: – Tudo bem, diga.

– Você não vai acreditar nisso, mas acabei de receber um telefonema da revista *Celebridade*. Eles querem fazer uma reportagem sobre instituição de caridade e querem usar nossa feira de casamentos da primavera como cenário.

Estão até mesmo nos oferecendo uma generosa doação pela nossa cooperação.

– Eles estão? – Não era de admirar que estivesse tão excitada. – Normalmente só pagam por cobertura exclusiva – avisou ela. – Isto deixará a imprensa local bastante chateada. Willow Armstrong tem dado muito apoio.

– Eu sei, mas não afetará a cobertura local. A *Celebridade* está preparada para ser generosa porque faremos o que estiver ao nosso alcance para o sucesso do décimo aniversário do clube. Esta é a razão pela qual me aproximei deles em primeiro lugar. Sua mãe sempre foi uma das favoritas deles. Todas aquelas festas maravilhosas...

– Sim.

Dar festas era uma tradição familiar. Experiência que ela pusera em uso lucrativo quando tudo mais falhara.

– Então, que favor você quer de mim?

– Bem, sua mãe fundou a instituição de caridade...

– Sim.

– E você é nossa Presidente Honorária...

A demora de Laura em especificar o favor que queria estava começando a deixá-la ansiosa.

– E?

– Bem, tudo isso se encaixa tão perfeitamente, não vê? As festas de sua mãe. E agora você é a organizadora de casamentos no alto da lista de desejos de todas as noivas.

– Organizadora de eventos, Laura. Casamentos é apenas uma parte de nossos negócios.

– Eu sei, eu sei, mas, honestamente, eles surgiram com a mais brilhante ideia. Uma que sei que você vai amar.

– Realmente?

No que dizia respeito à “ideia brilhante” tramada pelo editor de uma revista de fofocas, “amar” era improvável de ser sua primeira reação, mas Sylvie guardou o julgamento até que ouviu o que era.

– Realmente. Eles vão apresentar um casamento fantástico, usando nossos expositores. Isso vai ser exclusividade deles.

– Oh, entendo... – Realmente aquilo *era* uma boa ideia... – Bem, você quer que eu lhe dê algumas ideias para o casamento fantasia, é isso? Ficarei feliz...

– Não, Sylvie. Quero um pouco mais do que isso. – Laura quase não podia conter-se. – Muito mais do que isso, na verdade. O que eles querem é que você crie o *seu próprio* casamento fantástico.

– Meu? Mas não vou me casar.

Laura delineou nos lábios um pequeno traço de impaciência como se estivesse sendo particularmente obscura.

– Não, não, não... Você não vê? Você organizou tantos casamentos fabulosos para outras pessoas que todo mundo estará ansioso para saber o que você escolheria para si mesma.

Oh, confete!

O editor de entretenimento da *Celebridade* devia ter localizado o nome dela no cabeçalho e pensou que todos os aniversários dela chegaram de uma vez.

– Noiva, noivo, duas testemunhas e o oficial de justiça local? – disse ela esperançosamente.

Laura riu confiante que estava sendo provocada.

– Acho que a *Celebridade* vai querer alguma coisa um pouco mais de contos de fadas do que isso!

Oh, sim. A *Celebridade* iria querer tudo, incluindo o coração dela em uma bandeja, o qual eles aparentemente estavam prontos para extrair com uma faca rombuda.

Eles não poderiam ser mais óbvios.

– Pense no quão divertido será – continuou Laura. – Roupas maravilhosas, comida fabulosa, todos esses toques especiais pelos quais você é tão famosa. Arranjamos alguns expositores locais fenomenais, e você pode soltar-se totalmente...

– Laura – disse ela, interrompendo-a antes que aquilo fosse longe demais. – Sinto muito, realmente, mas não posso fazer isso.

Houve um momento de silêncio atônito. Então Laura se empertigou e disse:

– Eu sei que não haverá quaisquer grandes expositores londrinos, Sylvie, mas não há necessidade de ser tão demissível.

Oh, que chato, ela entendera mal. Não eram os expositores que ela estava descartando. Era o cenário de pesadelo inteiro.

– Não... – começou ela, mas já era tarde demais.

– Sua mãe, se ela ainda estivesse conosco...

Sylvie baixou a cabeça na mão, sabendo o que viria e incapaz de impedir.

– *Lady Annika* ficaria muito decepcionada em pensar que você nos recusou.

Não! Não! Não! Sylvie colocou a mão na boca para impedir um grito.

Josie, olhando para ela, falou:

– Problemas?

Ela simplesmente meneou a cabeça, incapaz de responder. Não eram problemas; aquilo era a rede de comunicação da velha garota

a pleno vapor, e, se nada mais funcionasse, as “velhas garotas” jogariam a carta da culpa sem pensar duas vezes.

– Você pode ser uma empresária importante atualmente, mas as pessoas ainda se lembram de sua família. Lembram de você. Você é uma garota local e tem o dever de vestir a camisa de sua cidade. – Como se sentisse que a atenção dela estava sumindo, Laura elevou sua voz a um nível capaz de cortar aço. – Esqueça a instituição de caridade de sua mãe... Aquelas pessoas deveriam poder contar com seu apoio.

A carta da culpa foi rapidamente seguida pelas exigências da “*nobre obrigação*”. Porque, mesmo quando a “*nobreza*” não valia mais a pena usar, a “*obrigação*” simplesmente se recusava a renunciar.

Culpa e dever. A praga dupla.

– Este evento não seria apenas vantajosamente fabuloso em termos profissionais para você, mas daria a alguns pequenos designers uma verdadeira chance de serem notados...

Certo! Basta!

Não há nenhuma necessidade de exagerar.

Uma vez que fora mencionado “sua mãe ficaria decepcionada”, Sylvie já sabia qual seria sua resposta e, ao se recompor, tentou seguir o fluxo.

– Laura...

– E quanto à remuneração que a *Celebridade* está oferecendo à instituição de caridade, bem...

– Laura, você nunca leu *Celebridade*?

– Bem, não. Não é meu tipo de leitura. Você não contará a eles, contará?

– Não, mas esta não é a questão. Se você alguma vez tivesse lido a revista, saberia que a razão pela qual não posso fazer isso é porque estou grávida de seis meses.

– Grávida? Não percebi. Quando se casou?

Sylvie acrescentou “ferida” à cadeia de expressões na voz de Laura.

– Não me casei, Laura. Não estou casada.

– Oh, *bem*, isto é melhor ainda. Você pode...

– Não – disse ela rapidamente, antecipando o que estava por vir. – Não posso. Não vou me casar. – Poderia aquilo ficar pior? – Eu só queria um bebê. – Ou melhor. Porque era verdade.

Uma vez que se recuperou do choque, percebeu que realmente queria a garotinha. Desesperadamente.

Laura momentaneamente gaguejou, mas rapidamente se recuperou.

– Oh, bem... Isso na verdade não importa, certo? Você não tem que aparecer no evento. Ninguém esperaria que você modelasse algo que escolheria para si mesma. Não antes do casamento. Má sorte e tudo isso. Estou certa de que a *Celebridade* pode arranjar uma modelo sócia.

– Precisam mesmo? Não poderiam encontrar alguém um pouco mais alta, um pouco mais magra? – disse ela, fazendo uma piada. Tentando não pensar no que Tom McFarlane faria com aquilo.

Ela esperara que ele lhe telefonasse. O que esperava que ele dissesse não ousava pensar a respeito, mas lhe dera a opção de desaparecer e aparentemente ele aceitara.

– Quanto a *Celebridade* está oferecendo? – perguntou ela, recusando estender-se. Ignorando o sofrimento. E certa de que ganharia, Laura lhe deu a resposta.

Num momento de rápida tentativa de solução, pensou que ela mesma poderia ser capaz de cobrir a quantia, comprar sua liberdade, mas, no mesmo instante, já sabia que aquilo jamais aconteceria.

Aquilo envolvia mais que dinheiro.

Envolvia levantar o perfil da instituição de caridade que sua mãe fundara. Uma chance de mostrar a uma plateia nacional o que eles tinham adquirido e talvez encorajar mulheres a estabelecer filiais em outras áreas. Instituições desse tipo, como todas as outras organizações, tinham que crescer ou morrer. Envolvia dar a artistas locais e artesões um palco nacional no qual pudessem mostrar seus talentos.

E aquilo era para ela também. Recusar a se esconder.

Estabelecendo a ideia na mente, Sylvie deu um suspiro profundo e disse:

– Realmente, Laura, isso não é o suficiente.

– O que não é o suficiente?

– A remuneração que a *Celebridade* está oferecendo a você. Não é o bastante.

– Não é? – perguntou Laura, surpresa com a desaprovação dela enquanto era atirada na defensiva. – Pensei que fosse muito generosa.

– Estou certa de que foi o que lhe disseram, mas para este evento... – Para que Sylvie Duchamp Smith organize um casamento de alto padrão, para que tenham outra desculpa para remexer o passado e especular a identidade do pai de sua filha –, terão de pagar duas vezes esse valor.

– Não!

– Oh, sim! – A revista pegara os orçamentos para alguns casamentos que ela organizara, e Sylvie sabia o que estava falando. Se eles queriam encher suas páginas com sua fantasia pessoal, a instituição que sua mãe fundara receberia o valor de mercado. – Pode acreditar na minha palavra.

– Oh, acredito – assegurou Laura, de repente agarrando-se ao fato que fisgara o peixe. – Talvez, como Presidente Honorária, você poderia falar com eles? Uma vez que você parece conhecer tanto sobre isso.

Ela lutou contra a tentação de lembrar à presidente da instituição que o posto de “Presidente Honorária” deveria ser somente aquilo, um título honorário, e disse:

– Deixe isso comigo. – Ela podia, se nada mais, usar a oportunidade de assegurar que o diretor de entretenimento mantivesse o foco no casamento fantasia e, para a completa cooperação dela, deixasse velhas histórias enterradas. – Então, onde tudo isso vai acontecer?

– Eu estive guardando o melhor para o fim – disse ela. – Foinos ofertado o uso de Longbourne Court para a feira. De volta para onde tudo começou.

Longbourne Court.

Sylvie, que esperava responder com entusiasmo, descobriu que sua língua se recusava a conectar-se com o céu da boca.

– Isso não é simplesmente perfeito? – disse Laura quando Sylvie não conseguiu dizer nada a ela.

Perfeição não existe...

Um simples “ótimo” foi o melhor que pôde conseguir.

– Foi comprado alguns meses atrás por algum empresário bilionário, e nós todas estamos impacientes, como você pode imaginar.

Oh, sim, ela podia imaginar. Aquilo tudo seria a conversa dos cafés da manhã e festas de bridge pelo condado.

– Obviamente, todas nós esperávamos que ele fosse morar ali, mas ele instruiu Mark Hilliard, o arquiteto...? – Ela pausou, esperando que Sylvie reconhecesse o nome.

– Hum...

– Ele instruiu Mark a desenhar os planos para converter a casa num centro de conferência.

– Hã?

– É uma pena, é claro – disse finalmente, dando-se conta da falta de entusiasmo de sua plateia. – É uma casa tão bonita, mas aí entra você.

Sim, na verdade, ali entrava ela.

– Como está “registrada como residência”, vai levar algum tempo desembaraçar, mas o evento da *Celebridade* dará ao lugar uma última oportunidade de ser visitado, e vem a calhar que o último ato da propriedade faça uma homenagem à sua mãe. E que você faça parte disso.

– Espero que o pessoal da organização não seja difícil demais – disse ela, sem comentar se seria ou não conveniente a sua participação nos momentos finais da casa enquanto residência. – Longbourne está vazia por muito tempo.

O astro do rock que a comprara originalmente não passara mais que uma semana ou duas lá, e, desde que caíra do terraço de sua cobertura de Nova York, deixando seus assuntos numa confusão, muitos anos atrás, não houvera nada a não ser fofoca e boatos sobre o que aconteceria à propriedade.

Não que ela estivera ouvindo. Tudo aquilo estava no passado. História apenas.

– Bem, o que quer que esteja planejado não vai acontecer até que o English Heritage tenha dado a última palavra sobre o assunto – disse Laura. – Isto é o que ouvi sobre o que estava acontecendo; George está no comitê local, você sabe. Foi quando me ocorreu que, nesse ínterim, nosso bilionário podia gostar da oportunidade de demonstrar suas credenciais como um bom vizinho.

– E ele concordou?

– Suponho que sim. Eu, na verdade, falei com uma mulher que parece estar a cargo da rotina administrativa da empresa, e ela ficou realmente entusiasmada em ajudar a instituição. Bem, todo mundo ficou tocado, não foi?

Mulher ao leme ou não, ela duvidava que sentimentalismo tivesse algo a ver com a decisão.

– O fato de que o proposto centro de conferência obteria muita publicidade grátis na *Celebridade* não teria nada a ver com isso, suponho?

– Oh, Sylvie! Não seja tão cínica.

Por que, só porque ela tinha uma reputação de organizar festas fantásticas e casamentos, todo mundo pensava que ela deveria ser sentimental? Eram apenas *negócios*...

– E mesmo que a empresa dele realmente tire algum proveito disso, bem, qual o problema? Sei que foi o seu lar, Sylvie, mas os tempos mudaram e o centro de conferência vai gerar empregos aqui. É uma situação vantajosa para todos.

– Suponho que sim – Sylvie tinha feito questão de ficar bem longe do lar de sua família desde que a casa fora vendida de portas fechadas para pagar os credores de seu avô, mas Laura estava certa. A publicidade seria boa para todos.

A instituição de caridade Clube Fita Cor-de-Rosa, fundada por sua mãe; designers locais; os comerciantes que seriam empregados para trabalhar na conversão, bem como os negociantes locais.

Na verdade, pensando bem, Melchester inteira aparentemente se preocuparia com qual vestido ela escolheria para usar no seu próprio casamento fantástico.

Fantástico era a palavra principal. Uma fantasia na vida já era suficiente, e ela não estivera brincando a respeito do cartório.

Mas com Longbourne Court na equação, a *Celebridade* teria que pagar muito mais que sua oferta original. Aquilo era grande, e, se eles quisessem parecer do bem-apoiados nas longas fitas cor-de-rosa da instituição de caridade de sua mãe, teriam que pagar pelo privilégio.

TOM MCFARLANE parou em frente dos altos portões de ferro fundido de Longbourne Court. Duas coisas estavam erradas: eles estavam totalmente abertos e, decorando-os, estava um grande laço de fitas cor-de-rosa.

Ele pegou seu celular e apertou a tecla de digitação rápida.

– Tom? – Como de costume, a executiva-chefe ficou surpresa em ouvi-lo. – Não é meio da noite aí onde você está?

– Neste exato momento, estou junto aos portões de Longbourne Court, Pam, e estou olhando para fitas cor-de-rosa. Por favor, diga-me que estou alucinando.

– Você está de volta à Inglaterra? – respondeu ela, ignorando o rogo dele. – Em Longbourne?

Uma longa e sonora buzina abafou sua resposta, o que provavelmente foi ótimo.

– Sinto muito se retornei em tempo de estragar a festa – disse ele, não poupando o sarcasmo –, mas tenho fitas cor-de-rosa na minha frente e um caminhoneiro nervoso com seu radiador a alguns centímetros da minha traseira. Apenas me diga o que está acontecendo.

– Olá, Pam – incitou ela ignorando a pergunta. – Desculpe se estou de mau humor, mas o fuso horário me perturba. Assim que eu tiver uma noite de sono decente, entregarei as encomendas assim com o gordo bônus que lhe devo por tomar conta de...

– Não estou de bom humor – preveniu ele.

– Não? Bem, está um dia adorável, e talvez, quando você alcançar a casa, terá lembrado onde colocou suas boas maneiras – replicou ela, completamente imperturbável. – Quando encontrá-las, você me encontrará na biblioteca administrando sua empresa.

– Você está aqui? – exigiu ele. Pergunta idiota.

Fitas cor-de-rosa e caminhões não apareciam sem alguém para organizá-los. Pam obviamente pensou assim também, considerando que sua única resposta foi o tom digital.

O chofer de caminhão buzinou pela segunda vez e, resistindo à tentação de praguejar contra o homem, ele estava apenas fazendo seu trabalho, qualquer que fosse, atirou o celular no assento do lado e dirigiu o carro pelos portões.

As árvores estavam estourando de folhas novas, e o parque que circundava Longbourne Court tinha a aparência de um palco para algum drama à fantasia, uma ilusão rudemente estraçalhada quando ele alcançou a subida.

A casa jazia dourada e quadrada sob os raios de sol brilhante, como sempre estivera na melhor parte de três séculos, mas o único cavalo de potência aparecendo pertencia ao século XXI. Caminhões, carros, vans.

O mais próximo pertencia a uma confeitaria que, de acordo com o letreiro, o veículo proclamava ao mundo em letras de cobre que se especializava em bolos de casamento encomendados com antecedência. Um olhar confirmou que havia serviço de bufê, fotógrafos, floristas... De fato, qualquer coisa que você pudesse imaginar...

A espécie de cena que ele tinha evitado seis meses atrás, quando Candy tinha decidido que só dinheiro não era suficiente para compensar a falta de linhagem dele e o trocara por um título. Não que "honorário" fosse um grande negócio, mas se tivesse ficado, acabaria se tornando uma *lady* no fim das contas.

Ela podia, com vantagem, ter aprendido algo com sua boa amiga Sylvie Smith. Esta não ficara brincando, fora direto para o rapagão; certificara-se de que o "namorado de infância", o que a tornaria uma condessa, não fosse embora uma segunda vez.

Capítulo 4

TOM ESTACIONOU seu carro de luxo na cocheira, ao lado do vistoso cupê importado de Pam e uma minivan preta e prateada que ele não reconheceu, mas que provavelmente pertencia a um de seus empregados. Dentro da casa havia alarido e vozerio, um verdadeiro caos enquanto os proprietários dos veículos papeavam de maneira confusa, aparentemente no processo de estabelecer um negócio na sua casa.

Ele não parou para perguntar que diabos eles pensavam que estavam fazendo. Em vez disso, procurou a pessoa responsável. A mulher que ele deixara para manter sua empresa funcionando enquanto ele se colocava à maior distância de Londres possível.

Encontrou-a sentada a uma mesa antiga na biblioteca, como se fosse a própria dama do solar.

– Que diabos está acontecendo aqui? – perguntou ele.

Ela olhou por cima de seus óculos.

– Belo bronzeado – disse. – Controle suas maneiras.

– Fitas cor-de-rosa – contragolpeou ele, recusando ser distraído.

– Talvez café ajudasse, ou você prefere chá? Melhor um bom chá de camomila para os nervos.

Ele colocou a mão sobre a mesa, inclinou-se para frente e, quando estava a poucas polegadas do rosto dela, disse:

– Fale-me sobre as fitas, Pam.

– Você tem que rastejar, seu patife – disse ela. – Seis meses! Você esteve fora seis meses! Tive que cancelar minha viagem à América do Sul e perdi totalmente a época de esqui...

– Perdeu a oportunidade de machucar algum órgão vital? – Ela quase sorriu. – Tenha dó, Pam, foi você que fez questão que a lua de mel fosse agendada, portanto eu podia me dar ao luxo de uma folga.

– O que eu tinha em mente era umas duas semanas tremendo de frio numa praia. Ou fazendo um inferno se fosse preciso. Pelo que me lembro, você não estava assim tão entusiasmado.

– Não estava e não fui. Quando cheguei ao aeroporto, troquei minha passagem pelo primeiro voo que partisse.

– E não disse a ninguém onde estava. Fez um ato de desaparecimento de seis meses!

– Porque não enviou e-mails. Ninguém se esconde de e-mail. Ela deu de ombros.

– Tentei incomodar o mínimo possível.

– Você não me engana, Pam Baxter. Você teve absoluto controle enquanto eu estive afastado e adorou cada minuto.

– Esta não é a questão! Você tem ideia do quão preocupada estive? – Então, provavelmente para distraí-lo do fato que recuara antes que ele tivesse se desculpado, disse: – E, quanto às fitas no portão, não sei nada sobre elas, mas se tivesse que imaginar, sugeriria que o Clube Fita Cor-de-Rosa as colocou lá.

Tudo bem. Ele se distraiu.

– O que diabos é o Clube Fita Cor-de-Rosa? – perguntou, recuando um pouco. Sabia que ela ficaria preocupada, mas mesmo assim não dera explicações. – E mais especificamente, por que estão pendurando fitas no meu portão?

Ela lhe ofereceu um folheto de uma pilha sobre a mesa.

– Dei permissão para que realizassem uma feira de casamentos aqui, portanto imagino que estejam fazendo propaganda do fato ao tráfego passante. Esta é a razão pela qual estou aqui esta semana – explicou ela. – O casal que toma conta do lugar faz um bom trabalho, mas não posso esperar que eles sejam responsáveis pela casa e seus pertences com tantas pessoas indo e vindo.

– Por quê? – perguntou ele.

– Porque eu dei permissão ao Clube para realizarem a feira aqui? É uma instituição de caridade local – disse ela. – Fundada por *lady*

Annika Duchamp Smith.

Ele olhou para os sinos de casamento e ferraduras que decoravam o folheto por um momento, antes de deixá-lo cair e se deixar cair também numa antiga poltrona de couro.

– A família Duchamp foi proprietária da casa por gerações – disse ela quando ele não respondeu. – O brasão deles está no portão.

– Verdade. Bem, isto cobre os Duchamp. Qual é a história sobre os Smith? – perguntou, lembrando-se de uma Smith em especial com aquela fria marca aristocrática inglesa e uma voz que dizia ao mundo todo que eles precisavam saber sobre a classe dela e seus antecedentes.

Uma Smith com olhos azuis prateados, que não somente pareciam como se pudessem causar caos se tivessem em mente, mas que tinham ido em frente e causado.

Pam deu de ombros.

– Presumivelmente, *lady* Annika se casou com sr. Smith.

– Por seu dinheiro, mais do que por seu nome aparentemente, uma vez que ela escolheu não renunciar o seu próprio.

Por um momento, quando a palavra *caridade* fora invocada, ele se viu recuando um pouco, mas se recuperou rapidamente. Aquelas pessoas defendiam tudo o que ele detestava.

Privilégio, riqueza herdada, uma crença na própria superioridade inata deles.

Pessoas para as quais caridade significava nada mais do que outro evento social.

Por um tempo, ficara deslumbrado também. Depois, completamente cego, mas tinha ambos os pés firmes no chão agora.

– Será preciso muito mais do que bancar a rainha da caridade para colocar *lady* Annika de volta em Longbourne Court – disse ele.

– Bem, na verdade, *lady* Annika...

– Estou falando sério – interrompeu, não interessado no tratamento hierárquico da tal *lady* Annika. – Dê à turba do clube das fitas uma doação se você acha que eles estão fazendo um bom trabalho, mas livre-se deles. E de toda essa feira ridícula.

– Não entendo – replicou ela –, mas receio que não tem mais jeito. Mesmo se não fosse tarde demais para retirar a permissão,

não retiraria. A revista *Celebridade* está cobrindo o evento... Razão pela qual precisamos de um ensaio de vestimenta a fim de que eles possam tirar fotografias. Seu centro de conferência está prestes a obter a espécie de publicidade que o dinheiro simplesmente não pode comprar.

– Você não sabia que eu estava planejando um centro de conferência.

– Ah, por favor. O que mais faria com esta casa? Moraria aqui? Sozinho? Além do mais, nosso arquiteto preferido me enviou um maço de formulários do Departamento de Planejamento.

– Ele não perdeu tempo! – Então, percebendo que Pam estava olhando para ele de modo estranho, completou: – O que é bom. Reforcei a necessidade de continuar com isso quando falei com ele.

– Hã? Conseguiu achar tempo para falar com seu arquiteto?

– Era uma questão de prioridade. Quanto mais cedo começarmos com isso, melhor será.

– Neste caso, a publicidade é boa notícia.

– Você acha? Isto pode vir a ser uma surpresa para você, Pam, mas as pessoas... as *mulheres*... que leem revistas de fofocas, que vão a feiras de casamentos, não organizam conferências.

– Eu planejo conferências – disse ela.

– Você é diferente.

– Claro que não sou. E nunca perco uma edição de *Celebridade*.

– Você está brincando?

– Estou? – Ela não se amolou em assegurá-lo, apenas disse: – No fundo, você não passa de um misógino antiquado, estou certa, Tom?

– Não vai se safar com elogios...

– E talvez um tantinho esnobe?

– Um esnobe? – Ao contrário, ele era um homem que se fez por esforço próprio, cuja ex-futura noiva tinha decidido que, uma vez que gastou seu dinheiro, influenciada pela velha amiga íntima de escola, srta. Smith, o romance se perdera, a luxúria se dissipara e ele não era bom o suficiente para casar.

– Um esnobe invertido – disse ela, como se aquilo fosse melhor.

– Sou realista, Pam.

– Oh, certo, seria o realista que caiu da beira do planeta seis meses atrás, me deixando para proteger o forte.

– O que contradiz sua teoria misógina. Se eu desgostasse de mulheres, por que deixaria você responsável pela empresa enquanto eu passava um tempo muito necessário fora? Diferente de você, não tiro três férias por ano. E por que eu teria designado você minha assistente pessoal em primeiro lugar? Além do mais, mantive-me em contato.

– Porque sou muito boa no meu trabalho – disse ela, respondendo as duas primeiras partes da pergunta dele. – Mas, para sua informação, o e-mail ocasional para me manter atualizada sobre a propriedade, que você disse ter mandado de não se sabe que continente você estava na ocasião, a fim de que eu pudesse lidar com a papelada, não é manter contato, em absoluto.

– Tenho certeza de que mandei um cartão-postal do Rio – disse ele.

O único que ele realmente lembrava era o que ele não mandara.

– Aquele que dizia: “Gostaria que você estivesse aqui”? Quem me dera. Além do mais, queria saber como você estava. A propósito, você perdeu peso.

– Estou bem. Nunca estive tão bem! – Ela não pareceu convencida. – Estou falando a verdade, mas decidi que já que estava tirando folga, podia utilmente expandir meu império enquanto descansava.

– Isto não é expandir seu império, é chamado de atividade de transferência emocional – disse Pam, dando-lhe o que sua avó teria descrito como um olhar antiquado. – Se você fosse mulher, teria comprado sapatos.

– O que prova meu ponto de vista sobre mulheres – disse ele. – Imóveis são um investimento muito melhor.

– E, assumindo que você esteve realmente pensando, o que me deixou em dúvida – continuou Pam, ignorando aquilo e retornando para a terceira parte da pergunta dele –, eu sugeriria que é porque você não pensa em mim como mulher em absoluto.

– O que é o mais alto elogio que podia fazer-lhe.

– É mesmo? E você ficou surpreso que Candy Harcourt o tenha descartado?

Surpreso não era realmente a primeira palavra que vinha à mente. Aliviado... – Evadindo-se da pergunta, ele disse:

– Então, esta feira de casamentos é sua ideia para se vingar por eu deixá-la fazer seu trabalho?

– Bem, se eu soubesse que você estaria aqui, isso definitivamente teria sido um bônus. Simples assim, como você, estava sendo realista. Isto é negócio. *Estou* fazendo meu trabalho. Tomando conta de seus interesses na sua ausência. – Ela lhe deu um longo e duro olhar. – E, como minha última palavra sobre esse assunto, sugiro que se ajoelhe e agradeça a Candida Harcourt, ou deveria eu dizer à honrável sra. Quentin Turner Lyall?, por deixá-lo livre.

– Ela se casou mesmo com ele?

– É amor de verdade, segundo *Celebridade* – disse ela. E quando ele fez uma careta diante da menção da revista, continuou: – Seja grato. Um divórcio custaria a você muito mais do que o casamento fantástico que ela queria.

– Obrigado pelo voto de confiança. – Ele tirou uma mecha de cabelo impertinente de sua testa, que imediatamente caiu sobre ela novamente. Precisava ser cortado...

– Não é de você que eu duvido. – Ela deu de ombros – Aristocracia empobrecida é sempre um risco. Casar por dinheiro faz parte do pacote. Nos velhos dias, eles não tinham escolha a não ser cumprir o acordo, mas, nos dias atuais, o divórcio é tão lucrativo quanto. Não que eu esteja sugerindo que seu único atrativo seja fiscal.

– Em outras palavras, ela estava apenas se divertindo com um plebeu. Empolgou-se um pouco...

Outra coisa que Candy tinha em comum com sua velha colega de escola, Sylvie Smith. Não era de admirar que ela chorara. Ele só perdera Candy, enquanto a indiscrição de Sylvie podia tê-la feito perder a pele de arminho e o assento garantido na próxima coroação...

Pam levantou as mãos num gesto que podia ter significado qualquer coisa, mas tomando a oportunidade de mudar de assunto,

ele indicou os barulhos fora do hall de entrada.

– Parece que não tenho outra escolha a não ser aceitar que isto é fato consumado. Quanto tempo afinal tudo isso vai durar?

– A feira? Tudo vai terminar na segunda-feira.

– Uma semana? Tenho que aguentar as fitas cor-de-rosa nos meus portões por uma semana? – disse ele.

– Fique feliz que aqui não seja a Itália... Todo mundo o estaria parabenizando pelo nascimento de uma filha.

– Isto não é nem remotamente engraçado – declarou ele.

– Por Deus, Tom, pegue mais leve. – Então, mais gentilmente: – Se você tivesse me dado alguma indicação que estava voltando para a casa, eu o teria prevenido sobre o que estava acontecendo. Por que você não volta para Londres? Reveja todos. Longbourne Court ainda estará aqui na próxima semana.

– Boa ideia, mas combinei de encontrar Mark Hilliard aqui esta manhã.

– Posso adiar a reunião com ele para a próxima semana.

– Não – disse ele, levantando-se da cadeira e dirigindo-se para a porta. – Quero começar. – Ele queria submeter a casa à sua vontade. Fazendo-a inteiramente sua, colocaria um pontofinal no assunto.

– Me dê vinte minutos para tomar uma ducha e pode me deixar atualizado. Há água quente, suponho?

– Muita. Avisarei a sra. Kennedy para arrumar a cama na suíte máster.

– Obrigado. E se estava falando sério sobre café, seria bom também.

– Providenciarei isso. – Então, quando ele abriu a porta, ela gritou: – Oh, Tom, espere! Antes de você ir embora, queria preveni-lo...

– Vinte minutos – repetiu ele, fechando a porta, então se afastou para trás enquanto dois homens carregavam uma grande folha de madeira compensada pelo hall e para dentro do salão de festa.

Estivera longe por meses; não havia nada agora que não pudesse esperar vinte minutos.

Recolheu do carro sua sacola de viagem para passar a noite e então subiu as escadas.

Seu pé estava no primeiro degrau quando o som de uma voz de mulher vinda da sala de estar o fez ficar no mesmo lugar.

– Gosto de começar com as cores, Lucy.

Ele deixou a sacola cair e se moveu para mais perto. Ouviu outra pessoa dizer:

– Será um casamento primaveril então... Prímulas, narcisos... Amarelos?

– Não – disse rapidamente. Então, mais gentilmente: – Não amarelas. Abril está ficando tarde para os narcisos. Eu vi violetas enquanto dirigi pelo bosque, todavia. Por que você não dá uma volta pelos expositores e me traz tudo o que pode encontrar na cor violeta profundo até um roxo pálido. Com apenas um toque de verde, eu acho.

– Alguma coisa especial?

– Fitas, joias, acessórios. Pergunte ao florista o que terá à disposição. E não se esqueça de anotar de onde tudo vem...

Ela estava de costas para ele, à sombra do vão da porta, e absorvia tranquilamente tudo o que estava acontecendo. Bem antes de se virar, deu alguns passos para a região iluminada pela luz que vinha das portas da frente inteiramente abertas para que os trabalhadores transportassem um carregamento de armações de aço, e Tom soube exatamente a quem aquela voz pertencia.

Ele passara uma tarde inteira ouvindo aquela voz enquanto seguia item a item da fatura dela. Observando-a desabotoar sua jaqueta. Umedecer os lábios.

O tempo todo em que estivera longe, não fora a mudança de ideia de Candy que o impedira de dormir.

Foi o rosto corado de Sylvie Smith.

A lembrança de pernas longas, uma visão de renda. Seu corpo quente modelado ao dele. Suas lágrimas compadecidas.

As lágrimas dela o haviam assombrado, incomodando-o com culpa, mas agora ele entendia que as lágrimas não tinham sido pelo que ele fizera a ela, mas porque ela acabara de arriscar tudo o que

tinha por um momento de luxúria. Não era de admirar que ela não pudesse esperar para desaparecer...

SYLVIE SORRIU encorajadoramente para a jovem jornalista, a linha de frente da *Celebridade* cujo trabalho era pesquisar cenários e oportunidades para fotos, de modo que, quando o fotógrafo chegasse no domingo, não haveria espera. E para encorajá-la a dar à sua imaginação rédea solta no tocante ao casamento de fantasia.

Cheia de entusiasmo, a garota imediatamente pôs-se a caçar qualquer coisa que pudesse encontrar no esquema de cor escolhida.

Sylvie, sem o mínimo entusiasmo, deixou cair o sorriso amarelo que parecia ter sido fixado desde que chegara à Longbourne Court e olhou ao redor para o caos que tinha uma vez sido a sala de estar de sua mãe.

A mobília tinha sido retirada, armazenada em algum lugar para deixar a sala para os expositores, mas não fora o vazio que a machucara. Fora a inesperada descoberta de que, a despeito dos dez anos passados, muito pouco tinha mudado. Não era a diferença, mas a familiaridade que arranhava o fundo de sua garganta. Atingia seu coração.

Os quadros que uma vez fizeram parte de sua vida ainda estavam pendurados onde sempre tinham estado.

Cortinas de veludo, ainda azuis nas dobras profundas, mas desde que ela podia recordar-se, desbotadas num cinza-prateado onde a luz as tocava.

Havia até mesmo um cesto de toras na lareira que devia estar lá no dia em que os credores tinham se empossado da casa e de seus pertences aproximadamente dez anos atrás, tomando tudo para compensar a confusão que seu avô, na tentativa de recuperar a fortuna familiar, tinha feito.

Mas dirigir pelos fundos por meio dos bosques ao raiar da aurora, caminhar pela cozinha e ver a sra. Kennedy de pé junto à pia, seu pequeno grito de prazer e surpresa, o abraço que ela lhe dera enquanto ambas derramavam lágrimas, tinha sido como voltar no tempo.

Ela quase podia imaginar que sua mãe tinha saído apenas por uma hora ou duas e poderia a qualquer momento entrar pela porta, cachorros aos seus pés...

Ela engoliu em seco, piscou, lembrou-se do que estava em jogo. Esforçou-se em focar no trabalho em questão. Já decidira que o único modo de lidar com aquilo era tratar como se fosse um de seus próprios clientes. Apenas uma mulher de negócios, sem tempo para pesquisar os detalhes infundáveis que faria de seu casamento um evento para lembrar-se pelo resto de sua vida.

Distanciando-se de qualquer envolvimento emocional.

Aquilo era, afinal de contas, seu trabalho. Algo que ela fazia todos os dias. Nada para ficar excitada, exceto, é claro, que era justamente o que aquilo seria. Algo que a pudesse deixar nos céus, e não um trabalho qualquer em que apenas realizaria as tarefas.

Ela sacudiu a cabeça. Quanto mais rápido andasse com aquilo, mais rápido acabaria. Já tinha o esquema de cores, o que era um começo.

– Estarei na copa – gritou Sylvie para Lucy, já ocupada conversando com os expositores, procurando alguma coisa útil. Já fazia tempo que ela estava trabalhando também, caçando um tema para apoiar a coisa toda, alguma coisa original que não havia usado antes.

E o maior problema de todos que era o vestido.

Voltou-se e se viu bloqueada por ombros largos masculinos e experimentou uma desnorteada sensação de *déjà vu*.

Uma sensação que aquilo tinha acontecido antes.

E então olhou para cima e percebeu que aquilo não era uma ilusão. *Tinha* acontecido antes, exceto que, naquela ocasião, o homem em questão estivera usando listras finas azul-marinho em vez de caxemira cinza.

– Algum *bilionário*... – dissera Laura, mas não mencionara o nome. E ela não se preocupara em perguntar, fingindo que não se importava.

Importava-se agora porque não era apenas “algum” bilionário que comprara o lar de sua família e estava planejando transformar a casa num centro de conferência.

Era Tom McFarlane, o homem com o qual, apenas por alguns momentos, ela se perdera totalmente. Cujo bebê ela estava carregando. Que agarrara sua oferta de esquecer que aquilo jamais acontecera. Ela esperara pelo menos que ele tivesse acusado recebimento...

– Diga-me, srta. Smith – disse, enquanto ela ainda lutava para dizer um simples bom-dia, usando exatamente o mesmo tom de voz sardônico com o qual ele inquirira todos os itens de sua fatura todos aqueles meses atrás. O mesmo olhar com o qual ele a reduzira a uma gágá dissonante de hormônios incontidos.

A despeito de tudo, ela não fora capaz de tirar aquela voz, o calor daqueles olhos, o toque dele, o peso, o calor do corpo, de sua cabeça por semanas depois, meses, na verdade. Talvez não em absoluto...

O homem que ela mais queria ver no mundo inteiro. O homem que ela mais temeu ver porque fizera uma promessa e teria que mantê-la.

– O quê? – exigiu ela, uma vez que eles estavam claramente deixando de lado a civilidade. Mas nunca houvera qualquer coisa civilizada entre eles. Somente alguma coisa crua, quase primitiva. – O que você quer?

Pergunta idiota...

Ele não queria nada dela.

– Saber o que você está fazendo aqui. – Então, presumidamente apenas para mencionar o assunto *lar*, porque ele certamente devia saber que a casa uma vez fora o lar dela. – Na minha casa.

– É sua? – disse ela, conseguindo disfarçar a surpresa. – Disseram-me que algum bilionário comprara a casa, mas ninguém pensou em mencionar seu nome e também não perguntei. – E porque ela não tinha nada pelo que se desculpar... Não somente fora convidada ali, mas estava tomando parte naquela tolice à custa de grande inconveniência pessoal e nenhuma despesa pequena... – Se você me der licença, sr. McFarlane?

Estava certíssima em manter aquilo em nível comercial.

Ele não se moveu, mas continuou a olhá-la com aqueles olhos ferozes que eram aparentemente destinados a mexer com seu

cérebro.

O homem que temera ver. O homem que ansiara mais do que qualquer coisa ver, falar. Se ele apenas desse uma chance de deixá-la mostrar-lhe o ultrassom do bebê que eles tinham feito. Filha dele. Mas talvez ele entendesse o risco, o perigo de ser engolido num relacionamento que jamais pedira, nunca quisera.

Ela lhe dera aquele passe livre para “sair da jaula” e não podia tomá-lo de volta. E, uma vez que ele estava estudiosamente evitando o assunto, claramente não tinha a intenção de rendê-lo voluntariamente.

– Tenho muito o que fazer hoje – disse ela, incapaz de suportar outro momento e indicando que queria se livrar dele. Ela tivera intenção de parecer alegre e decisiva, mas o efeito foi indeterminado por uma leve vacilação do “t-tenho”.

Ela podia ter muito o que fazer, mas o vestido teria que esperar até que ela tivesse tomado bastante chá de camomila para extinguir o enxame de borboletas que estava voando logo abaixo do seu diafragma.

Exceto que não eram borboletas, mas sua garotinha praticando passos de dança. A garotinha dele...

– Acho que não – respondeu ele, não se movendo.

Bem, não. Ela não imaginara por um momento que seria assim tão fácil. Encurralada na passagem da porta, não tinha outra opção a não ser esperar.

– O que você está fazendo aqui? – repetiu ele.

Um homem veio pela porta da frente carregando uma pilha de cadeiras, e Tom McFarlane se moveu para deixá-lo passar, dando um passo mais próximo, de forma que ela ficou perto o suficiente para que o calor do corpo masculino a alcançasse e tocasse.

O calor a pegou de surpresa na primeira vez; ela teria jurado que ele era frio como pedra até que pusera as mãos em volta da cintura dela, deslizara as palmas da mão contra a pele nua de suas costas e a boca masculina descera sobre a dela, aquecendo-a até os ossos.

Frio não. Qualquer coisa menos frio. Mais como um vulcão... A espécie com minúsculos fragmentos de fumaça emitindo gazes,

prevenindo que a menor perturbação podia trazer aquilo à turbulência, vida em ebulição.

Sua única escapada foi retrair-se, dar um passo para trás.

Os olhos dele, brilhando perigosamente, sugeriam que aquele seria um movimento seguro, mas ela era esperta.

Não era mais a garota ingênua que deixara aquela casa quase dez anos atrás. Fizera uma vida por conta própria; usara todas as habilidades que tinha para construir uma carreira bem-sucedida. E não fizera isso fugindo de situações difíceis, mas confrontando-as. Sabia que ele tomaria uma retirada como um sinal de fraqueza, portanto, por mais difícil que fosse, permaneceu firme no lugar.

Mesmo quando ele continuou a desafiá-la com um olhar que alvoroçava as borboletas do seu estômago.

– No meio de uma feira de casamentos? – persistiu ele, quando ela não respondeu.

Ele não parecia particularmente feliz com aquilo.

E ficaria menos feliz ainda se soubesse a razão pela qual ela fazia parte daquilo. Pelo menos nesse ponto eles concordavam. Não que isso ajudasse.

– Estou, hum, trabalhando. A coisa toda da *Celebridade* – disse, oferecendo o mínimo na esperança que ele não estivesse interessado em detalhes. – A revista está cobrindo este evento.

– Eu ouvi a respeito – disse ele, inclinando-se para trás levemente, colocando um cotovelo em uma mão enquanto esfregava o queixo escurecido pela barba despontada numa urgente necessidade de barbear-se e olhava para ela com o cenho cerrado. – Então em que espécie de apresentação uma organizadora de casamento estaria trabalhando para uma revista de fofocas?

É claro que ele estava interessado.

Homens como Tom McFarlane... Mulheres como ela... Não se tornaram bem-sucedidos deixando escapar os detalhes.

– Eu não organizo apenas casamentos – replicou ela. – SDS, minha empresa, organiza todos os tipos de eventos. Comemorações. Fins de semana para empregados de empresas. Conferências...

Neste ponto, ela normalmente ofereceria mandar um folheto.

Lutou contra a tentação, mas somente porque teria que explicar a Laura como chegou a ser atirada para fora do que uma vez fora o lar de sua família.

– E quais desses eventos está sendo apresentado pela *Celebridade*
– Ele espalhou os dedos num gesto tão mínimo que aquilo tornou as palavras redundantes, mas que, todavia, expressava perfeitamente o que queria dizer – em uma feira de casamentos?

Ela deu de ombros discretamente enquanto tentava surgir com uma resposta que o mandaria na direção do teto.

A salvação chegou na forma de Pam Baxter, da cozinha.

– Tom? – disse ela, evidentemente surpresa em vê-lo. – Você ainda está aqui. Acabei de pedir à sra. Kennedy para preparar-lhe um café da manhã. – Então, olhando para ver com quem ele estava falando... – Oh, oi, Sylvie – disse ela, localizando-a nas sombras da porta. – Você já se apresentou a...

– Não houve necessidade... – Tom McFarlane cortou a introdução.
– A srta. Smith e eu já nos conhecemos. Pela capacidade profissional dela.

– Hã? – Então, atrasadamente entendeu o que ele quis dizer – Oh!
– Ela podia ter acrescentado alguma coisa a mais sob seu ofego. Nenhum deles lhe pediu para falar. Na verdade, ninguém disse nada pelo que pareceu um longo tempo até que Pam quebrou o silêncio. – Já se instalou, Sylvie? Tem tudo de que precisa?

– Instalar? – Tom McFarlane exigiu antes que ela pudesse responder, nunca tirando os olhos dela.

– O casamento de Sylvie está sendo representado pela revista *Celebridade* – disse Pam, que a salvou da aporrinhação de ter que dar a ele as más notícias.

– Seu casamento?

As partículas prateadas nos olhos cinzentos ficaram derretidas. Ele estava zangado. Bem, é claro que estava zangado.

Ele provavelmente pensou que ela arranjara a coisa toda, trouxera aquilo para a sua soleira numa tentativa de forçá-lo a revelar sua estratégia.

– Eles estão dando à instituição de caridade de Sylvie uma imensa quantia de dinheiro pela chance de representá-lo – disse Pam antes

que ela pudesse fazer qualquer coisa para tranquilizá-lo.

– Ela iria hospedar-se em Melchester, mas parece tão mais sensato tê-la hospedada aqui. Não é problema de falta de quartos.

– A instituição de caridade dela? – Ele se voltou para olhar para Pam, e, por um momento, Sylvie foi surpreendida por uma curiosa mistura de emoções. Alívio, grandemente, mas algo mais. Algo quase como *perda*...

Como se ser olhada por Tom McFarlane a trouxesse para a vida. O que explicaria a razão, desde que tivera que deixá-lo, aguardando a entrega daquela droga de bolo, pela qual sentira que algo estivera faltando.

– Sim, o Clube Fita Cor-de-Rosa? A mãe de Sylvie, *lady* Annika Duchamp Smith, o fundou.

– Seu pai foi esse sr. Smith? – disse ele.

Por um momento, Tom McFarlane estivera distraído, mas agora ele a olhava com mais desgosto, se isso fosse possível.

Alguma coisa faltando? Deveria ser o bom senso dela, obviamente.

– Sim – disse ela curtamente. – Ele era esse sr. Smith.

– E agora a instituição de caridade é sua?

– Tomei o lugar da minha mãe como Presidente Honorária, isso é tudo. Ajudo com levantamento de fundos quando posso. Como agora.

– Então você costumava morar aqui?

Ela o subjugara nessa parte. Ele não sabia. Mas sabia agora.

– Bem, sim – disse ela, fazendo o possível para implicar um negligente “Deus-do-céu-isso-foi-há-anos”. Como se isso não importasse. Acrescentando, com interesse educado: – Entendo que o plano é transformar o lugar num centro de conferência.

– E onde você ouviu isso?

– De alguém que vive aqui e que está envolvido com o English Heritage. – Ela deu de ombros. – Você não pode manter segredos no campo, sr. McFarlane.

– Não?

Havia algo quase ameaçador na pergunta. Um aviso.

Ignorando, esforçando-se em ser casual, como se realmente não importasse para ela o que ele faria com a casa, disse:

– Está dizendo que não é verdade?

– Oh, é verdade – assegurou, com o que podia somente ser descrito como um pequeno sorriso de satisfação... Que sugeria que ela precisava trabalhar na sua “negligência”. – Você tem problema com isso?

– Em absoluto.

– Um raro momento de acordo...

– Na verdade, eu ia oferecer os serviços de conferência da minha empresa. Pedirei ao meu escritório para mandar-lhe um folheto, posso?

Aquilo, pelo menos, teve uma reação. Uma brilhante e furiosa reação, mas Pam se adiantou antes que aquilo fervesse com uma interjeição rápida.

– É melhor eu pedir para atrasar seu café da manhã em vinte minutos. Sylvie? Posso providenciar algo para você?

– Obrigada, mas não preciso esperar, Pam – disse ela. – Conheço o caminho muito bem. – O que foi provavelmente a coisa errada a dizer, mas ela duvidava que houvesse algo que pudesse dizer que fosse certo.

Percebendo que aquela era uma conversa indo ladeira abaixo, Pam se pronunciou:

– Não é trabalho algum. Chá de camomila, não é? – E antes que ela pudesse dizer qualquer coisa a mais que irritasse seu chefe: – Você ficará bem no quarto de hóspedes? É quente o suficiente?

– É perfeito. Obrigada.

Pam esperou, evidentemente planejando acompanhá-la para fora do perigo, mas ainda presa na porta pela figura pétrea de Tom McFarlane, mas foi incapaz de escapar e, com um olhar significativo para ele, disse:

– Grite se precisar de alguma coisa, Sylvie. – E foi embora.

– Então, srta. Duchamp Smith...

– Apenas Smith. Sylvie – acrescentou com um toque de desespero... Que ridículo era aquilo? Aquilo não induzia a um convite para chamá-lo de Tom, e, desde que era ela quem estava no lugar

errado, disse: – Juro que não tinha ideia que fora sua empresa que comprara Longbourne Court, sr. McFarlane. – Ela enfatizou o sr. McFarlane, afirmando que não estava ali para rogar pelo seu bebê. Ou por ela mesma. – Se eu soubesse...

Ele não esperou que ela lhe dissesse que não teria aceitado o convite de Pam para ficar. Ele simplesmente se inclinou para perto e disse muito suavemente:

– Bem, agora sabe, portanto, não ficará muito confortável no quarto de hóspedes, certo? Ou lá em cima. Estou farto de pessoas do seu tipo.

Ela não tinha que perguntar que tipo de mulher ele pensava que ela era. Os 20 por cento diziam isso a ela, e como podia protestar quando a última vez que estiveram assim tão próximos ele tivera uma mão nas suas costas nuas e a outra encontrando a lacuna entre as meias e a renda de sua calcinha francesa, e nada em sua reação sugeriu que ela não estava feliz com aquilo...

– Prometo-lhe – devolveu com o rosto inflamando-se – que ficar confortável é a última coisa que se passa na minha cabeça. – Então, levantando a mão num gesto que indicava que gostaria de se mover e que queria espaço suficiente para fazer isso sem o risco de contato físico, ela disse: – Se me der licença, quanto mais breve eu começar, mais breve estarei fora daqui.

E finalmente conseguira dizer alguma coisa certa porque, sem outra palavra, ele deu um passo atrás, permitindo-a escapar.

Capítulo 5

TOM OBSERVOU Sylvie Smith rapidamente ir embora, ativa e com a cabeça erguida.

No último encontro deles, ela chegara com a roupa toda abotoada para os negócios, num terninho formal, cabelo puxado para cima num elegante estilo, maquiagem imaculada, mas não levava muito tempo para desabotoar a parte superior do traje, deixando-a solta. Aqueles grandes olhos azuis prateados, enfumaçados de calor, emitiam uma indisfarçável mensagem, aparentemente tão incapaz como ele de resistir à atração entre eles.

Hoje ele a pegou de surpresa, casualmente vestida com roupa solta de tecido macio rosa sombrio, que não disfarçava de modo algum sua condição, seu cabelo puxado para trás com um lenço de *chiffon* também rosa e nenhum botão à vista.

Ela estivera obviamente flertando menos e, todavia, o olhar ainda estava lá, pensou ele com o olhar masculino demorando-se sobre os quadris que estavam mais arredondados do que ele se recordava, calças largas que oscilaram um pouco quando ela vivamente caminhou em direção ao quarto de hóspedes provisório, chamando a atenção para seus sapatos baixos confortáveis.

Mas ele não precisava de saia curta e saltos altos para sentir a mesma onda de calor que o atingira um ano atrás, quando entrara no escritório dela atrás de Candy.

Quando seus planos de casamento tinham falhado, ele reagira causando problema para ela. Não que ela não houvesse merecido aquilo.

Então, idiotamente, ele respondera.

Fizera o possível para matar a chama que ela lhe causara, mas seis meses depois, seu corpo, direcionado, negado por meses, estava em fogo novamente.

A única diferença era que, desta vez, era ela quem estava se casando.

ESQUEÇA TOM McFarlane. Esqueça que pulara todas as vezes que o telefone tocava por semanas depois que teve que correr para salvar sua cliente de arruinar a própria festa.

Depois que ela voltara para encontrar o apartamento dele vazio... Mesmo depois de toda paixão, ele ainda fora na sua lua de mel...

Frio. Ele era frio...

Por debaixo do fogo, havia apenas gelo, ela se lembrou.

A atração sexual inflamada que fora tão inesperada e tão nova para ela tinha, para ele, sido nada mais que uma instintiva resposta masculina para uma situação carregada de tensão. Uma necessidade atávica em provar sua masculinidade diante da rejeição que sofrera.

Não tinha sido *pessoal*.

Se não acreditara nisso então, tinha se agarrado àquela esperança apesar da realidade, e ele certamente fizera um esforço para se certificar de que ela entendera os sentimentos dele naquela manhã.

Estou farto de pessoas do seu tipo...

Seu tipo sendo o mesmo de Candy Harcourt. Duas da mesma espécie. Não.

A verdade era que ele não sabia uma coisa sequer sobre ela. Não queria saber. Não estava interessado.

Sylvie afastou seu olhar da familiar vista distante da velha vila, pousada ao pé do vale ao longo do rio. A torre quadrada normanda da igreja. Esforçou-se para olhar as fotografias providas pela designer, que faria o possível para produzir o vestido de seus sonhos.

Havia apenas um problema.

Nenhum sonho.

Nenhum com a possibilidade de se tornar real, de qualquer modo.

Ela teria que ficar feliz com o que tinha. O que ela já realizara quando tomara controle de seu próprio destino, recusando-se permitir que este nunca mais tivesse que ser ditado pelas circunstâncias sobre as quais ela não tinha nenhum controle.

Passou a mão na barriga quando seu bebê se moveu, como se para lembrar-lhe que o destino tinha um modo de zombar daqueles que pensavam que a derrubavam, virando as páginas do álbum com a outra mão, esperando por alguma coisa, qualquer coisa.

Uma reação instintiva que dissesse "este aqui".

Aquilo não devia importar, mas idiotamente importava. Se ela apresentaria sua fantasia para o mundo julgar, aquilo tinha que ser verdadeiro. Perfeito.

Não há nada que seja perfeito...

A "resposta instintiva" não estava funcionando. Estava totalmente ocupada lidando com sua inesperada confrontação com Tom McFarlane. Ele parecia mais magro. Mais bronzeado, mas mais magro. Mais duro, se isso fosse possível. Suas feições esculpidas grudadas no osso...

Ela fechou os olhos numa tentativa de bloquear a imagem. Concentrou-se no vestido, no estilo dele. Ela deveria aprimorar-se no estilo porque o vestido de casamento, como ela sempre lembrava às noivas, devia ser uma extensão de sua aparência natural.

O dia de seu casamento não era um momento para fazer experiências com alguma tendência da moda.

Especialmente se o resultado vai ser espalhado em cores nas páginas da *Celebridade*.

Geena Wagner, a designer exibindo na feira, era incrivelmente talentosa, e seus vestidos todos, sem exceção, bonitos.

Alguma coisa como um vestido em estilo caftan de seda bordada ou com pérolas ou chiffon ondulante podia ter sido sua escolha se estivesse pensando num casamento na praia.

Ela pausou para fazer uma anotação em seu laptop para Josie.

Ela tinha uma noiva que estava considerando aquela opção.

Infelizmente, enquanto a ideia de um casamento fugitivo para dois numa praia deserta podia ser profundamente atraente, sua tarefa, e ela tivera pouca opção a não ser aceitar, era incluir tantos

expositores quanto possível, o que significava que teria que ser um casamento tradicional.

A inteira igreja da vila, sinos, coro com damas de honra, indicadores de lugar, transporte extravagante, tenda ao ar livre própria para um marajá e mais flores que nos jardins de Kew Gardens.

Aquilo deveria ser fácil. Ela já fizera tudo aquilo antes. Sentada naquele quarto, fazendo listas, sua mãe oferecendo sugestões. Ela não era mais aquela garota...

Pelo menos, ela fizera um começo com as flores, pensou, pegando o pequeno ramallete de violetas que Lucy, levando muito a sério sua tarefa, tinha ido ao parque colher para ela. Flores roxas de folhas aveludadas em forma de coração, perfumadas, atadas com fitas também roxas. Ela inspirou profundamente e, por um momento, sorriu.

Seu buquê seria um simples ramallete de violetas. Talvez ela pudesse estabelecer uma nova tendência para simplicidade, pensou, voltando para as fotografias. Um casamento minimalista. Muito clássico.

Os vestidos sem alças acentuando o busto eram quase minimalistas demais, mas enquanto perfeito para uma cerimônia civil, não funcionaria na igreja da vila. Ou talvez apenas não funcionasse para ela.

E, todavia, a aparência teria que ser de parar o trânsito.

Ela precisava de um tema, alguma coisa que ataria tudo, ou a apresentação estaria arriscada a não passar de uma série de fotografias de coisas...

Ela suspirou, rodeada pela coleção de pertences que Lucy encontrara para ela. Segurou um longo brinco de ametista. Fitas, pétalas de flores secas, cartões de convites com envelopes debruados com tecido lilás.

Tudo absolutamente maravilhoso, mas ela fizera todos esses sonhos jovens de amor, felizes para sempre, coisa de contos de fadas dez anos atrás. Tinha visto aquilo transformar-se em pó no minuto que apareceram problemas.

Talvez esta fosse a razão pela qual ela fora atingida tão duramente pelo fiasco Candida Harcourt/Tom McFarlane. Fora próximo demais dela mesma. Trouxera de volta muitas lembranças dolorosas. A despeito do lance de Tom McFarlane sobre ela, era óbvio que ele não estava recuperado, ele apenas estivera ferido.

A reação dela fora colocar tudo relacionado a casamentos nas mãos de Josie, usando sua gravidez como uma desculpa. Não que os clientes tivessem ficado em segundo plano. Josie era genial o suficiente para fazer as coisas correrem bem. De fato, se ela não fosse muito cuidadosa, suas rivais a estariam assediando, oferecendo-lhe todas as espécies de incentivos para vir trabalhar para elas.

Ela fez uma nota no seu laptop para fazer alguma coisa sobre isso. O que era apenas uma nova maneira de protelar a tarefa em andamento.

– Vamos lá, Sylvie – murmurou ela com leves e vagarosos ofegos.
– Você pode fazer isso.

E então, evitando os vestidos, ela pegou um dos pares de sapatos de seda roxa, bordados e perolados.

– Algo chamou sua atenção? – disse Geena da porta.

– Estes sapatos? – ofereceu ela.

– Está achando isso difícil?

Ela indicou sua forma.

– Apenas um pouquinho, mas eu definitivamente descartei a aparência de virgem vestal – disse ela, indicando a fotografia na frente dela. – Não que isso não seja adorável – acrescentou rapidamente. – São todos adoráveis, mas para ser honesta, estou achando difícil, e não é somente o inchaço. Não é verdadeiro, você entende? – Ela tentou pensar em algum modo de explicar – Acho que a maioria das minhas noivas está pensando nos seus noivos quando elas escolhem seus vestidos. – A maioria delas. – Quando elas acham o vestido de seus sonhos, elas sempre dizem alguma coisa como: “Ele simplesmente derreterá quando me vir neste...”

Candy, por outro lado, havia dito: “Todos que conheço morrerão de inveja quando me virem vestida assim...”

Então aquilo fora o padrão pelo qual ela julgara tudo sobre seu casamento. Não o que Tom pensaria, mas o quão invejosos todos ficariam.

Talvez aquela fosse a diferença entre casar por dinheiro e casar por amor. Candy não precisara de nenhuma dessas armadilhas quando casara com Quentin. Apenas os dois tinha sido o suficiente.

Ela lera tudo sobre a história do “amor verdadeiro” deles na *Celebridade*.

– Você sabe que vai ser perfeito quando elas dizem isso, não sabe? – Geena concordou, interrompendo os pensamentos dela. Mas vestir noivas era sua profissão, portanto claramente ela entendia melhor do que ninguém.

– Isso não ajuda – disse Sylvie. Então deu de ombros. – Não sei. Talvez eu tenha planejado muitos casamentos “perfeitos” que não duraram.

– Pense naqueles que duraram – disse ela, pegando o sapato e olhando para ele. – É maravilhoso demais. – Ela tentou calçá-lo, mas ele era pequeno demais, então o entregou a Sylvie.

– Vá em frente, seu pé é menor do que o meu. Experimente.

Qualquer coisa era melhor do que olhar vestidos de casamento, e o sapato *era* maravilhoso. Ela o pegou e esticou o pé. A cor brilhava. Algumas pequenas contas entre o rico bordado pegaram a luz e faiscaram.

Ambas suspiraram.

– Acho que temos um pouco do momento de Cinderela aqui – disse Geena com um sorriso. Tente calçar o outro pé. Caminhe... – Então, depois de um momento: – Você está sentindo alguma coisa.

– Uma total relutância em tirá-los, devolvê-los – admitiu ela, sorrindo. – Mas honestamente, sapatos roxos!

– Cor que está fazendo um grande impacto nos vestidos de casamento atualmente – disse ela pensativamente. – Pode funcionar. Bordado? Aplique? Tenho uma mulher que é genial nisso. – Mas como não viu entusiasmo, disse: – O que realmente precisamos para deixá-la bem-humorada é de um homem.

– Desculpe, não posso ajudá-la nisso – disse concentrando-se nos sapatos.

– Não? Realmente? Mas e...

– acredite – Sylvie rapidamente a interrompeu. – A criança é resultado de uma... uma... doação de esperma.

– Numa clínica? – Ela não parecia convencida.

– Não exatamente, mas o homem não estava incluído no acordo.

– Oh, bem, nada a preocupar. Ele não tem que ser “o homem” – disse ela, fazendo pequenas aspás. – Apenas alguém sensual o suficiente para deixá-la naquele estado “isto-o-faráderreter-se”. – Então ela sacudiu a cabeça: – Um humor “isto-ofará-querer-despi-la-e-levá-la-para-a-cama” já estaria ótimo – assegurou.

O que acendia todas aquelas visões de Tom McFarlane que ela estivera fazendo o possível para reprimir.

– Não será possível, temo.

– Não? Que pena, mas há alguns rapazes fortões armando uma grande tenda lá fora. Irei lá e trarei um deles, posso?

Ela voltou-se quando alguém pigarreou atrás dela.

– Oh, oi, Mark. O que você está fazendo aqui? – Então, antes que ele pudesse responder, ela olhou para Sylvie, um pequeno brilho malvado no olho. – Sylvie, você já conhece Mark Hilliard, o arquiteto sensual desta paróquia? Mark, Sylvie Smith.

– Você foi mal informada, Sylvie. Moro em Upper Haughton com minha esposa e nossos três filhos, portanto, o que quer que Geena tenha em mente, lamento que a resposta seja não.

– Exatamente meus sentimentos – disse Sylvie rapidamente, mas ele não acabara.

– Para esta paróquia, você precisa de Tom McFarlane, Geena. O novo proprietário de Longbourne Court.

E, como o próprio homem apareceu na porta, Mark as deixou enquanto levava seu laptop para um passeio no quarto de hóspedes improvisado.

– Tom? – disse Geena, oferecendo-lhe a mão. – Geena Wagner. – Depois, admirando o homem, ela disse: – Oh, sim. Você é perfeito.

– Verdade? – perguntou ele confuso, mas sorrindo. Um sorriso natural, o tipo que qualquer homem daria para uma mulher atraente no primeiro encontro. A espécie de sorriso que ele nunca dera a ela.

Ele não a notara... Ainda.

Sylvie lutou para protestar, mas somente conseguiu um gemido... O suficiente para atrair a atenção dele. A confusão permanecia, mas o sorriso desapareceu tão rápido quanto uma bola de neve atirada no fogo.

– Absolutamente perfeito! – exclamou Geena em resposta à exclamação dele, embora ele não parecesse ter ouvido. – Você não é casado, é? – pressionou Geena, aparentemente abstraída da repentina tensão, inconsciente do iminente desastre.

– Por que você não pergunta a srta. Smith? – replicou ele enquanto ela ainda tentava desembaraçar suas cordas vocais e impedir Geena de tornar as coisas cem vezes pior.

A brandura do tom de voz dele deu falsa ideia do brilho duro de seus olhos enquanto ele olhou sobre a cabeça de Geena e direto para Sylvie. Como se o fato de ele não ser casado fosse de algum modo culpa *dela*, assim como o débito nacional e o preço do combustível, sem dúvida.

– Vocês se conhecem! *Excelente*. É que, Tom, Sylvie precisa de um substituto para o homem fantasia. Você topa? – disse.

– Hum... – Foi tudo que ela pôde conseguir, uma vez que não somente suas cordas vocais estavam com um nó, mas sua língua tinha aparentemente se transformado num pedaço de madeira.

– Isto depende muito da natureza da fantasia – replicou ele, ignorando a frenética sacudida de cabeça dela. A expressão dele sugeria que ele acolhia um bom número de fantasias nas quais ela era a participante principal...

– Bem, só preciso que você fique parado ali parecendo sexy e desejável. – Ela sorriu encorajadamente. Então, antes que ele pudesse mudar de ideia, falou: – Aí está. Perfeito.

– Não fiz nada – protestou ele.

– Não tem que fazer – disse ela, sorrindo largamente de sua própria esperteza. – Certo, Sylvie. Ponha sua imaginação em ação.

– Geena, eu penso...

– Pensar é a última coisa que quero de você. Isto tudo é sobre sentimentos. Os sentidos – disse ela, imperativa, interpondo-se entre eles. Tomando-a pelos ombros, a posicionou de modo que o encarasse.

O sol estava brilhando no quarto de hóspedes improvisado, e ela tirou o cardigã até os joelhos que se tornara um sobretudo desde que sua gravidez começara a aparecer e sua condição de grávida era inconfundível.

E a expressão de Tom a deixou sem dúvida quanto aos sentimentos dele. Ele estava zangado...

– Esqueça este suéter e esta calça, por mais excelentes que sejam
– disse Geena. – Para esta função, ele vai usar um terno matutino...
– Ela olhou para os sapatos roxos... – Um terno matutino cinza com um colete roxo e violetas na lapela.

Tom McFarlane fez um som que sugeriu “jamais nessa vida”.

– Ele vai ficar de pé no altar, e...

– Que altar? – exigiu Tom, tendo sido finalmente retirado de seu mundo de fantasia particular no qual, sem dúvida, todas as coordenadoras de casamento se alimentavam de bolo... Da espécie feita com camada dura e gelada... Até que seus dentes caíssem.

O que ele fizera com aquele bolo de casamento?

– Bem pensado, Tom. Igreja da vila, Sylvie? – perguntou Geena.

Sylvie abriu a boca, determinada em acabar com aquele pesadelo, mas era aparentemente uma pergunta retórica porque Geena continuou sem esperar uma resposta.

– Onde mais? Mas você não tem que se preocupar com isso, Tom.

– Não tenho? – disse ele aparentemente não convencido, mas Geena estava a toda, e nada, assim parecia, poderia impedi-la.

– Absolutamente não. Estamos fazendo todo o trabalho aqui. – Sylvie deu de ombros enquanto Tom McFarlane alçou a sobancelha na direção dela, colocando-as, por um breve momento, do mesmo lado.

Impossível.

No meio da noite, ela podia até ter sucumbido ao sonho impossível. O *felizes para sempre*. Mas aquilo era tudo o que tinha sido... Um sonho.

– Tudo bem, Sylvie. A porta da igreja está decorada com sempre-vivas e flores. Suas damas de honra estão esperando. Todas adultas? – perguntou ela. – Ou você terá crianças também?

Concentre-se no casamento. Apenas extraia o máximo desse momento de fantasia...

– Um adulto – disse ela. Se aquilo fosse real, ela queria Josie na retaguarda, providenciando coisas. Apartá-la de suas botas seria difícil, mas, pelo menos, seu cabelo já combinava com o esquema de cores. – Crianças variadas. Quatro garotas e um menino.

Sua fantasia deveria, afinal de contas, estar tão perto da realidade quanto possível, e ela tinha quatro afilhadas que jamais a perdoariam se fossem excluídas do grande dia. E um afilhado de 5 anos que provavelmente nunca a perdoaria se fosse esperado aparecer em público num par de calças de cetim à altura dos joelhos, mas ele ficaria encantador, e suas irmãs poderiam usar a ameaça de postar as fotos na internet para mantê-lo na linha quando ele estivesse naquela idade difícil... Aquela entre 5 e 95 anos.

Garotas precisavam de todo ânimo que pudessem obter, pensou ela quando parou de lutar por uma profunda necessidade por aquilo e apenas se deixou levar.

– Certo, aqui está a cena – disse Geena. – O órgão começa a tocar, seu pai toma seu braço...

– Não! – A última vez fora o papel de seu avô. Desta vez, não havia ninguém. – Entrarei na igreja sozinha – disse ela, fazendo o que Geena dissera. Sem pensar. Apenas sentindo.

Percebendo que tanto Geena quanto Tom estavam olhando para ela de modo estranho, ela disse: – Sou adulta. Não preciso de ninguém para me conduzir.

– Oh, certo... Bem, como quiser. O casamento é seu. Caminhe sozinha pela nave da igreja. – Geena pegou as violetas e as pressionou na mão dela. – Certo, o órgão começa a tocar, você ouve o som enquanto todos na igreja ajoelham-se. É assim: *da-dada-da...* – cantou ela. – Você está caminhando pela nave. Caminhe, caminhe – incitou ela, empurrando-a em direção a Tom. – Todo mundo está olhando para você. As pessoas estão suspirando, mas você não as vê, não as ouve – continuou ela implacavelmente. – Tudo está concentrado nas únicas duas pessoas que importam na igreja. Você,

no vestido de seus sonhos – disse ela. – E ele. Ela encontrou o olhar de Tom McFarlane.

Por que ele ainda estava ali? Por que simplesmente não se virara e caíra fora? Ele não tinha que ficar...

– Como você se sente enquanto se movimenta, Sylvie? – murmurou Geena, muito suavemente, como se eles estivessem realmente na igreja. – Com a pele sentindo frio? Pode sentir a força de um trem? Pode ouvir o rugido dele? Diga-me, Sylvie. Diga-me o que está sentindo. Diga-me o que ele está vendo...

Por um momento, ela estava ali na igreja fria com o sol infiltrando-se através dos vidros embaçados dos vitrais. Podia sentir o vestido quando ele roçava contra suas pernas. O véu de renda antigo de sua avó... Podia ver Tom McFarlane de pé na palheta de luz colorida, olhando para ela como se ela tornasse o mundo dele completo enquanto caminhava pela nave em direção a ele com um simples ramalhete de violetas na mão.

– Diga-me o que ele está vendo que o está fazendo derreter-se – persistiu Geena.

O olhar de Tom caiu para a indisfarçável protuberância na qual o bebê dele estava crescendo, e, estraçalhando a ilusão, disse:

– Panos de chão e retalhos seriam apropriados.

Então, voltando-se abruptamente:

– Mark, você pegou tudo de que precisa aqui?

Tom não esperou por uma resposta, mas deixando que o arquiteto o alcançasse, saiu, como se estar no mesmo quarto com ela fosse mais do que ele podia suportar.

Mark disse com um sorriso torto:

– Boa Geena. Se você precisar de ajuda para se recuperar do vexame, posso indicar um bom psicólogo. – E acrescentou: – Prazer em conhecê-la, Sylvie.

Geena ficou perplexa, simplesmente levantou uma mão em reconhecimento quando ele saiu, então disse:

– Que diabos foi o *problema* com ele?

Sylvie, alcançando a mesa enquanto seus joelhos fraquejavam suavemente, engoliu em seco, então, esforçando-se para responder casualmente, disse:

– Teria sido uma boa ideia ter perguntado de onde nós nos conhecemos.

Quando ela não se apressou em fornecer a informação, Geena gesticulou encorajadamente.

– Bem. Onde vocês se conheceram?

– Eu estive na mesma escola que uma mulher com quem ele iria se casar, portanto, eu estava incumbida da função de realizar o casamento fantástico dela. Eu tentei avisar você.

– Mas eu estava ocupada demais falando. É um defeito – admitiu ela. – Então, o que foi aquela coisa dos panos de chão e retalhos? O que você fez... Agendou a igreja errada? A tenda ao ar livre caiu? Os convidados passaram mal com comida envenenada? O que aconteceu?

– A noiva mudou de ideia três dias antes do casamento.

– Você está brincando! Ela era louca?

– Bem, ao contrário. Ela caiu em si a tempo. Candy Harcourt? – incitou ela. Então quando Geena meneou a cabeça: – Você não lê as revistas de fofocas?

– Isto é compulsório?

Sylvie quis dar uma risada, mas não conseguiu encontrar uma.

Ele sabia, e ela vira sua reação.

Enquanto houvera somente silêncio, ela fora capaz de enganar a si mesma que ele podia, dado o tempo, mudar de ideia. Não mais.

Aquilo não podia ficar pior.

– Não, não é compulsório, Geena, mas diante das circunstâncias, eu preferiria que fosse.

– Ainda não entendo o problema dele – disse ela, cerrando o cenho. – Você não pode ser responsável pela desistência da noiva.

– Ela fugiu com um dos meus empregados.

– Uau! – Ela deu de ombros. Então, como o próprio homem, caminhou pelo gramado em frente à janela. – Ainda acho que culpá-la é um pouco rude e, se eu não tivesse meu próprio homem fantasia esperando em casa, ficaria mais do que feliz em ter uma conversa com ele que ele jamais esqueceria. Embora, para ser honesta, do jeito que ele olhou para você...

– Eu acredito que a expressão “se olhar matasse” cabe bem nisso tudo – interrompeu Sylvie rapidamente, distraindo Geena antes que ela conseguisse conectar os pontos.

– Somente se combustão espontânea for o método escolhido de execução. Você tem certeza de que foi somente a noiva que se engraçou pelo planejador de casamentos? – pressionou ela. Então, talvez percebendo o que ela estava dizendo, ergueu as mãos, num gesto de desculpa. – Fará um favor a mim em esquecer que eu disse isso? Esqueça que mesmo pensei nisso. Que má impressão causaria para os negócios se as noivas tivessem a impressão que não podiam confiar em você com seus noivos?

– O quê? Não! – declarou Sylvie, mas sentiu o calor traidor aquecendo seu rosto.

Geena não prosseguiu no assunto, embora ela tivesse uma sobrancelha que falasse por si, apenas disse:

– Meu erro. – Mas sem qualquer convicção... Ela era claramente uma mulher esperta. Seu senso de autopreservação atrasado deu sinal, todavia, e ela disse: – Certo, esqueça o sr. Quente-e-Sexy pelo momento e apenas me diga o que você viu.

– O que eu vi?

– Agora há pouco. Eu a estava observando. Você viu alguma coisa. Sentiu alguma coisa.

O que ela vira foi a imagem que Geena pusera na sua cabeça. Ela aos 19 anos, usando o vestido de casamento de sua bisavó, o véu de renda suave caindo quase até os pés.

A única diferença foi que, no seu momento de fantasia, não era o homem com quem ela iria se casar que estava de pé no altar.

Fora Tom McFarlane que, por apenas um momento, ela estivera certa de que estava prestes a estender a mão para pegar a dela.

– Sylvie?

– Sim – disse ela rapidamente. – Você está certa. Estava me recordando de alguma coisa. Um vestido...

Concentre-se no vestido.

– Você vai realmente ser capaz de fazer algo às pressas em poucos dias? – perguntou ela com um toque de desespero. – Normalmente, isso leva semanas. Meses...

– Bem, admito que seja um tempo muito escasso, mas este é o maior acontecimento para mim, e todos na sala de trabalho estão de prontidão para deixar de lado tudo o que estão fazendo para dar a você o que quer. Além do mais, já que você não está realmente caminhando pela nave da igreja, pelo menos não esta semana, não importaria se houvesse um alinhavo ou um alfinete estratégico adequado para os fotógrafos, não é?

– Isto depende muito de onde você põe os alfinetes!

– Esqueça os alfinetes. Vamos lá – disse ela. – É tempo de fantasia! Faça a sua vontade, Sylvie. Sonhe um pouco. Sonhe bastante. Dê-me algo com que eu possa trabalhar...

Aquelas espécies de sonhos somente lhe trariam dor no coração, mas aquilo era importante para Geena, e ela fez um esforço determinado para acompanhar.

– Na verdade, não é especialmente indulgente – disse ela com um sorriso triste. – Ou terrivelmente útil. Eu tornei a fantasia real de quando eu tinha 19 anos. Naquela ocasião, o plano era usar o vestido de noiva de minha bisavó.

– Verdade? Puxa vida, que romântico.

Sim, bem, 19 anos era uma idade para romance. Ela sabia disso melhor agora...

– Então, vejamos. Estamos conversando sobre os 19 a 20 anos? Cumprimento até o tornozelo? Cintura baixa? Renda? – Ela pegou um pedaço de papel e esboçou um croqui. – Algo assim?

– Belíssimo – disse ela, impressionada. – É encantador.

– Obrigada.

– Você tem sorte. Quantas pessoas nem sequer conhecem o que suas bisavós usaram quando casaram, sem contar as que ainda têm o vestido. Você ainda o tem?

Prestes a sacudir sua cabeça para explicar, Sylvie percebeu que o vestido provavelmente estava onde ela o deixara. Afinal de contas, nada mais parecia ter sido tocado. Mas aquilo era um passo atrás para uma vida diferente. Uma mulher diferente.

– Devo exibir suas habilidades, Geena – disse ela, dando-lhe uma demonstração de seu talento. – Um vestido antigo e usado não faria isso.

– É esperado que você dê ao mundo sua fantasia pessoal – lembrou-lhe Geena generosamente. – Embora, ao menos que tenha sido guardado apropriadamente, deva estar mofado, comido pelas traças e amarelado. Não exatamente o que a *Celebridade* está esperando para sua representação. E, perdoe-me por mencionar isso, mas imagino que sua bisavó estivesse... Como eles poriam isso?... Em “boas condições” quando fez aquele vagaroso caminho pela nave da igreja.

– Verdade. – O vestido fora guardado com cuidado, e, quando ela tinha 19 anos, ele estava tão perfeito quanto um vestido podia estar. A vida continuou. Ela era uma mulher diferente agora e, fazendo uma careta, disse: – Chegando aos 30 anos e grávida, toda aquela renda branca virginal pareceria singularmente inapropriada.

– Realmente, eu tinha algo um tanto mais adulto em mente para você – replicou ela. – Alguma coisa que combinasse com esses sapatos, mas adoraria ver o vestido de sua bisavó, mesmo que sem interesse profissional.

– Verei o que posso fazer.

– Ótimo. Agora fique quieta, e eu tirarei algumas medidas suas de modo que possamos começar a trabalhar no modelo.

Capítulo 6

MARK HILLIARD não disse uma palavra quando Tom se juntou a ele, afinal, eles se conheciam há muito tempo. Um olhar era o bastante.

– Desculpe por isso. Como pode ter percebido, há um pouco de... tensão.

– Panos de chão e retalhos? Se isso é tensão, não gostaria de estar ao seu lado quando você declarar guerra. – O sorriso de Mike foi pensativo. – Para ser honesto, foi o que pareceu.

– O que pareceu? – exigiu ele, mas o homem apenas levantou as mãos e balançou a cabeça. É que ele não precisava dizer o que estava pensando. Estava escrito na sua cara. – Foi um assunto de negócios – disse abruptamente. O que era verdade. Nada mais.

Só que não era.

Panos de chão e retalhos.

Não era como nenhuma disputa nos negócios em que já estivera envolvido. Era mais como uma troca entre duas pessoas que não conseguiam se decidir se estrangulavam uma a outra ou rasgavam suas roupas.

O que descrevia a situação muito bem. Pelo menos de seu ponto de vista, exceto que ele não queria ter esses sentimentos por ninguém. Fora de controle. Enlouquecido. Tomado de culpa...

Era claro que ela não tinha perdido tempo em tirá-lo da mente. Mas ele dificilmente podia culpá-la por isso. Ele partira, não escrevera, não telefonara e então bagunçara tudo ao pedir que sua secretária enviasse um cheque cobrindo o total da conta. Totalmente paga. Não era de se espantar que ela tivesse mandado o dinheiro de

volta. E então, quando ele estava pronto para cair aos seus pés e rastejar, já era tarde demais.

Mas seis meses não haviam mudado nada. Sylvie Smith ainda o atingia de um modo que ele não conseguia nem começar a entender.

E começava a suspeitar de que, apesar do fato de ela estar esperando um bebê de seu namorado de infância... E ele tentava não pensar sobre há quanto tempo aquela relação existia, se era ou não um romance que destruíra o mais recente casamento da nobreza... Era o mesmo para ela. A verdade do assunto era que, mesmo vestida com panos de chão, ela teria a habilidade de fazê-lo derreter. O que era um pouco como se queimar e colocar de volta a mão no fogo.

Mas quando ela estivera ali enquanto a mulher louca falava sobre a igreja do vilarejo, sobre alguém esperando no altar, sobre *e/e* esperando no altar, ele vira tudo tão realisticamente como se estivesse lá. Até mesmo a luz brilhando através da janela de vitral e dançando no cabelo dela, manchando-o com um arcoíris de cores.

Ele tinha visto tudo isso e quis estar ali de um modo que nunca desejara, aquela ópera de cinco atos que era o casamento, com propaganda gratuita nas revistas de fofoca para a srta. Sylvie Duchamp Smith como Candy estivera planejando. Uma pequena igreja no campo com o doce perfume das violetas, que mesmo lá fora parecia colado a ele, ao invés de um show barato e falso. Um compromisso que fosse real entre duas pessoas que estavam se casando pelos motivos certos.

Tão real, na verdade, que ele quase estendera rapidamente a mão para ela.

Talvez Pam estivesse certa. Ele deveria voltar a Londres até que tudo estivesse terminado. Só que ele sabia que não ajudaria. Pelo menos aqui, ele estaria forçado a testemunhar os planos dela para seu próprio casamento. A noiva em flor. Florescendo, brilhando...

Eufemismos.

A palavra era *grávida*.

Se nada mais funcionasse, o fato isolado deveria forçá-lo a se agarrar à realidade.

Percebendo que Mark o estava observando de modo estranho, virou-se abruptamente e começou a caminhar em direção ao lado de fora da casa.

– Vamos dar uma olhada no bloco da cocheira com o estábulo – disse brevemente.

Grávida.

– Acho que talvez possamos obter uma dúzia de acomodações das construções que ocupam os jardins da propriedade – Mark disse, alcançando-o.

– Parece promissor. E quanto ao celeiro?

– Há um grande número de opções abertas a você ali. É muito adaptável. Na verdade, estive pensando se você não gostaria de convertê-lo em seu próprio retiro no campo. Há um pequeno caminho privativo e, com uma cerca viva, ficaria bem isolado.

Se fosse em qualquer outro lugar, ele ficaria tentado. Mas Longbourne Court agora era um lugar que ele só queria desenvolver para o máximo lucro, para que pudesse erradicá-lo de sua mente junto de Sylvie Smith.

A ÚLTIMA coisa que Sylvie fizera antes de deixar Longbourne Court fora guardar o vestido de casamento onde deveria ser guardado: um baú no sótão que continha o restante das roupas de sua bisavó.

Desnecessárias nesta vida.

Seria doloroso olhar para ele novamente. Tocá-lo. Sentir a ligação com a parte dela que havia sido empacotada com o vestido.

Sempre supondo que o baú e as caixas ainda estivessem lá.

Só havia uma maneira de descobrir, mas Longbourne Court não era mais sua casa; ela não podia simplesmente subir as escadas de trás que levavam ao espaço de estocagem debaixo do telhado e começar a fuçar sem sequer pedir permissão.

Mas assim que falou com Josie e tranquilizou-se de que tudo corria bem em sua vida real, saiu à procura de Pam Baxter, planejando conseguir uma permissão com ela. Acabar com isso enquanto Tom McFarlane ainda estava seguramente ocupado com o arquiteto. Ela o avistara da janela. Observara-o caminhar até a cocheira com Mark Hilliard.

Ele se barbeara desde que o vira mais cedo. Trocara de roupa. O suéter ainda era de caxemira, mas era negro. Como seu humor.

Ainda assim, ele sorriu para Geena. Um verdadeiro sorriso. Não era de admirar que a moça tivesse se encantado. Foi aquele tipo de sorriso.

O tipo perigoso que movimentava o sangue, esquentava a pele, trazia à tona todo tipo de esperança profundamente enterrada.

Não que ele precisasse de um sorriso para obter aquela reação dela. Ele o fizera com nada mais que um olhar. E esse olhar aconteceu novamente, uma ligação momentânea sobre a cabeça de Geena quando, por um breve momento, ela teve certeza de que tudo ficaria bem.

Nada além de desejos imaginários, ela sabia, ao observar uma rajada de vento vinda do rio atingir o cabelo dele. Ele passou os dedos pelo cabelo antes de olhar de volta para a casa, para a janela do quarto de hóspedes, como se sentisse que ela o estava observando.

Franziu as sobrancelhas rapidamente antes de se virar e partir, deixando que Mike o alcançasse.

Ela afundou de volta na cadeira, como se tivesse sido libertada de um aperto inesperadamente, e precisou de toda a sua força para se levantar e sair em busca de Pam.

A porta da biblioteca estava aberta, e, quando ela bateu e entrou, descobriu que a sala estava vazia. Olhou no relógio, decidindo esperar uns minutos e cruzando sem pensar em direção às prateleiras, correndo as mãos pelos velhos e familiares livros. Tudo estava exatamente onde ela deixara. Até o livro de registros da família estava em seu pedestal, e ela o abriu nas páginas que continham a história de sua família. Cada nascimento, casamento, morte.

O espaço em branco debaixo de seu nome para seu casamento, seus filhos... Ficaria sempre vazio.

O último registro era o da morte de sua mãe, escrito por ela mesma. Depois de tudo o que a mãe passara, aquilo tinha sido muito cruel. Muito injusto. Mas quando é que a vida já foi justa?,

pensou ela, olhando para a fotografia emoldurada isolada em uma prateleira acima do livro.

Não era nada especial. Apenas um grupo de homens com uniforme de tênis, descansando no gramado em frente a uma mesa de chá, em uma muito distante tarde de verão.

Ela não tinha certeza de quanto tempo ficara ali, ouvindo o eco distância da voz de seu bisavô enquanto repetia os nomes daqueles homens. Uma chamada de heróis, quando uma mudança no ar, um sopro na base de sua nuca, avisou-a de que não estava mais sozinha.

Não era Pam. Pam teria dito algo assim que a tivesse visto.

– Está me observando, sr. McFarlane? – perguntou sem se voltar, mesmo quando ele chegou bem perto. – Certificando-se de que eu não esteja tão confortável?

– Quem são essas pessoas? – perguntou ele com voz rouca enquanto, ignorando a pergunta, pegava o retrato e o apontava... Mesmo sendo pequeno... Para o resto dos retratos que estavam nas escadas, na galeria superior e pendurados nas lareiras.

Ela esperou, prevendo um pouco de sarcasmo, mas quando não respondeu, ele olhou para cima, e, por um momento, ela viu uma curiosidade genuína.

– Apenas família – respondeu com simplicidade.

– Família? – Pareceu que ele iria dizer algo mais, e ela prendeu a respiração.

– Sim? – Declarou, mas os olhos dele voltaram-se rapidamente para o retrato.

– Eles não tinham nada melhor para fazer do que jogar? – Exigiu.
– Relaxar e não fazer nada em jantares?

Foi a vez de ela franzir o cenho. Alguma coisa na fotografia o perturbava, ela podia ver, mas não podia deixá-lo sair com a afirmação repugnante.

Colocando o dedo sobre a figura de um homem que estava sorrindo, obviamente dizendo algo à pessoa que tirava o retrato, ela disse:

– Esse é meu tio-bisavô Henry. Tinha 21 anos. Recém-chegado de Oxford. – Ela se dirigiu para a próxima figura. – Este é outro tio-

bisavô George. Tinha 19 anos. O tio-bisavô Arthur tinha 15.

Ela se moveu até que seu ombro tocou o braço dele, mas ignorou a sensação de perigo, muito absorta à fotografia para perceber o aviso.

– Este é Bertie. E David. Eles eram primos. Da mesma idade de Arthur. E este é Max. Tinha acabado de ficar noivo da minha tia-bisavó Mary. Foi ela quem tirou a foto.

– E o garoto na frente? O brincalhão fazendo uma careta?

– Este é o meu bisavô, James Duchamp. Não tinha nem 12 anos quando a fotografia foi tirada. Tinha acabado de completar 17 anos, quatro anos depois de quando o massacre que eles chamam de “A Grande Guerra” terminou. Foi o único deles a sobreviver, casar e criar uma família.

– Foi igual para qualquer família – disse ele abruptamente.

– Eu sei, sr. McFarlane. Ricos e pobres de todas as nações morreram juntos aos milhões nas trincheiras. – Ela olhou para cima.

– Houve poucas e preciosas festas do tênis para todos depois desse ocorrido.

Tom McFarlane olhou para a fotografia, fazendo o que podia para ignorar o calor do ombro dela em seu peito, o toque sedoso da mecha de cabelo que escapara do lenço para roçar sua face.

– Para a maioria das pessoas, não houve festa alguma – disse, incapaz de se mover e distanciar-se dela fisicamente, fazendo o possível para estabelecer barreiras mentais. Então, no mesmo fôlego, disse: – Já que parece que estamos presos sob o mesmo teto pela próxima semana, seria mais fácil se me chamasse de Tom. Não é como se fôssemos estranhos.

– Acredito que é exatamente o que somos, sr. McFarlane – respondeu ela, tão fria quanto um pepino. – Estranhos.

Ele assentiu, tomando consciência da verdade daquilo. Da mentira daquilo.

Mesmo assim, ele persistiu quando ela olhou para cima com o olhar desmentindo suas palavras ao cruzar com o dele, como se procurasse por algo...

– Apenas para economizar tempo – adicionou ele.

– Para economizar tempo?

Ela não deu de ombros e também não sorriu... Ou apenas para brincar com si mesma, como se esperasse por algo mais. O que, em nome de Deus? Já não era o bastante?

– Muito bem – disse – Então será Tom. Apenas para economizar tempo, mas vai me chamar de Sylvie. Meu tempo pode não ser tão valioso quanto o seu, mas também não está sobrando.

– Acho que posso fazer isso, Sylvie.

Separado do Duchamp e do Smith, o nome escorregou de sua língua como seda, e ele quis pronunciá-lo de novo.

Sylvie.

Em vez disso, limpou a garganta e focou na fotografia.

– Por que a foto está aqui? Você não a quis? – Se fosse um retrato de sua própria família, ele nunca o teria deixado para trás. – É parte da história de sua família.

Sylvie tirou a foto das mãos dele. Colocou a mão sobre o vidro frio por um momento e fechou os olhos para se lembrar.

– Quando os credores chegaram – disse depois de um momento –, tudo o que pude pegar foram as minhas roupas e alguns objetos pessoais. As pérolas que meu avô me dera no meu aniversário de 18 anos. E meu carro, embora tivessem insistido em checar o livro para ter certeza de que estava no meu nome.

Deveria ter importado, mas naquela hora, nada importou.

– Você não se aborrecerá se eu guardar minha solidariedade para as pessoas para as quais o dinheiro era devido.

Ela olhou para ele. Tão sólido. Tão bem-sucedido. Tão zombador.

– Não precisa se preocupar com eles. Sempre pagamos nossas dívidas. Nossos problemas foram causados por dois lotes de taxas sobre propriedades herdadas em três anos e pelo fato de que meu avô, depois de uma vida de atitude relapsa com relação aos gastos, decidiu pensar no futuro e na família e, seguindo o conselho de alguém que confiava, pediu ajuda ao banco alguns anos antes de toda a confusão.

Um fato que, quando ele entendeu o que significava, certamente tinha contribuído para o ataque cardíaco que o matara e indiretamente matara também a mãe dela.

– A ironia da situação é que se ele tivesse continuado a dar festas e deixasse o futuro tomar conta da situação, todos nós estaríamos em melhor posição – adicionou ela.

– Mas essa foto não tem nenhum valor – protestou ele –, além de interesse histórico. Apego sentimental.

– Sim, bem, eles disseram que, quando o inventário ficasse pronto, eu teria permissão para voltar, pegar qualquer coisa da família que não tivesse valor monetário. Mas, então, um famoso astro do rock que tinha visitado a casa quando criança foi acometido pela missão de conservar o lugar exatamente do jeito que estava, como uma fatia da história.

Tom McFarlane emitiu um som que sugeria que ele não estava muito impressionado.

– Eu sei. Mais dinheiro que bom senso. Ele fez uma oferta que os credores não puderam recusar e, já que estava disposto a pagar um bom prêmio pelo seu prazer, ele ficou com tudo. Fotografias de família, retratos, todo o lixo do sótão. E até o sr. e a sra. Kennedy, a governanta e seu marido faz-tudo, foram mantidos como zeladores, então não foram apenas más notícias.

– Eles podiam fazer isso? Vender tudo?

– Quem iria impedi-los? Eu não tinha nenhum dinheiro para brigar pelos direitos da história de minha família, e, mesmo que tivesse, os únicos beneficiados seriam os advogados. Desse modo, ficou tudo bem e tudo foi preservado.

E ela pôde seguir em frente, fazer outra vida em vez de ter que se lembrar todos os dias das coisas que preferia esquecer.

Jeremy cancelando o casamento... Só até as coisas melhorarem. A determinação de sua mãe em confrontar aqueles que tiravam tudo do lar de sua família. Seu pai... Não, ela se recusava desperdiçar um único pensamento com ele.

– Mudei-me para um apartamento que dividia com outras duas garotas e mal tinha lugar para pendurar minhas roupas, que dirá os retratos da família. – Ela tirou a fotografia da mão dele e a colocou de volta na prateleira na qual estivera por toda a vida. Toda a vida de sua mãe. E a de seu avô também. – Além do mais, você tem

razão. Não é apenas a minha história. Como você disse, foi o mesmo para todo mundo.

Ele tinha dito mesmo aquilo? Imaginou ao olhar em volta.

Longbourne Court era um pequeno e gracioso palacete, mas desde o momento em que passara pela porta, Tom reconhecera o lugar pelo que ele era. Um lar de *família*. Um lugar onde gerações da mesma família viveram do nascimento à morte, cada um pondo sua marca ali.

Não eram apenas os retratos ou as árvores no jardim. Eram os arranhões e o uso, as marcas no chão em que muitos pés andaram, a mão de verniz passada uma centena de vezes. Arranhões nas portas feitos pelos cachorros que corriam pelo chão antigo de carvalho.

Ele percebeu que Sylvie estava franzindo as sobrancelhas, como se a pergunta estivesse além dela. E estava, é claro. Como ela poderia saber como era não ter ninguém? Nenhuma fotografia. Nenhuma lembrança.

– Nem todo mundo tem memórias ou um lugar na história, Sylvie.

– Sem memórias? – Ele não mencionara a si próprio, mas mesmo assim, ela captou instantaneamente o que ele quis dizer. – Sem família? Que coisa horrível, Tom. Sinto muito.

Disse as palavras simples sinceramente, e o nome dele aqueceu seus lábios. E, pela segunda vez naquele dia, Tom se arrependeu do impulso de falar primeiro e pensar depois. Traindo algo dentro de si que mantinha escondido até dele mesmo.

– Não preciso de sua compaixão – disse agudamente.

– Não? – Talvez tenha reconhecido o perigo de pressioná-lo e, sem dúvida, treinada desde pequena na arte de encobrir gafes em conversas, rapidamente se afastou e, olhando em volta, disse:

– Esperava encontrar Pam. Por acaso sabe onde ela está?

– Por quê? O que quer dela? Se estiver com pressa, talvez eu possa ajudar.

Ela hesitou claramente, relutante em dizer o que sem dúvida significava que tinha algo a ver com essa feira infeliz. E pensou que fosse arrojado em se tratando de negócios, mas usar seu próprio

casamento como oportunidade promocional parecia frio até mesmo para ele.

Mas, escolhendo demonstrar que era tão capaz quanto ela quando se tratava de encobrir um momento embaraçoso, pelo menos quando ele o havia causado, disse:

– A verdade é que eu estava procurando por você para me desculpar pelo “panos de chão e retalhos”. Foi imperdoável.

– Ao contrário. Você tinha todas as desculpas – disse ela rapidamente. – Eu realmente deveria ter me esforçado mais para parar Geena antes que ela se empolgasse.

– Seria mais fácil tentar parar um trem.

– Verdade, mas mesmo assim...

– Esqueça – disse ele. – Eu mesmo devia ter feito isso, de preferência sem a técnica da barreira de contenção. Normalmente não sou antissocial, mas tenho certeza de que você entende que era a última pessoa que eu esperava encontrar em Longbourne Court.

E, confrontado pela crescente evidência de sua iminente maternidade, dois meses depois de tê-la visto na capa daquela terrível revista, estava claro agora que ele estava realmente tentando não pensar em quão grávida ela estava.

Tentando não imaginar com que rapidez, depois daquele momento perdido com ele, ela encontrara o homem com quem queria passar o resto de sua vida. Alguém que estava um mundo distante dele. Alguém que ela sempre conhecera...

– Então somos dois – ela disse. – Você era a última pessoa que eu esperava ver. Candy me disse que você não gostava do campo.

– Não gosto de certos aspectos do campo. Caçar, atirar.

– Eu também. Meu bisavô baniu todos esses esportes do estado. Disse que tinha havido muita matança... – Ela pausou para que o coração batesse e disse: – Você recebeu minha carta?

Ele assentiu e se virou. Ele deveria se desculpar, explicar que não quis dizer o que ela entendeu. Ela mereceu cada centavo da taxa cobrada. Mas para quê?

Na verdade, seis meses pensando sobre o que acontecera, sobre ela, mesmo quando não queria, o havia deixado com um claro

entendimento de sua responsabilidade pelo que aconteceu. Ele sabia o que estava fazendo quando a chamou em seu escritório.

Sabia o que estava fazendo quando a segurou lá, forçando-a a checar a horrível fatura que, na verdade, não significava nada para ele.

Convencido de que ela havia de algum modo sabotado seu futuro, ele a quis punir. A verdade é que ele sabotara seus próprios planos, afastara-se de Candy à medida que o casamento se aproximava, usando a desculpa do trabalho quando a única coisa em sua mente era o momento em que entrara no escritório de Sylvie Smith e ela tinha olhado para cima e o sorriso morrera em seus lábios...

E ele a culpava por aquilo também.

Então, só por um momento, em vez de ser um homem e uma mulher presos a uma discussão, eles tinham se fundido num só, e o mundo de repente fez sentido... Até que ele viu as lágrimas descendo pelo rosto dela e soube, sem a necessidade de palavras, que havia entendido errado e que havia cometido o maior erro de sua vida.

Que bem poderia dizer tudo isso agora?

Ela tinha arrumado sua vida, e contar como ele se sentiu só a faria se sentir pior. Era melhor que ela o desprezasse do que sentisse pena dele.

– Sinto muito – disse ele – Por tudo.

Ela se virou, levemente corada no rosto, sem dúvida, como ele, estava revivendo um momento que incendiara não somente o corpo, mas algo mais profundo... O descuidado calor de duas pessoas muito perdidas para perceber que nada poderia tê-las impedido.

Ou, talvez, ele apenas esperava que fosse isso. Era com toda probabilidade, pura culpa.

O fato de que apenas seis meses depois ela estava visivelmente grávida de outro homem demonstrava que era exatamente isso, e ele fez o possível para esquecê-la.

Desde que pusera os olhos nela pela primeira vez, tinha feito o possível para tirá-la do pensamento.

Que ele tivesse sentido uma atração imediata e poderosa por essa mulher em seu primeiro encontro quando Candy, a mulher com

quem iria se casar, estava bem ao seu lado, já tinha sido bastante ruim, e ele mantivera a distância, evitara tudo o que tivesse a ver com a organização do casamento. Enterrara-se no trabalho e fez o que pôde para não pensar nela. E manteve o pulso firme a respeito disso até o momento em que ela apareceu em seu escritório com a maldita fatura. Se não tivesse escrito aquele “Pessoal” no envelope, sem dúvida na tentativa de poupá-lo do constrangimento, sua assistente o teria aberto, lidado com o assunto e efetuado o pagamento sem nem mesmo incomodá-lo.

Mas o envelope foi deixado em sua mesa para pegá-lo de surpresa quando o abriu. Nervoso, ficou determinado a olhar nos olhos dela e desafiá-la. Desafiar a si próprio.

Bem, ele vencera. E perdera.

Duas vezes. Porque, cara a cara com ela agora, sabia que ela era a pessoa certa. A certa.

Então, porque essa era a última coisa em que queria pensar, ele disse:

– Para que precisa de Pam?

Ela o encarou por um momento e levantou uma das mãos, balançando-a no ar como se para afastar algo que ele não podia ver, e atravessou até a mesa com se pudesse encontrar Pam.

– Só queria perguntar se eu posso ir ao sótão para procurar por algo que pertenceu à minha bisavó. Para pegar emprestado por um tempo.

– Sua bisavó? – repetiu ele, grato pela distração. – Há quanto tempo está lá?

– Desde que eu guardei. Antes de partir. – Virou-se para encará-lo. – A menos que já tenha começado a limpar tudo. – Ela fez parecer como se ele tivesse destruindo algo de valor inestimável.

Talvez, para ela, *e/e* fosse inestimável.

– A não ser instruir Mike que entrasse com um pedido de planejamento, não fiz nada – assegurou. – E, pelo que pude perceber ao dar uma olhada no lugar com Mike esta manhã, nada foi tocado.

– Oh, bem, isso é esperançoso.

Ela começara a amolecer enquanto falava de sua família, e, por um momento, ele esqueceu a barreira entre eles, assim com ela também, aparentemente. Estava de volta agora, mas não era a barreira impaciente com a qual lutara pela atração entre eles, mas algo mais frio. Mais raivoso.

– Foi essa bisavó que se casou com o rapaz da fotografia? – perguntou, usando o que aprendera sobre ela. Que pessoas e família eram mais importantes que as posses. Esperando, contra toda a realidade, trazê-la de volta para si.

– James. Sim. O outro lado, os Smith, era um clã de militares, portanto, estavam constantemente em movimento e, para comparar, viajavam com menos bagagem.

Falou aquilo sem interesse, mostrando que não era muito fã dos Smith. Não queria seu pai em seu casamento, ao menos não queria que a conduzisse ao altar, lembrou ele, mas por que será?

– Pela bagunça lá em cima, eu diria que provavelmente é uma boa coisa – disse sem fazer comentários. E então, como se não tivesse outra coisa no mundo com que se ocupar: – Você quer dar uma olhada lá em cima agora?

– É um pouco urgente – respondeu, olhando um tanto impotente para a mesa de Pam. – Ela voltará logo?

– Não a tempo de lhe ser útil. – E esperou por um momento, com a intenção de obrigá-la a pedir sua ajuda, de precisar dele apenas uma vez, mas a curiosidade falou mais alto, e mais interessado no desejo urgente de examinar o conteúdo de um velho baú do que em marcar pontos, recuou e, convidando-a a mostrar o caminho, disse: – Vamos?

Nenhum dos dois se moveu, ambos recordando da última vez que ele dissera essas mesmas palavras.

Então Sylvie disse de repente:

– Realmente não há motivo para incomodar você. – O que não serviu para desviar sua curiosidade. – Honestamente. Conheço o caminho.

– Tenho certeza de que sim, Sylvie, mas não é incômodo – assegurou. – Terei que limpar o sótão em breve, e será útil ter

alguém que possa me dizer exatamente o que tem ali antes de ir parar em uma caçamba.

– Não faria isso! – declarou, arregalando os olhos com raiva. Então a srta. Sylvie Duchamp Smith não era tão desapegada dos pertences de sua família, até mesmo os que tinham ficado apodrecendo no sótão, como o estava fazendo acreditar.

– Eu poderia – disse sem cuidado. – O tesouro de uma família pode ser o lixo da outra.

– Sem dúvida – respondeu com aquele lampejo de raiva agora sob controle.

– A menos que prove que eu esteja errado.

– É o seu lixo. Deve fazer com ele o que desejar.

– Verdade. – Mas fazê-la admitir o fato deu a ele muito menos prazer do que imaginara, e talvez por isso acabou dizendo: – Devo alertá-la que deve estar bastante empoeirado lá em cima, portanto, talvez seja melhor trocar os sapatos. Seria uma pena estragá-los.

– O quê? – Ela olhou para baixo e deixou escapar uma palavra que, de algum modo, não soou tão chocante ao ser dita tão redondamente.

– Algum problema? – perguntou ele.

– Sim! – Mexeu os dedos dos pés e, com um sorriso inesperado que transformou os cinzentos olhos azuis na cor do céu de verão, olhou para cima e disse: – Isso significa que se os calcei pela maior parte da manhã, terei que comprá-los.

– Isso é um problema? – perguntou, recordando os comentários de Pam sobre o assunto. – Entendi que comprar sapatos era um antídoto para todas as doenças femininas.

– Você não deveria acreditar em tudo o que Candy disse – alfinetou. – E não estou aqui para fazer compras.

– Não? – Obviamente organizar casamentos era seu modo de vida, mas, mesmo assim, ele pensou que ela estivesse um pouco menos realista sobre isso. – Pensei que fosse para isso que os casamentos tinham sido inventados.

– Se acredita nisso, Tom, sugiro que se familiarize com os detalhes da cerimônia de casamento – disse ela com um longo olhar frio que o fez se desejar ter ficado de boca calada. E então, corando

inesperadamente, balançou a cabeça e disse: – A verdade é que os casamentos têm mais a ver com empréstimos. Mas uma vez que já usou os sapatos, eles são seus.

– Nunca se arrependerá – disse, achando mais fácil olhar para os pés do que para o rosto dela.

– Me arrependerei se não trocá-los. Por que não vai na frente e eu o alcanço depois? – disse, livrando-se da feroz proteção que mostrara quando achou que ele fosse jogar fora o conteúdo dos baús. Aquele toque de arrogância com que o castigara pela falta de respeito com a cerimônia de casamento. Em vez disso, retraiu-se em atitude defensiva enquanto saía rapidamente, sem esperar pela resposta. Mesmo assim, ele murmurou:

– Sem pressa. – Enquanto a assistia, pela segunda vez naquela manhã, retirar-se o mais rápido que os sapatos roxos permitiam. – Talvez eu me perca.

Tarde demais. Ele já estava perdido.

Capítulo 7

SYLVIE LEVOU alguns minutos para jogar água no rosto a fim de recuperar sua compostura.

Ela não devia ter-lhe pedido. Ela prometera, mas tinha que ter certeza. Não queria acreditar que ele fosse tão incapaz de sentimento...

Assoou o nariz, colocou uma mecha de cabelo desobediente de volta no lenço. Olhou firme para sua imagem no espelho.

– Bem feito, minha garota – disse e colocou a mão na cintura. – Fique grata pelo que conseguiu.

Com isso, trocou os sapatos por outros mais sensatos e juntouse a Tom McFarlane aos pés da escada. Nenhum deles falou, mas ela estava intensamente consciente da presença dele ao seu lado e depois atrás dela enquanto ela conduzia a subida pelo último lance das estreitas escadas que levavam ao sótão.

Por que diabos ele ficara esperando?

Não era como se não conhecesse o caminho...

Ela estendeu o braço para alcançar o interruptor, mas ele já se adiantara, e, quando suas mãos se encontraram, sua mente foi preenchida pela imagem dos longos dedos segurando a caneta enquanto ticavam cada item da fatura, naquela tarde interminável. A lembrança da força daquelas mãos quando ele a descera da van e a sensação delas na sua pele.

Exigentes, torturantes, sensíveis...

– Já acendi – disse ele agudamente, e ela puxou a mão como se tivesse levado uma mordida.

A tensão entre eles era tanta que ela pensou que a lâmpada fosse estourar quando ele a acendeu, mas apenas a poeira queimou quando, atirando um brilho fraco sobre os detritos abandonados de gerações da família Duchamp, começou a esquentar.

– Cruz-credo! – disse ela, mais como distração do que como exclamação de surpresa ao olhar em volta. – Que bagunça!

– Pensei que fosse regra geral para os sótãos! Que eles fossem um depósito de lixo!

– Bem, sim, mas ajuda se for um depósito de lixo organizado. – O que fora quase sempre, e ela tivera esperança de poder ir direto ao baú da bisavó, pegar o vestido e correr.

Não importa o que ele dissera ou o que ela prometera, ela sabia que passar qualquer tempo ali, fuçando a história de sua família com Tom McFarlane, apenas reforçaria a dolorosa verdade de que ele não queria fazer parte da família.

Ela perguntara diretamente, e ele não podia ter deixado mais claro que não queria saber. Ótimo. A única preocupação dela fora que ele deveria saber que estava prestes a se tornar pai, para que ele pudesse fazer sua escolha.

Bem, ele escolhera.

A última coisa que ela queria na vida de sua garotinha era um pai que não se importasse com ela. Era melhor ficar com o mito do “doador” de esperma. Pelo menos, dessa maneira, ela saberia que foi totalmente desejada por sua mãe. Poderia acreditar que foi planejada. Uma alegria. Assim ficaria suficientemente real.

Tudo o que queria agora era terminar logo com essa representação da *Celebridade* para que pudesse deixar Longbourne Court e Tom McFarlane para trás. Especialmente Tom McFarlane.

Ele não fazia bem para sua paz de espírito sob nenhuma circunstância, e aqui em cima, sozinha, sob o telhado com os pertences de gerações de sua família, o sentimento ficava estranhamente intensificado porque, quer ele quisesse ou não, *fazia* parte disso agora, parte de sua família, não importa quanto os desprezasse.

– Os baús costumavam ficar enfileirados para que fosse possível chegar até eles – explicou ela, fazendo o possível para manter um

nível profissional. – Ordenadamente.

Olhando em volta, era óbvio que as coisas tinham sido tiradas do lugar num passado recente. Tempo suficiente para que a poeira cobrisse os espaços limpos, mas meses atrás, e não anos.

– Imagino que um bom número de avaliadores as tenha movido ao longo dos anos para que pudessem checar a manta do telhado – disse Tom.

Era uma sugestão bastante sensata, mas não a fez se sentir nem um pouco melhor.

– Sendo que os últimos avaliadores foram os seus, sem dúvida – alfinetou ela. – Bem, eles realmente deveriam ter colocado tudo de volta onde encontraram.

– Talvez tenha sido *aí* que eles encontraram – comentou ele – Mas fique certa de que vou transmitir sua desaprovação.

– Bem... Isso é bom – respondeu, levantando a tampa do baú mais próximo como se tivesse ficado satisfeita. Então vacilou para trás.

– Cruz-credo, que cheiro é esse?

– Cânfora – respondeu ela, abanando o ar para dispersar o mau cheiro, mas só conseguiu mexer a poeira, o que piorou a situação. – Para espantar as traças – disse, engasgando com a combinação. – Senão elas teriam feito um banquete... – Lutou para respirar. – Com todos esses ternos de lã.

– E não apenas as traças. Esse cheiro manteria longe qualquer um que pensasse em vesti-los – assegurou ele. – E então, preocupado: – Você está bem? Isto está certo? Não vai afetar o... – A palavra não saiu de sua boca.

– Bebê – apressou-se ela, ainda tossindo. – Não é um palavrão.

– Não. Sinto muito.

– Você que está dizendo. – Se ele tivesse sido mais frio, teria se partido em dois, pensou ela. – Mas eu não lamento, então está tudo bem, não está?

Ele fechou o baú.

– Estou feliz por você – disse ele, virando-se para abrir outro baú.

Só isso? Ela achou que a cânfora a tivesse feito engasgar, mas a desatenção dele a deixou procurando pelo ar como um peixe fora

d'água.

Poderia ele estar assim tão... indiferente?

– Isso é melhor – disse ele enquanto, com total desinteresse, retirava do baú um caminhão de lata para que ela visse. O tipo de brinquedo que deve ter pertencido a um dos jovens da fotografia e que agora teria um valor monetário considerável. Depois pegou um urso de pelúcia vestido de palhaço, que deveria valer ainda mais e o ofereceu a ela. – Seria melhor ter deixado suas roupas para trás e levado isso no lugar.

– Seria bom ter tido tamanha sorte – disse ela tirando o urso da mão dele e procurando pela etiqueta na orelha que indicava que o brinquedo era de uma marca famosa.

Até mesmo o vestido antigo tinha se tornado parte do espólio, de acordo com os homens sem sentimentos que se instalaram ali a fim de inventariar tudo, observando-a atentamente para certificar-se de que não embrulhasse nada mais valioso que sua roupa de baixo. Eles tinham até tirado a fotografia de sua mãe da moldura antes que ela a embrulhasse, só para ter certeza de que não havia nada de valor escondido ali.

Ela não discutira com eles. Não queria de maneira alguma fazer uma cena, nem mesmo se preocupou em colocar a fotografia de volta na moldura, mas a abandonara juntamente ao restante de sua vida.

Que importância tinha uma fotografia emoldurada? Ou um velho vestido de casamento, naquele momento, quando seu noivo adiara o casamento até que tudo fosse “acertado”. Como se pudesse ser.

E que diabos ela estava fazendo ali em cima procurando pelo vestido agora? Isso não era seguir em frente. Era apenas chafurdar no passado. Algo que você faz quando não tem um futuro. Ela estava carregando seu futuro no ventre. O futuro dele também.

– Definitivamente é de uma grande marca – disse ela entregando de volta a ele o urso de uma famosa marca de pelúcias da Inglaterra. – E, porque esteve guardado, as cores não desbotaram, o que aumenta seu valor. Eu o aconselharia a ser muito cuidadoso antes de jogar qualquer desses itens no lixo. Quem sabe, em um bom dia de leilão, você possa até recuperar o custo de seu

casamento. Não seria irônico? – provocou ela, desesperada por uma reação de qualquer natureza.

A única indicação de que ele ouvira foi a leve contração de sua mandíbula ao virar-se de costas para ela.

– É isso que está procurando? – perguntou ele depois de abrir outro baú que revelou mais roupas, desta vez em camadas envoltas em papel fino. – Sem cânfora? – Ele olhou para ela. – As traças não atacam roupas de mulher?

Sylvie suspirou e deixou passar, olhando para o baú que Tom abria.

– Este baú é de madeira de sândalo – disse ela, serpenteando entre dois baús quebrados, para se espremer no espaço mínimo ao lado dele sem tocá-lo. – Naturalmente à prova de traças.

A tentativa de evitar contato foi em vão, pois o centro de gravidade dela mudara, e, apesar dos sapatos corretos, ela cambaleou na direção dele. Em um instante, a mão dele estava em volta do que antes fora sua cintura, e ele a manteve segura. Exatamente como já fizera uma vez.

Por um momento, seus olhares se prenderam, suas respirações cessaram e era o momento da garagem acontecendo novamente.

– Tudo bem? – perguntou ele brandamente. Seus olhos na luz difusa pareceram cheios de angústia. Era apenas sua imaginação, disse a si mesma. Ou a poeira...

Ela se forçou a virar e olhou para o baú e para o vestido, repousando em suas camadas de papel fino branco.

– Oh... Sim...

E a poeira, ou outra coisa, pegou em sua garganta enquanto ela levava a mão primeiro aos lábios e depois ao baú para tocar o papel fino. Curvou os dedos quando viu o estado em que se encontravam.

– O que é isso? – perguntou ele.

– É... hum... apenas um vestido...

Ela o tinha embrulhado em papel fino e o colocado de volta no baú que continha as roupas de sua bisavó. As especiais. Aquelas das quais não teve coragem de se separar. Vestidos de designers como Balenciaga, Worth, Chanel. Seda e veludo. Acessórios do período *art déco*. Bolsas, fivelas, sapatos. Até mesmo roupas de baixo.

– Minha bisavó era cheia de estilo. Muito elegante. Um tanto ditadora de moda de seu tempo – disse ela com um brilho forçado. Não podia chorar. Eram apenas coisas... – Isso deveria estar no museu de Melchester, no departamento de vestimentas. Minha mãe tinha anotado na lista de coisas a fazer. – Ela piscou. Sem lágrimas... – Você sempre acha que há bastante tempo... – E então, sem querer pensar sobre aquilo, virou-se para ele. – O que aconteceu com sua família?

Era difícil dizer qual deles ficou mais chocado. Tom McFarlane, por ela ter tido coragem de perguntar. Ou ela, por ter a ousadia de tocar no assunto.

– Eu não tenho família – disse ele sem expressão.

– Isso não é verdade! – E suas mãos pousaram protetoramente na criança em seu ventre, como se para lhe cobrir os ouvidos.

Não mais.

E ela quis estender sua mão, pegar a dele e colocar na criança que crescia, para que ele pudesse sentir o que significava. E pudesse entender.

– É assim que eu prefiro – disse ele com uma expressão que proibia o assunto, e ela recuou. E então antes que ela pudesse se recompor, falar, ele acenou na direção do vestido envolto em papel, de um modo que ficasse claro que o assunto estava acabado.

– O que há de tão especial sobre este vestido?

Depois de um longo silêncio, ela se virou para o baú e, tendo limpado a poeira das mãos na parte de trás da calça, abriu o papel para revelar o longo véu de renda.

Tom encarou a bela renda por um momento antes de virar para ela e dizer:

– Por que estou surpreso? É para o seu casamento?

– Oh, por favor! Não acho que um véu virginal seja a minha cara, você acha? – perguntou ela, fazendo uma careta e zombando de si mesma. Zombando de ambos. E quando ele não fez comentário algum: – Geena queria ver isto. – Deu de ombros – Por mais constrangedor que tenha sido, o exercício de visualização liberou algumas ideias, e acho que ela pensa em interpretar este vestido para uma Sylvie mais madura e grávida. Não vai dar certo, é claro.

– Por que não espera? Para depois que o bebê nascer?

– A data da publicação da revista está marcada, receio. É este fim de semana ou nunca mais. – E olhou para ele. – Obviamente reconhecerão que isto foi usado com sua permissão.

– Não será realmente necessário – respondeu ele. – Já esgotei o assunto casamento pelo resto da vida. Na verdade, começo a me sentir como se estivesse preso a uma perversa falha no tempo em que a palavra casamento é um tema recorrente e constante.

Ela finalmente disse:

– Você acha que é a única pessoa que foi deixada no altar dias antes do casamento? Acredite, você vai superar.

– Você garante? Tinha esquecido. Aconteceu com você também, não foi? – E quando ela, chocada, não respondeu: – Vi uma matéria sobre você na *Celebridade*.

– Ah, aquilo. – Ela deu de ombros – Sim, bem, foram três semanas em vez de três dias, mas quem está contando?

– Então me diga, Sylvie, quanto tempo levou para se recuperar de ter sido deixada no altar?

– Muito mais tempo que você, Tom. Vamos encarar. Você estava recuperado no momento em que colocou as mãos por baixo da minha saia.

No momento em que as palavras saíram de sua boca, Sylvie se arrependeu. Mas estava brava com ele, queria machucá-lo do modo como a estava machucando. A dor que sentira ao ser abandonada no altar pelo homem que amava aos 19 anos estava muito distante do orgulho ferido dele, e ela se recusava a favorecê-lo com uma sessão de vínculo mútuo por causa da experiência que compartilhavam de terem ambos sido largados pouco antes do casamento.

Mas, na pressa de deter a curiosidade do homem, cometera um erro grave. Desesperada para impedir que os pensamentos dele, e os dela, corressem em uma direção, provocara outra, igualmente poderosa lembrança daquele momento inevitável como a luz de um raio quando, impulsionados por uma força fora de qualquer norma aceitável de comportamento, ambos haviam se perdido.

O forte calor da boca dele. Um toque íntimo e pessoal que rapidamente transpusera sua vontade, dominara sua mente e roubara tudo. E por apenas um momento, devolvera a ela algo que ela pensou que tivesse perdido para sempre. E dera a ela muito mais...

Igualmente poderosa, mas sem significado, lembrou a si mesma, mesmo quando os olhos dele pareceram escurecer e amolecer em resposta às lembranças que ela fez questão de remexer, enquanto a eletricidade no ar levantava os pequenos pelos de seus braços num tremor de consciência. E lutou contra aquilo, contra a necessidade do toque dele, a ânsia pelas palavras sussurradas que só ouvira em seus sonhos, sabendo o quão fácil seria sucumbir ao momento. Fácil falar, mas ele estava mais perto do que estivera naquele momento. Tão perto que o perfume de seu cabelo, das roupas recém-lavadas, da pele almiscarada anulava o cheiro de cânfora e poeira.

Perto demais.

Mesmo sob a luz difusa, ela sabia que seu rosto trairia seus pensamentos e tudo que estava sentindo. Ele não precisava de nada além de um pequeno gemido traidor estraçalhando o silêncio... Um convite aberto para repetir a experiência, só para o caso de a memória dele precisar de exercício... Para que sua expressão mudasse de preocupada para algo muito diferente.

– É mesmo? – murmurou ele, apertando o abraço e trazendo-a para tão perto que suas bocas ficassem a milímetros de distância. – Talvez devêssemos tentar de novo. Para que você possa me explicar.

Não nesse mundo, ela pensou, mas já não havia mais tempo para objetar antes que os lábios dele tocassem os dela, enviando um tremor de prazer... O calor que assombrava seus sonhos... Que serpenteou por ela.

– Passo... – disse ele com a mão escorregando por baixo da longa e larga blusa, fria contra sua pele quente enquanto ele se inclinava para ela, aprofundando o beijo, e ela tremeu, mas não de frio.

Não...

É errado.

Estúpido.

Inevitável.

Inevitável desde o primeiro minuto em que ele entrou em seu escritório. Ela sempre soube. Como ferro diante do ímã. Por que outra razão teriam se esforçado tanto para evitar um ao outro? Foi o único casamento que ela organizou no qual o noivo esteve totalmente ausente.

Mas inevitável não fazia...

A língua dele roçou o lábio inferior, e todas as células do corpo dela responderam como a um comando silencioso caminhando lentamente procurando por mais.

– A...

Sentido...

– Passo...

Oh... Meu Deus...

Os joelhos dela eram água. Mais um minuto, e ela estaria espalhada sobre um dos baús, numa repetição daquele momento quando a atração instantânea havia superado cada partícula de bom senso, toda lição que ela aprendera sobre a inconstância do coração humano. Quando o calor superava o gelo e o transformava em vapor.

Ser dominada, esquecer-se de si mesma tão completamente pode ser perdoável uma vez.

Duas vezes...

Sua cabeça parecia comandada, ela não tinha forças para movê-la, para quebrar o contato, mas então as mãos dele escorregaram para frente em sua inevitável viagem em direção aos seios, mas encontraram a saliência da barriga no caminho e, como se atraído por ele, o bebê se mexeu, estendeu-se para ele. E foi ele quem afastou a cabeça com se tivesse sido atingido.

Por um momento, a expressão dele ficou desolada, vazia, mas então, como se não tivesse sido nada além de uma demonstração de que ela ainda estava sob seu poder, que estava ali para pegar ou largar conforme ele quisesse, deixou a mão cair para o lado.

– Talvez não – disse ele com um toque zombeteiro.

Ela não duvidava, uma vez que para ela o desejo tinha sido bastante real, mas talvez uma das razões pelas quais ele fosse um

bilionário fosse sua habilidade de aprender com os erros do passado e nunca repeti-los.

– Definitivamente não – disse ela, embora sua boca estivesse seca, sua voz pastosa e ela não estivesse tão firme quanto queria. Mas com a ajuda de uma respiração profunda, vagarosamente recuperou o autocontrole.

– Você não precisa de um manual passo a passo, Tom McFarlane. Conhece todos os movimentos.

– E por que eu tenho a impressão que isso não foi um elogio?

– Desculpe, mas não posso ajudá-lo com isso – disse ela com muito cuidado enquanto ignorava o vazio que ficara em seu ventre no local em que ele pousara a mão contra o bebê que crescia. Virouse e pegou o vestido envolvido em papel, segurando-o como um escudo. – Terá que pensar sobre isso sozinho. – E conseguiu sorrir. Se conseguisse pegar leve, rir daquilo como se não representasse nada, sua estada em Longbourne Court poderia, apenas poderia, ser possível nos próximos dias. E, infelizmente, ela não queria partir. Não ainda. Ela tinha se afundado na tristeza de dez anos atrás. Isso era como uma segunda chance de dizer adeus da maneira correta.

E ela ainda não tinha realmente desistido do pai de sua filha. A reação dele ao movimento do bebê sugeria que ele não estava tão imune à ideia de paternidade quanto ela pensava. Talvez se, de algum modo, ela pudesse fazê-lo acreditar que não queria nada para si... Convencer a si mesma era outro problema... Ele pudesse encontrar amor no coração para dar à filha, não importando quão inesperada ela fosse.

Mas não agora. Não aqui. Neste momento, a única coisa em sua mente era colocar uma boa distância entre eles. Tentar recuperar um pouco do pequeno progresso que fizera quando estavam na biblioteca.

– Se me der licença, realmente preciso entregar isso à Geena. – disse ela.

– O casamento tem que ser antes?

Então ela achou que pudesse aguentar a ironia...

– A *representação* do casamento deve ser antes, Tom. Sapatos roxos. Colete roxo. Acredito que Geena já esteja trabalhando no seu.

– Vai mesmo usá-los? – disse ele, recusando-se a dar atenção ao colete. – Os sapatos.

– Estou começando a gostar da ideia – admitiu ela. – O que você acha?

– Acho que é dever do noivo coordenar as cores com a noiva. Também acho que me lembro de você prometer me ajudar a organizar o sótão...

– Eu ajudarei...

– Mas parece que agora que encontrou o que queria não vê a hora de escapar.

O tom foi de descrédito, mesmo assim ele sorriu.

Sua primeira reação ao vê-la tinha sido alertá-la pra que não ficasse tão confortável. Agora estava lhe pedindo ajuda, embora ambos soubessem que as casas de leilão brigariam por uma chance de fazer o inventário do conteúdo daquele sótão.

– Na verdade – respondeu ela –, o acordo era para eu lhe dizer o que havia lá, mas mesmo isso levará mais que meia hora, que é todo tempo que tenho neste momento. – E olhando em volta porque era mais seguro do que olhar para ele: – O que fará com tudo isso?

– Por acaso é da sua conta? – perguntou ele, recuperando um pouco da distância que abandonara brevemente. – Já que é tudo meu?

Tinha a natureza de um desafio, mas ela não aceitou. Parara de pensar naquelas coisas como se fossem suas há muito tempo.

– Não – disse, balançando a cabeça. – Não é da minha conta. Absolutamente.

– Não é verdade – disse ele ao observar os olhos estreitos dela. – Você quer alguma coisa. O urso? As roupas de sua bisavó para o museu de vestimentas?

Era ele mesmo capaz de tentá-la só para se divertir? Ou sua consciência começava a pesar? Não havia realmente necessidade de se sentir mal por se tornar o dono involuntário do lixo da família Duchamp.

– Na verdade, eu gostaria muito de ficar com algumas coisas, mas apenas para meu próprio prazer – assegurou.

Algumas coisas se perdiam para sempre e era preciso apenas aceitar. Conviver com isso.

– Por que você não deixa tudo aqui? – sugeriu ela. Ele balançou a cabeça.

– Eu preciso do espaço. Vamos lá, você deveria me dizer.

Ela olhou para ele. Ele parecia bastante sério, e quem não arrisca não petisca... Ela poderia pedir algo que pudesse ser leiloado e ajudar as mulheres das quais a mãe cuidara tanto.

– Nada para mim. De verdade. Mas se está se sentindo generoso, e já que pensou que tudo seria lixo, talvez possa considerar doar algumas coisas para ajudar a levantar dinheiro para o Clube Fita Cor-de-Rosa.

Tom McFarlane não soubera o que esperar. Mas, rodeada pelos tesouros de família que perdera e tendo a oportunidade de recuperar alguma lembrança preciosa, nunca ocorrera a ele que ela pedisse algo que pudesse ser doado.

– A instituição de caridade que sua mãe fundou? O que ela faz na verdade?

– Ajuda mulheres com câncer. E suas famílias. Quando minha mãe esteve em tratamento, percebeu quanta sorte tinha.

– Tratamento particular? Sem esperas?

– O câncer é como uma guerra, Tom. Há os oficiais e há os civis, mas as balas não conseguem diferenciá-los.

– Desculpe. Foi uma afirmação barata.

– Foi sim, na verdade. – Ela levantou os ombros. – Mas você está certo. Ela fez o tratamento em um quarto particular. Teve o melhor atendimento médico, toda a chance de se recuperar. Só que ela não desprezou tudo isso. Sabia quanta sorte tinha e, por isso, teve muito prazer em poder dar algo em troca.

– Mesmo assim, ela morreu.

Pam tentara atualizá-lo do cenário enquanto ele tomava o café da manhã. Ele não prestara muita atenção, concentrou-se no que havia acontecido com vários de seus projetos que haviam sido deixados nas mãos capazes de Pam quando ele viajou, e não na família de

Sylvie Smith. Mas prestara atenção ao fato de que *lady Annika Duchamp Smith* estava morta.

– Não de câncer. Ela estava dirigindo para Londres na tentativa de resolver a bagunça toda. – Gesticulou em direção ao sótão, mas não era a essa bagunça que se referia. – O tempo estava ruim, ela estava triste. Eu deveria estar com ela em vez de me comportar como uma adolescente malcriada.

Ele viu a garganta dela se mover ao engolir, e foi tudo o que pôde fazer para impedir a si mesmo de tentar tocá-la, mas desta vez num gesto de conforto.

Antes que ele pudesse bancar o tolo... Ela já tinha feito de tudo para dar-lhe todo o conforto, então se recompôs e disse:

– Olhe, não se preocupe com isso. Já nos emprestou a casa. Foi mais que generoso. – Não esperou por uma resposta – Preciso ir.

– Claro. Não devo atrasá-la.

Com um casamento para organizar e um bebê a caminho, já tinha mais que o suficiente para se manter ocupada. Não era problema. Entraria em contato com algumas das casas de leilão para que viessem verificar os baús e separar tudo o que tivesse algum valor.

Ela parou na porta e olhou para trás.

– Se quiser, eu o ajudarei mais tarde. Se estiver planejando ficar.

Existiria um mínimo de esperança naquela voz? Um desejo fervoroso de que ele se fizesse escasso e a deixasse andar livremente pela casa, para ser afagada pelo que restava da família por alguns dias e pudesse fingir que nada mudara? Ou será que estava esperando por alguém?

– Vou ficar – assegurou, sendo cruel. Então se arrependeu do pensamento.

Apesar das origens semelhantes, ela não era nada parecida com Candy, que, tinha-se que admitir, era mais superficial que uma poça d'água.

Sem dúvida ela só queria esquecer, varrer da memória o momento em que se juntara a ele, lamentando e suplicando. E quem poderia culpá-la? Por que motivo iria querer se lembrar?

– Talvez se tiver algum tempo livre mais tarde, poderia me dar algumas dicas do que eu posso encontrar – sugeriu ele.

– Bem, não há nada na TV – disse ela. – Então está marcado. – Depois, como uma lembrança tardia: – Traga uma lâmpada mais forte para que possamos ver o que estamos fazendo.

Ela tinha aquela autoridade natural que fazia os servos pularem ao seu comando, pensou ele. E com um sorriso mostrando que ficavam felizes em pular. A perfeita dama do solar.

Se não tomasse cuidado, acabaria pulando com eles.

– Vou pedir ao sr. Kennedy para substituí-la.

Apenas para reforçar, caso ela tivesse esquecido que esta era a casa dele, que se alguém fosse dar ordens, certamente seria ele.

Capítulo 8

SYLVIE OBSERVOU com certo desinteresse quando Geena e sua equipe ficaram arrebatadas e extasiadas com o vestido de casamento de sua bisavó.

– Ele é tão bonito, Sylvie! – disse Geena, examinando a renda. – O trabalho manual. Estilista francês?

– Indubitavelmente – disse Sylvie. – Minha bisavó Clementine queria tudo perfeito desde o início. Mas é um vestido para uma noiva muito jovem. Ela não tinha nem 19 anos quando se casou com meu bisavô. – Ela deu de ombros, como se tal coisa fosse inacreditável.

– Concordo. Desenhei alguma coisa muito mais sofisticada para você. Flutuante, solto, já que é um estilo que lhe cai tão bem. Sem véu, todavia. Pensei numa jaqueta solta com mangas largas, punhos dobrados.

Geena ofereceu seus esboços dos vestidos.

Sylvie engoliu em seco.

– É absolutamente maravilhoso, Geena. Perfeito. O que é isso no meu cabelo?

– Uma pequena tiara. Nada exagerado – acrescentou ela com um sorriso. – Já que você parece gostar do estilo elegante e reservado.

– Não tenho certeza sobre reservado – disse Sylvie com um sorriso. – Há os sapatos roxos. – Ela deu de ombros. – Esqueci que os estava usando, portanto tive que comprá-los.

– Se você acredita nisso, minha querida, quem sou eu para contradizê-la. Farei o pedido do colete roxo então, posso?

– Algo que eu disser a fará parar?

– Não sei, você pode tentar.

Ela sacudiu a cabeça.

– Certo, pode deixar a tiara comigo, se quiser. A mulher que as faz para mim está expondo na feira. Podemos acrescentar um toque de verde ao violeta? Você não é supersticiosa?

– Não. – Ela fizera tudo de acordo com as regras na primeira vez, e, mesmo assim, tudo ruíra. E desta vez era faz de conta, portanto realmente não importava. – Eu lhe mandarei uma amostra de cor...

– Não se preocupe. Pegarei quando trouxer meus esboços finais e as amostras de materiais para o adorno. Será a primeira coisa que farei de manhã. Esteja pronta para a decisão.

– Entendi o recado, mas agora preciso realmente me despedir, pois tenho um encontro com o fornecedor do bufê, o florista e o confeitiro.

Seguidos de um fim de tarde sendo mimada pelo diabo em pessoa, fuçando nos objetos que restaram de gerações da família Duchamp.

Não foi uma decisão muito brilhante se for considerado o efeito que ele tinha sobre ela. Não podia imaginar o que a havia feito se voluntariar. Ou talvez pudesse, o que era realmente uma burrice, embora ele não tivesse dado continuidade ao ato oportunista daquela manhã. Apesar de ela não ter feito nada para desencorajá-lo. De algum modo, eles conseguiram seguir em frente sem afundarem-se em um constrangimento total, embora apenas ela soubesse o quanto tinha sido difícil manter a linha e fazer piada da situação.

Apenas ela sabia o quanto ficara dividida entre alívio e arrependimento quando ele recuou, resgatando-a de seus hormônios fugitivos.

Ela pode ter passado os últimos seis meses ansiando para que o telefone tocasse, para que ele desse um passo sugerindo que continuassem de onde haviam parado, mas a verdade é que alguns relacionamentos estão fadados ao fracasso desde o começo. E era só isso que significava para ele... Um romance vingativo para jogar combustível no fogo da fofoca e devolver a ele seu orgulho.

Um homem inferior teria feito isso sem pestanejar. Teria usado o caso para amparar sua autoestima esvaçada. Usado para se vingar.

Isso não parecia provar que Tom McFarlane era feito de material mais fino. Ele não tinha necessidade de magoar alguém para se sentir bem. Nem mesmo ela, apesar de ter deixado bem claro que desprezava tudo o que a fizera ser o que é. Uma reação que apenas aumentava sua curiosidade sobre quais forças haviam formado o caráter dele. Franziu o cenho ao pensar na falta de memórias de família dele.

A transformação meteórica de empresário adolescente para bilionário era o assunto da lenda, mas de onde vinha o adolescente? Se ele não tinha família alguma, isso explicaria bastante sua inabilidade em confrontar assuntos emocionais. Sua frieza diante do abandono de Candy. Sua inabilidade em ligar o amor físico a qualquer coisa mais profunda.

Talvez.

Mas tinha que ser assim, disse a si mesma ao entrar no espaço do serviço de bufê, tentando entusiasmar-se com a última moda em salmão cozido... Que nunca foi seu favorito.

– QUE CHEIRO bom – disse ao atirar uma pasta contendo cardápios, fotografias de flores e todo o tipo de bolo que se pudesse imaginar na mesa da cozinha e cruzou até o fogão, onde Tom, incredivelmente, estava amassando batatas. – Cozido de carne apimentada da sra. Kennedy?

– É carne e é um cozido, mais que isso não estou preparado para arriscar um palpite – disse Tom. – Só sou o responsável pelos legumes.

Ofereceu a panela, e Sylvie mergulhou o dedo nas batatas, lambeu e gemeu de prazer.

– Manteiga, alho. Comida de verdade.

– Tem o bastante para dois – disse ele, aparentemente feliz com o prazer dela.

– Tem certeza? Tenho que alertá-lo que estou faminta.

– Inédito. Uma mulher com apetite – disse com um sorriso que se apagou com a mesma rapidez que apareceu. – É que está comendo por dois.

– Oh, nunca fui muito fã de alface – disse, faminta demais para se preocupar com a repentina falta de interesse dele e já alcançando o armário acima do fogão para apanhar os pratos. – Onde está a sra. Kennedy? – perguntou. – Por que ela não está amassando as batatas?

– Está colocando os pés para cima depois de ter ficado ocupada com hordas de expositores e construtores vagando pela casa o dia todo querendo chá, bolinhos e sanduíches. Você sabia que estão comendo tudo o que temos?

Nós?

Apenas figura de linguagem, sem dúvida, mas fez com que os membros cansados dela se arrepiassem de prazer.

– Mande a conta para a *Celebridade*; é a festa deles – respondeu. E já que emoções estavam fora do radar dele, fez o que pôde para manter o sorriso e o tom discretos.

– Eles estão pagando a conta de tudo? – perguntou, olhando para ela.

– É troco para eles. Você perdeu Tom. Se os tivesse deixado cobrir o seu casamento, teriam ficado com a conta.

– E encher a páginas com a história da fuga de Candy. Não, obrigado. Já foi circense o suficiente.

Sylvie sorriu.

– Não foi tão pesado para você, Tom. No mês passado, organizei um casamento em que a noiva chegou de elefante.

– Pare! Pare aí mesmo.

– E você escapou das borboletas...

– Dá um tempo – disse ele, mas também estava sorrindo.

– Está bem. Mas só porque você está protegendo a sra. Kennedy. Embora eu aposte que ela se divertiu bastante com um grande mar de pessoas transitando para variar.

– Um mar de pessoas tirando vantagem.

– Bobagem. Ela não *teve* que fazer bolinhos. Os trabalhadores com certeza trouxeram cantis e seus almoços prontos.

A única resposta de Tom foi um ruído que soou como um buldogue descontente, ao colocar uma concha do rico cozido no prato.

– Entendi que a feira era sua festa – disse ele. – O Clube Fita Cor-de-Rosa e tal.

– Está bem – disse ela, abrindo uma gaveta para encontrar garfos e facas para ambos, antes de puxar uma cadeira e sentar-se confortavelmente à mesa. – Por que não manda a conta para mim e *eu* a mandarei para a *Celebridade*? E prometo que não o farei conferir item por item.

– Não? – disse ao colocar o prato na mesa, chamando a atenção quando trouxe dois copos e uma garrafa de vinho tinto que já estava aberta. E então, quando olhou para cima e captou o olhar dela, disse: – Talvez eu faça questão.

E Sylvie corou. Que idiota! Qualquer um pensaria que ela estava se dirigindo para uma repetição do espetáculo... Talvez estivesse.

– Mas amanhã estarão por conta própria – continuou enquanto puxava uma cadeira e sentava em frente a ela. Ela limpou a garganta.

– Certo. Vai dizer à sra. Kennedy que acabará com a alegria dela? Ou quer que eu diga?

Ele balançou a cabeça tentando não sorrir.

– Apenas diga a ela para não exagerar. E aproveitando, eu não espero que ela me sirva.

– Nem pense nisso – concordou enquanto ele enchia os copos sem se preocupar em perguntar se ela queria vinho e olhou, aparentemente captando a ironia.

– O quê?

Ela deu de ombros.

– Bem, posso estar errada – disse, pegando outro copo e uma garrafa de água da geladeira –, mas suspeito que ela esteja desapontada por não ter tido uma chance de aprontar completamente a sala de jantar e mostrar ao novo “mestre” o que sabe fazer. – E quando ele presumidamente caiu na armadilha. – Talvez esteja um pouco ansiosa também a respeito de seu futuro.

Eles têm uma pensão... que está garantida... mas a casinha deles foi seu lar por trinta anos.

– Suponho que ninguém se preocupou com isso quando os oficiais estiveram aqui.

– Sua suposição está errada. Minha mãe ficou profundamente preocupada. Pelo que ela sabia, eles tinham o direito de posse para a vida toda, e era uma das coisas que ela esperava resolver. – Deixou aquilo de lado. Era passado. – Não estou tentando irritar você. Só dizendo como estão as coisas.

Por um minuto, ele apenas a encarou e assentiu.

– Vou pensar nisso.

– Obrigada. Onde está Pam esta noite? Ela não está com fome?

– Ela aproveitou, já que estou aqui, para voltar para Londres por alguns dias a fim de se atualizar. – Ele levantou o copo ironicamente na direção dela. – Somos só você, eu e os fantasmas.

Certo, talvez ela tenha pedido por isso quando veio com o “mestre”. Ele já deixara bem claro que não gostava da nobreza detentora de terras e tudo relacionado a ela.

Certamente se divertiria transformando este venerável solar em um centro de conferências e os estábulos em acomodações para jovens e brilhantes executivos. Sentiria prazer com a ideia de que eles seriam moldados em líderes de equipes enquanto brincavam de jogos de guerra na floresta antiga.

E por que não?

Era um novo período, a meritocracia dominava e ela deveria aproveitar a oportunidade para demonstrar a própria experiência de sua empresa no campo da organização de conferências.

Adoraria uma chance de expandir os negócios nesta direção.

O que quer que Josie pensasse, já estava, como Tom, farta de casamentos pela vida toda. E estava perdendo o interesse por festas de celebridades também. Talvez fosse a maternidade iminente, mas ela queria fazer algo mais adulto e significativo com o resto de sua vida do que pensar em novas maneiras de gastar o dinheiro dos outros. Quando essa semana terminasse, conversaria com Josie sobre uma sociedade, daria a ela o lado divertido dos negócios para que pudesse se concentrar em assuntos mais sérios.

Ela não achava que Tom McFarlane ficaria tão impressionado se ela usasse a oportunidade para propor negócio a ele, entretanto, então se serviu de água e, repetindo o gesto dele, tocou seu copo.

– Aos fantasmas – disse ela. – Embora tenha que avisar que eles são da família e protegem os seus.

Tomou um grande gole de água, colocou o copo de volta, pegou o garfo e espetou um tenro pedaço de carne.

– Vou dormir muito bem esta noite – mentiu. Como seria possível com ele a poucos metros? – Você, por outro lado, estará destruindo o lugar, e duvido que eles aceitem isso.

– Então estou feliz que esteja aqui. Se eles vierem a mim, buscarei refúgio com você.

Ela engasgou ao engolir a carne, depois, sem conseguir se servir, ela riu.

– Por que diabos eu o protegeria?

– Porque tudo isso é culpa sua. – Gesticulou apontando a cozinha com o garfo. – Se tivesse controlado os seus empregados, Candy teria conseguido sua casa de campo, e Longbourne Court estaria a salvo por mais cinquenta anos.

Ela o encarou, chocada com a provocação. Seu apetite desapareceu de repente.

– Comprou esta casa para Candy?

Ele não respondeu, apenas disse:

– Você acha que ela teria pensado duas vezes antes de fugir com Quentin se soubesse?

Sylvie levantou os ombros e disse:

– Sempre foi a ambição declarada de Candy casar-se com um milionário, Tom, e ela chegou perto mais de uma vez, como tenho certeza de que você sabe.

Ele então deu de ombros.

– Ela mal podia negar que houvera um bom número de histórias – admitiu ele. – Os romances dela sempre receberam o tratamento completo da *Celebridade*.

– Assim como os rompimentos. Ela tinha o hábito de fazer algo ultrajante que destruía suas chances.

– Então? O que está dizendo? Que sou o último de uma longa fila a levar um fora no estilo bastante individual dela?

Ela balançou a cabeça.

– Não exatamente. – E mexeu as batatas cremosas com o garfo. – Eu sempre penso que é porque ela achava que podia conseguir coisa melhor. Tinha alguém mais rico, mais interessante, mais excitante em vista. Mas então ela teve você, Tom, e mesmo assim fugiu.

Os cantos dos olhos dele se fecharam em um sorriso.

– Acho que você acabou de me fazer um elogio.

– Acredito que fiz sim – respondeu ela, sorrindo também. Então, sentindo-se um pouco leviana, disse: – Tenho pensado nisso desde que os vi juntos. Quando voltaram para casa. A mudança nela era extraordinária. Ela não o deixou por alguém mais rico ou mais interessante, mas pelo doce e adorável Quentin. Um homem com nada a oferecer além de amor.

– E a perspectiva de um título.

– Ele vem de uma família de vidas longas, Tom. Ninguém herda naquela família até que esteja bem velhinho.

– Então por quê?

– Por que se casou com ele? Acho que finalmente encontrou o que esteve procurando esse tempo todo. O ingrediente que faltava. – Tom franziu o cenho. – Eles estavam apaixonados – disse ela. – Desculpe, mas coração ganha de diamantes. O amor vence tudo.

– Estou feliz por ela. – Talvez ela não parecesse convencida, pois ele disse. – De verdade. Ambos tínhamos o que o outro queria, ou, no caso dela, achava que queria. Mas nenhum de nós esteve tão fora da realidade a ponto de acreditar que estivéssemos apaixonados.

– Realidade é uma ótima base para o casamento – tranquilizou Sylvie, comovida com a generosidade inesperada dele. – Há muito mais possibilidade de desilusão contando apenas com sentimentos.

Ela já vira a confusão que alguns amigos, perdidamente apaixonados, fizeram de seus casamentos.

– É uma boa teoria, mas não leva em conta o fator “X” que nos faz de bobos. E você não respondeu a minha pergunta.

– Se Longbourne Court teria sido suficiente para levar Candy ao altar? – Ela o olhou pensativa. – Se arrepende de não ter dito a ela?

– Não é a resposta certa para a pergunta.

– Não, mas se serve de ajuda, conheço Candy desde que tínhamos 12 anos, e nunca a tinha visto tão... *envolvida*. Para falar a verdade, não acho que as joias da coroa a teriam abalado.

– Nesse caso, estou feliz em não ter dito a ela. – Ele claramente não tinha a mesma fé no poder da “verdadeira razão” que ela tinha. Então, obviamente sem querer continuar no assunto, ele disse: – Como vão os planos para o seu casamento? O vestido fez a mágica?

– Geena ficou feliz – disse sem elaborar.

– E você?

Ela levantou os ombros.

– É a apresentação dela, e estou certa de que o resultado será estonteante. Para ser honesta, já cheguei ao ponto em que quero que tudo se acabe logo.

Tom a encarou firmemente.

– Este não é para ser o dia mais feliz da vida de uma mulher? Toda a fantasia que ela sempre sonhou?

– Sim, bem, neste momento, Tom, minha fantasia seria ter alguém para organizar todos os detalhes. De repente entendo a atração em contratar uma organizadora de casamentos; realmente deveria ter deixado tudo isso para minha assistente. Josie teria se saído muito bem. Infelizmente ela já está cuidando das minhas tarefas e das dela também.

Tom encarou Sylvie com um toque de preocupação real. Havia círculos fundos ao redor de seus olhos, e, apesar de afirmar que estava morrendo de fome, não tinha feito mais do que espalhar a comida no prato.

Tudo isso era demais para ela.

Ela deveria estar descansando, e não correndo para organizar um casamento de última hora quando tinha um emprego exigente e uma empresa para dirigir.

Onde diabos estava o noivo? O pai de seu bebê? Por que ele não estava assumindo um pouco desse trabalho?

– Se não se importa que eu diga, Sylvie, não parece que você está se divertindo muito com tudo isso.

– Acredite, só o fato de apoiar uma instituição de caridade muito valiosa me induziu a participar de tudo isso.

Ele fez uma careta. Havia algo que não estava certo a respeito de tudo, mas ele não podia se meter.

– Quanto a *Celebridade* ofereceu para cobrir esse seu casamento?

– Nada que compensasse – disse ela, finalmente caindo na gargalhada. – Não ajuda nada ter que ser assim tão depressa... – Ele a estava encarando. – Por causa da feira de casamentos – afirmou ela.

Então era isso?

Será que o nobre dela, tão recentemente libertado de um casamento, pensou que estava sendo apressado a entrar em outro, não apenas pela gravidez, mas para apoiar a instituição de caridade? Seria preciso um homem corajoso para fazer à noiva essa pergunta em particular e se conformar com isso.

– Muito além do dever, sem dúvida, mas com sua experiência, deve ser um pouco mais do que apenas realizar tarefas sem envolvimento emocional.

Ela suspirou.

– Acha isso, não é? – disse, brincando com as batatas de um modo que ele desejou poder alimentá-la com boas garfadas confortantes. – Fiz isso várias vezes para outras pessoas. O problema é que tenho uma reputação a zelar. Meu “casamento” tem que ter aquele fator especial – disse, como se especial não significasse muita coisa. – Tem que ser imaginativo, diferente, original.

– Então qual é o problema?

– Preciso de um tema. Normalmente tenho uma noiva para canalizar esse entusiasmo, me alimentar com ideias. Às vezes, ideias até demais.

– E você não tem nenhuma ideia sobre o que quer para o seu casamento?

– Triste, não é? – disse, fazendo uma careta. – O problema é que já fiz tudo isso antes. Passei meses planejando cada detalhe.

– Nem todo mundo consegue uma segunda chance para acertar.
– Talvez esse seja o problema. Foi perfeito da primeira vez. – Ela sorriu um pouco triste demais. – Perfeito demais. Deixo Josie louca exigindo que encontre o menor defeito, algo que deu errado...

– Os árabes varrem seus erros para debaixo do tapete acreditando que apenas Deus pode fazer as coisas perfeitamente.

Ela o olhou, e seus olhos se iluminaram.

– É isso. É exatamente isso... Quando Jeremy tinha 5 anos e eu ainda estava no berço, nossas famílias já estavam planejando um casamento grandioso, e, como crianças obedientes, fizemos a coisa certa e nos apaixonamos.

– Que conveniente.

– Você acha que fomos apenas convencidos a isso? – perguntou ela, não muito empolgada. – Apaixonados pela ideia?

– Posso até achar, mas não ousaria cometer o erro de dizer tal coisa – assegurou Tom apressadamente.

– É claro que ousaria. Acabou de dizer. E, honestamente, não poderia ter sido mais perfeito. Então meu avô morreu, os credores vieram, e o casamento teve que esperar.

E a mãe dela também morrerá. Enquanto ela se comportava como uma adolescente mimada, fora descartada pelo homem que amava... E toda a sua família... Porque eles não queriam estar ligados ao desastre.

– E o Jeremy? – perguntou ele. – O que aconteceu a ele? – Porque evidentemente algo acontecera.

– Oh, ofereceram uma transferência para o estrangeiro na empresa dele.

– Seria o Banco Hillyer?

– Seria.

– Conveniente. Imagino que foi enviado para longe da dor para que a relação pudesse morrer de causas naturais.

– Cínico.

– Mas certo.

Dinheiro e terras casando com dinheiro e terras. Ele suspeitava que a única totalmente inocente fora Sylvie... Muito jovem para lidar

com um mundo de mágoas. Sem pensar, ele envolveu os dedos dela com os seus.

Assustada, ela olhou para cima, e ele a viu engolir e deter as lágrimas que havia derramado na tarde em que fizeram amor. E do mesmo modo que se sentira naquele dia, ele estava tomado por uma sensação de inutilidade.

– Sinto muito, Sylvie – disse ele, tirando as mãos das dela para pegar o copo, embora não tenha bebido.

– Não sinta.

Não. Ela tivera seu final feliz. Dez anos depois, mas tudo dera certo para ela no fim. Então por que seus olhos ainda brilhavam com lágrimas não derramadas?

Quantas lágrimas já desperdiçara por um homem que não merecia nem ao menos uma?

– O casamento é para a alegria e a tristeza, e éramos jovens e imaturos demais para aguentar a tristeza – disse ela como se tivesse que explicar. – Pelo menos, desse modo, não nos transformamos em mais uma estatística.

– Há um lado positivo em tudo – disse ele. – É o que dizem. – Mesmo as piores feridas cicatrizam com o tempo, e Jeremy Hillyer, recentemente elevado à nobreza, finalmente retornara para reivindicar seu amor de infância. E antes que pudesse impedir a si mesmo, Tom viu-se dizendo: – Há algo que eu possa fazer para ajudar?

– Como é que é?

Ela tinha o direito de parecer surpresa. Ele não tinha sido o mais acolhedor dos anfitriões.

Mas então, tendo considerado amor como apenas uma palavra de quatro letras, ele pareceu ter sido arrastado por sentimentos que não desapareceriam. Que apenas ficavam mais profundos, mais intensos quanto mais ele tentava se livrar.

Parecia que o homem com uma reputação de nunca deixar escapar uma oportunidade tinha, no maior negócio de sua vida, perdido uma chance.

– Com o casamento – disse ele.

– Está brincando? – E do nada ela riu. Uma completa e deliciosa gargalhada que iluminou seus olhos. – Muito bem, estou entendendo. Você acha que se puder apressar as coisas, estarei fora de suas vistas mais depressa.

– Acertou – disse ele, mesmo sendo a última coisa que passara em sua cabeça. Sentar aqui com ela, compartilhar uma refeição, falar bobagens, foi uma experiência que ele achou que fosse gostar de repetir umas três vezes por semana pelo resto de sua vida.

Bem, jamais aconteceria. Mas ele tinha hoje, essa semana a despeito de tudo e se pegou rindo também.

– Então? O vestido já está decidido. – Ela queria uma versão atualizada do original, ele sabia agora. – O que vem depois?

Ela pareceu confusa, incerta, como deveria.

– É terapia – assegurou ele. – Confrontar o que você mais teme.

– Oh, certo.

Era decepção? Não era a explicação que procurava? Que esperava?

– Comida – disse ela aceitando. – Algo que um homem tão maravilhosamente seguro com um amassador de batatas deve com certeza conhecer.

– Um homem que mora sozinho tem que saber cozinhar.

– Nunca pensaria que isso pudesse ser um problema. Com certeza mulheres estão brigando pela chance de alimentá-lo para provar que valem à pena.

– Não o tipo de mulher que namoro – disse ele.

E ela corou. Ele adorava quando ela fazia isso.

– Deveria ser ideal para você – disse ela, abaixando a cabeça para pegar o brilhante cardápio e mostrar a ele. E, segurando-o, perguntou: – Qual seria o seu banquete de casamento perfeito?

Houve algo intenso na maneira como ela perguntou aquilo, no modo como olhou para ele. Como se houvesse um significado maior. Como se ela tivesse tentando contar algo.

– Provavelmente nada que tem aqui – admitiu, esperando pelo que não pôde dizer.

Finalmente ela soltou o cardápio.

– Me surpreenda.

Ele o pegou, mas não conseguiu tirar os olhos dela. Ela não era glamourosa do mesmo modo que Candy fora. Mas tinha uma qualidade que lhe chamava a atenção. Uma curiosa mistura de força e vulnerabilidade.

Ela era a mulher que combinava com ele. A que ele queria proteger. Uma combinação que o confundia e, ao mesmo tempo, fazia tudo parecer tão simples.

Exceto pelo fato de que ela estava esperando o bebê de outro homem. Um homem que a abandonara quando mais precisou dele. E aparentemente não teve que fazer nada além de aparecer para retomar as rédeas como se nada tivesse acontecido.

– O acordo é que eu escolho o cardápio e você coma – disse ele.

Por um momento, ele achou que ela fosse discutir, mas ela pegou o garfo, usando a comida como escudo para disfarçar o fato de que estava corando de novo. Algo que parecia fazer o tempo todo, embora tivesse reagido a ele como uma tigresa. A mulher era um paradoxo. Tal que ele não conseguia nem começar a entender. Nem tentou. Apenas esperou até ter certeza de que ela estava comendo, e não brincando com a comida, antes de dar total atenção à simples tarefa de escolher um cardápio para o casamento dela do mesmo modo que, há 12 meses, ela escolhera para o dele.

Sylvie, observando Tom folhear os cardápios, redescobriu seu apetite. De algum modo, ao conversar com ele, finalmente conseguira enterrar os últimos resíduos da mágoa que Jeremy causara.

Saber que ele conhecera alguém na América, que se casara, a chegada de cada filho fora uma repetição de facadas em seu coração, tão dolorosas quanto aquela que recebera no dia em que afirmara precisar de “um pouco de espaço”. Que passaria um tempo fora quando ela mais precisava dele.

Talvez se não tivesse sido seu primeiro e único amor, ela tivesse se recuperado antes. Do modo como aconteceu, ninguém a tocara até que Tom McFarlane entrara em seu escritório e, com apenas um olhar, a trouxera num sobressalto de volta à vida, do mesmo modo que a oficina fizera seu carro funcionar de novo quando ficou sem bateria.

Não haveria mais lágrimas por causa de Jeremy Hillyer. Tom McFarlane apagara cada pensamento nele; ela mal o reconhecera quando ele apareceu naquela recepção. Não porque ele envelhecera mal, longe disso. E, sim, porque era fácil enxergá-lo como o homem superficial que sempre fora. Nenhuma lágrima também pela garota que ela fora. Elas ameaçaram cair por um momento, mas Tom estava ali, e elas secaram como uma névoa de verão. O difícil agora seria não derramar nenhuma por causa de Tom.

Ele tirou os olhos do folheto e, com uma expressão de desgosto, disse:

– É isso realmente que as pessoas esperam comer em um casamento? Elaborados pedaços de peixe. Comida de menina. Nós precisamos conseguir fazer melhor que isso. – Nós. A palavra conjurou um raro calor, mas ela não podia interpretar mal.

– A ideia é de que precisa ficar bonito no prato – ela disse.

– Para a *Celebridade* ou para você?

– Que diferença faz?

– De quem é o casamento? – exigiu ele, enojado. – O que você realmente escolheria se não tivesse que ceder aos caprichos de uma revista de fofoca?

O quê... De onde viera aquilo? Não era apenas irritação, era raiva. Como se realmente importasse.

– Eles estão pagando uma boa quantia para ter seus caprichos satisfeitos – lembrou ela. – Além do mais, é preciso pensar nos expositores da feira. Essa é a grande chance deles.

– É o seu casamento. Deveria ser como você quer.

Isso a fez rir.

– Quem dera, mas não acho que dez minutos com o oficial de registros diante de duas testemunhas, seguidos de um jantar de peixe com batatas fritas pagariam a conta da “fantasia”, você acha?

– É isso que escolheria?

– Rápido, simples. Parece bom para mim. – E porque a expressão dele se tornou pensativa demais, continuou: – Essa informação é confidencial, a propósito.

– É claro. Percebo que mal faria aos negócios se viesse à tona que a organizadora de casamento número um detesta casamentos.

– Eu não disse isso! – É claro que ela poderia lidar com aquilo. Se não estivesse aqui. Se ele não estivesse aqui. – É só que tem sido muito apressado. Parece que não consigo controlar. Encontrar meu tema.

– Por que não espera para depois que o bebê nascer? Não é isso que a maioria das celebridades faz hoje em dia?

– Não sou uma celebridade – vociferou. – E a feira é neste fim de semana.

– Haverá outras feiras.

– As pessoas estão contando comigo, Tom, e quando me comprometo, eu cumpro. É negócio certo.

– Então vai passar por toda essa comoção só para o bem de uma doação para a instituição de caridade?

– É uma doação bastante generosa, Tom. Poderemos fazer muito com o dinheiro. E eu realmente quero ajudar o comércio local.

– Só isso?

– Não é o bastante?

– Pensei que tivéssemos concordado que não é, mas quem sou eu para julgar? – Ele pareceu nervoso, o que era uma estupidez. Culpa dela por fazer tanto estardalhaço, mas antes que pudesse falar alguma coisa, se desculpar, ele disse: – Peixe com batata frita?

– Servido no papel. Ou salsicha com purê. Algo fácil que você pode comer com os amigos em volta da mesa da cozinha.

– Bem, certamente derruba qualquer coisa que vi por aqui – concordou, jogando o cardápio de volta na pilha de material que ela juntara durante a tarde. – Eu não sabia que existiam tantas maneiras de se servir salmão.

Ela gemeu.

– Detesto salmão. É tão... tão...

– Cor-de-rosa? – ofereceu ele, quebrando a tensão, e ambos sorriram.

– Essa é a palavra. Vamos. – Ela levantou e começou a juntar os pratos. – Vamos limpar isso e depois iremos dar uma olhada no sótão.

– Esqueça o sótão. Vá se sentar. Vou trazer café.

Ela recostou um pouco, puxou para trás uma grande mecha de cabelo que escapara do lenço de *chiffon* e a colocou de volta.

– O que disse?

– Você esteve andando por aí o dia todo. Precisa colocar os pés para cima. Descansar.

– Bem, obrigada por isso, Tom. Você acaba de me fazer sentir tão atraente quanto um...

– Você está maravilhosa – disse ele. – Na verdade, você poderia ser a garota-propaganda de todos aqueles adjetivos que as pessoas usam quando descrevem uma grávida.

– Como, por exemplo, gorda.

– Exuberante.

– Apenas outra palavra para gorda.

– Irradiante – disse ele, colocando as mãos sobre a mesa e se inclinando para frente. – Exceto pelas manchas escuras debaixo de seus olhos que sugerem que não tem dormido bem.

– Cansada e gorda. Tem como piorar?

– Bem – disse, aparentemente considerando a pergunta –, talvez você esteja um pouco mais magra no rosto.

Prestes a protestar, percebeu a centelha no olhar dele e percebeu que a estava provocando.

– Cansada, gorda e com olhos fundos. Entendi – disse, mas sem conseguir tirar o sorriso do rosto. Provocando! Quem imaginaria isso? – Esqueceu de mencionar os tornozelos inchados.

– Seus tornozelos não estão inchados – disse com a convicção de um homem que prestara bastante atenção, mas como se percebesse que ultrapassara alguma barreira silenciosa. – Não se preocupe. Tenho certeza de que um bom fotógrafo saberá produzir imagens que não a delatem.

Ela gemeu.

– O fotógrafo. Esqueci de ligar para ele. É verdade o que dizem. Meu cérebro está se transformando em queijo suíço...

– Mais uma razão para você colocar os pés para cima agora. A sala de estar se rendeu à sua feira, mas há uma lareira acesa na biblioteca.

– A sra. Kennedy acendeu o fogo? Que bênção.

– Eu acendi quando trabalhei ali esta tarde. Aproveite.

– Eu vou. Obrigada. Isso é o que acontece quando moramos sozinhos. Ninguém nunca fala para você pôr os pés para cima ou traz uma xícara de café. – Por um momento, não pôde pensar em nada para dizer. Então a palavra “café” chamou a atenção, e ela disse: – Café não. Chá. Camomila e mel. Encontrará os saquinhos...

Ele encurtou a distância entre eles e a beijou, e ela esqueceu tudo sobre os saquinhos de chá.

Foi um beijo discreto.

Um beijo para que ela parasse de falar.

O tipo de beijo que ela poderia ter aprofundado e levado para onde quisesse, e sabia o quanto seria correto porque eles já haviam feito isso antes. Mas quanto seria errado também. Ela o queria do mesmo modo... Mais porque desta vez a decisão seria sua e seria tomada com o coração e a mente. Não apenas uma reação ao instinto de união em tempos difíceis que dominara ambos.

Mas queria Tom envolvido com o bebê. Essa era a relação importante aqui. Seus desejos não importavam.

Talvez ele também entendesse assim, porque foi ele quem se afastou. Deixou um espaço frio onde, por um minuto, houvera apenas calor.

– Em algum lugar – ela terminou a frase, conseguindo, de algum modo, dar a impressão de que nada intervieria entre a primeira e a última parte da sentença. Então, porque manter aquele tipo de pretensão nunca seria possível, ela rapidamente pegou seu laptop e os folhetos e saiu.

Não que ajudasse. Ainda podia sentir os lábios encostados aos seus e o formigamento do beijo da cabeça aos pés.

Capítulo 9

POR UM minuto inteiro, Tom não se moveu. Usou o tempo para recuperar o controle de sua respiração e de partes de seu corpo que pareciam ter vontade própria.

Seu coração principalmente.

Por um momento, estivera certo de que Sylvie retornaria o beijo. Colocaria as mãos em seu rosto e o abraçaria enquanto beijava, e ele subiria na mesa para chegar até ela e mostrar tudo o que estava sentindo.

Mas, desta vez, ela não perdeu o controle. Afinado com ela de um modo que não conseguia entender, sentira uma hesitação quase imperceptível e colocara um fim naquilo antes que pudesse causar um constrangimento para si, ou para ela. Na verdade, o bom senso sugeria que a coisa mais sensata que poderia fazer nesse momento era sair pela porta dos fundos, entrar em seu carro e partir para a segurança de Londres.

Mas já fugira antes. Manter-se distante não ajudara em nada, e Sylvie estava amarrada em outro relacionamento. Ela havia dito isso claramente. Assumira um compromisso e sempre cumpria sua palavra. Não importa o que estivesse sentindo, e ele sabia que ela sentira o mesmo tremor obscuro de desejo que o motivara, não perderia a cabeça novamente.

Quanto a ele, a necessidade de se olhar no espelho todas as manhãs o impediria de fazer algo de que pudesse se arrepender. Magoá-la ainda mais do que já havia magoado. Passou as mãos pelo

cabelo para achatá-los na cabeça e olhou para o teto enquanto soltava o ar longa e vagorosamente.

Vivia sem amor há tanto tempo que mal podia se lembrar da sensação, só conseguia se lembrar das fagulhas e da dor. Era um conceito estranho, algo que não conseguia entender. E passar uma vida inteira assistindo dos bastidores enquanto amigos e conhecidos se separavam e se recompunham oferecia poucas dicas. Sempre mantivera uma distância até que finalmente arranjava o que parecia o casamento perfeito com a esposa-troféu perfeita. Uma mulher que nem dera nem quisera nenhum compromisso com sentimentos profundos.

Apenas o perfeito marido-troféu.

Então ficara frente a frente com Sylvie Duchamp Smith, e a partir daquele momento, seu casamento tornara-se um fardo que teria que carregar. Mas do mesmo modo que Sylvie, ele assumira um compromisso, e, como ela, ele sempre cumpria sua palavra. Mesmo assim, quando ganhou a suspensão de sua sentença no último minuto, ainda lutou contra sentimentos que não compreendia. Fora emocionalmente incapaz de dizer as palavras que tornariam tudo certo. Em vez disso, pela segunda vez na vida, reduzira uma mulher às lágrimas.

Sua punição era assistir impotente enquanto ela planejava seu casamento. Um casamento que ela não parecia estar aguardando com nenhum entusiasmo, ou prazer, ou alegria.

Apoiou-se na beira da pia, lembrando-se de que ela estava grávida. Que o que quer que estivesse fazendo e por qualquer que fosse a razão, seu bebê tinha que vir primeiro.

Abriu a torneira, mas em vez de encher a chaleira, encheu as mãos de água e jogou no rosto para esfriar o calor dos lábios que ainda tinham o gosto dela. E quando aquilo não adiantou, colocou a cabeça debaixo da água gelada.

SYLVIE DEIXOU o peso que carregava na mesa da biblioteca, se rendeu ao conforto de uma das velhas poltronas de couro que ficava perto do fogo e fechou os olhos, mais em desespero do que de prazer.

A intensidade da atração não diminuiria, isso era óbvio. Não foi só ela, foi uma ligação mútua, algo além das palavras, e, mesmo assim, parecia que havia uma barreira invisível entre eles.

Ou talvez fosse uma barreira visível.

Uma das coisas com as quais Candy ficara muito feliz em seu casamento arranjado era o fato de Tom não estar interessado em crianças, e, portanto, seu corpo ficaria preservado para a posteridade.

Mas qual era o negócio dos casamentos arranjados? Deveria haver algo neles para ambas as partes. Esta casa era uma indicação muito clara do que Tom tinha em mente. Posteridade. Um herdeiro e certamente mais um filho. Talvez dois.

A família que ele nunca tivera.

Então qual era o problema dele?

Se era um acordo de negócios que ele queria, ela tinha a mesma classe, conexões e conhecimentos que Candy e não era nem de longe tão cara. Ao contrário, podia se sustentar sozinha. Incluindo o herdeiro.

Talvez fosse a falta de implantes de silicone, ela pensou, lutando contra um bocejo. Ou a falta das lentes de contato azul-safira.

– Se é isso que ele quer, então sinto muito, filha, estamos sozinhas – murmurou.

TOM EMPURROU a porta da biblioteca e parou ao ver Sylvie esticada em uma das cadeiras ao lado da lareira, com membros relaxados, olhos fechados, cabeça apoiada no encosto alto.

Dormindo profundamente, totalmente indefesa, e, em contraste com o desejo ardente que ele fizera o possível para afogar na água fria, foi dominado por uma grande onda de proteção que crescia dentro dele.

Totalmente diferente de qualquer coisa que jamais sentira por alguém antes.

Seria amor?

Como saber?

Tão silencioso quanto conseguiu, para não perturbá-la, colocou a bandeja em uma mesa próxima e sentou-se na cadeira oposta à

dela, feliz em apenas observar o subir e descer de sua respiração. Contente em ficar assim para sempre.

Mas nada era para sempre, e, depois de alguns minutos, as pálpebras dela se moveram. Ele viu o momento da confusão enquanto ela acordava e depois o sorriso quando percebeu onde estava.

Um sorriso que diminuiu quando ela o viu, e, envergonhada de ter sido pega dormindo, lutou para sentar direito.

– Oh! Deus, por favor, me diga que eu não estava babando.

– De maneira nenhuma – tranquilizou ele, levantando-se e colocando uma xícara na mesinha ao lado dela. – E você ronca bem baixinho.

– Verdade? Em casa, os vizinhos reclamam.

– Bem, eu estava sendo simpático... – Ele ofereceu a ela um prato com alguns biscoitos caseiros que encontrara, e ela sorriu. Provocá-la era divertido... – Pegue um destes.

– Os cura-tudo da sra. Kennedy? Quem poderia resistir?

– Não eu – disse ele, pegando um para si. E quando derreteu na sua boca: – Posso ver como eles conseguiram esse nome. Talvez ela devesse comercializá-los. Uma seleção inteira de originais de Longbourne Court.

– Com uma foto da casa na embalagem? Perfeito para o mercado nostálgico. Exceto, é claro, que não haverá Longbourne Court por muito mais tempo. Originais do Centro de Conferências Longbourne não têm o mesmo efeito, não é?

Ele não respondeu imediatamente. E quando falou, não respondeu a pergunta que ela fizera.

– Quando me perguntou se eu comprei a casa para Candy, talvez eu tenha deixado uma impressão errada. – As palavras apenas saíram. Ele não sabia que as diria. Apenas era a verdade.

– Você sempre teve a intenção de convertê-la?

– Não! – Ele balançou a cabeça – Não. Eu disse a mim mesmo que a estava comprando para Candy. O supremo presente de casamento. Mas quando entrei na casa, foi como entrar no sonho que sempre tive a respeito de como um lar de família deveria ser. Havia velhos casacos impermeáveis pendurados na entrada. Galochas que

pareciam ter sido recém-tiradas. Cada tapete dava a impressão de que o cachorro tinha acabado de se levantar.

– E toda a mobília em condições de “casa de campo”. Em outras palavras, desleixada – disse Sylvie.

– Confortável. Caseira. Habitada.

– Certamente é.

– Candy iria querer mudar tudo, não iria? Contratar um decorador bacana de Londres para tirar tudo e começar do zero.

– Provavelmente. Mas não importa muito agora, não é? – Ela levantou uma sobrancelha, mas, quando ele não respondeu, voltou a se encostar à confortável cadeira. – Isto é uma bênção total – disse, mordiscando o biscoito. – Todas as tardes de domingo da infância combinadas. – E olhando para ele, perguntou: – Está chovendo?

– Chovendo?

– Seu cabelo está pingando.

– Oh, isso. Não é nada. Esqueci a chaleira, e a água espirrou em mim – mentiu.

– E só atingiu seu cabelo? – A sobrancelha continuava arqueada. – Como teve tanta sorte? Quando acontece comigo, sempre molho o rosto e o peito todo.

– Bem, como já notou, minha gola está encharcada, se isso ajuda.

– Acha que sou assim tão sem coração? Chegue mais perto do fogo, ou pegará uma gripe.

Ele não precisou de um segundo convite, pegou outro biscoito e se acomodou no tapete com as costas apoiadas na cadeira ao lado da lareira.

– Conte-me sobre seus domingos de inverno, Sylvie.

– Eu preferia ouvir os seus.

– Não, acredite, não preferia. Definitivamente não há nenhuma nostalgia neles. – E porque não queria pensar neles. – Vamos lá. Eu quero tudo, do pão preto com manteiga às três opções de bolo.

– Nunca tivemos três opções de bolo! – declarou num insulto de brincadeira – De acordo com minha mãe, apenas crianças mimadas tinham três tipos de bolo.

– Aposto que tinham bolo de frutas tostado. Ou eram muffins?

– Panquecas. Eram sempre panquecas – disse, ainda resistindo a ele. – Agora a sua história.

– Não vai gostar dela. – Mas, por um momento, ficou tentado por algo nos olhos dela. Tentado a tirar o peso de si e compartilhar cada momento doloroso, mas ele sabia que, uma vez que fizesse isso, ela o possuiria e ele ficaria amarrado a ela para sempre, enquanto ela pertenceria a outra pessoa.

– Você as tostava com aqueles garfos compridos direto no fogo? – perguntou.

E, finalmente, ela deixou pra lá com uma gargalhada.

– Oh, certo. Eu me lembro de você, Tom McFarlane. Você era a criança pobre e suja com a cara apertada contra a vidraça.

A risada dela era contagiante.

– Quem dera, mas eu já andava solto, revirando lixo nas docas enquanto você ainda aprendia a andar, mas se eu estivesse parado na janela, você teria me convidado a entrar, não teria? Com 5 ou 6 anos, um pequeno anjo louro, teria me dado seu pão com mel, suas torradas com geleia e um grande pedaço de bolo de cereja.

Então, sem conseguir continuar com pretensa zombaria de si mesmo, pegou uma tora e a usou para reavivar o fogo antes de atirá-la nas chamas, dando a si mesmo um ou dois minutos para se recuperar. Colocou uma segunda tora e, com o sorriso firme no lugar, arriscou outro olhar.

– Você desafiaria seu pai mesmo quando ele ameaçasse me perseguir com sua arma.

Encantado com essa imaginária visão de uma família reunida em volta do fogo na hora do chá, ele só queria provocar, mas num instante o sorriso dela desapareceu em uma aparência de tamanha tristeza que, se ele tivesse como destruir, teria despedaçado aos pés dela.

– Você estaria bem a salvo de meu pai, Tom. Ele nunca estava em casa nas tardes de domingo. Sempre foi um chá para dois.

Por baixo da afirmação calma, ele sentiu dor e, lembrando-se do quão prontamente ela cortara o pai de seu papel no casamento esta manhã, um toque de traição. Uma garotinha deveria poder contar

com o pai. Espelhar-se nele. E ela não o fizera, e isso só poderia significar uma coisa.

– Ele estava tendo um caso?

– Minha mãe devia saber, percebeu a verdade logo após o casamento da alta sociedade, mas ela me protegeu. E o protegeu também. – Ela olhou para as profundezas do fogo. – Ela o amava, entende?

Levou um minuto, mas ele entendeu.

– Seu pai era gay?

– Ainda é – disse ela. – Um fato que só aprendi quando o pai dele morreu, e ele parou de fingir que era o pai e marido perfeito e foi morar com seu amante em uma das ilhas gregas, apesar do fato de que minha mãe acabara de ser diagnosticada com câncer de mama. Ele não ligava para o que os outros pensavam. Só se importava com os sentimentos do próprio pai.

– Se ela o amava, Sylvie, tenho certeza de que sua mãe ficou feliz que ele finalmente podia ser ele mesmo.

– Ela disse isso, mas precisava dele, foi cruel deixá-la.

– Tem certeza de que não foi um alívio para ela também? Quando você está doente, precisa de toda sua energia apenas para sobreviver.

Ela engoliu e apenas balançou a cabeça.

– Você o vê? – insistiu ele e, quando o silêncio respondeu a pergunta, disse: – Ele quer ver você?

Ela ergueu os ombros levemente.

– Ele manda cartões de Natal e aniversário por meio do advogado da família. Eu os devolvo sem abrir.

– Não...

Tocando no ponto fraco, a palavra escapara. Ela fizera aquilo por ele. Libertara emoções e remexera nas lembranças. Agora ela olhava para ele com a bela testa levemente enrugada, esperando que ele continuasse, mas ele deixou de fora as lembranças sombrias... Não estavam falando dele.

– Ele não sabe que será avô em poucos meses? – perguntou. – Está esperando que ele leia o anúncio no jornal? Para Sylvie Duchamp Smith... – Ele não conseguiu dizer Hillyer – um filho.

Ou será que ele também lera aquilo na *Celebridade*? Tom se lembrou do choque ao ler a notícia. A dor inesperada...

Naquele momento, a ideia de voltar para casa se tornou tão inteiramente sem propósito que ele não conseguiu se mexer. Um vazio que ele não experimentava desde o dia em que percebeu que sua mãe não voltaria mais para casa e ele ficaria completamente só...

– Uma filha – disse ela, colocando a mão protetora na curva de seu abdômen. O exame mostrou que é uma menina.

– Uma filha – disse ele calmamente.

Uma garotinha que teria cachos louros, olhos azuis e um sorriso de partir o coração de um pai.

– Imagino como ele se sentirá quando souber – disse ele. Mas apenas porque queria que ela pensasse a respeito. Ele já sabia.

Ser deixado de lado, afastado de algo do qual nunca faria parte.

– Você se importa? – exigiu ela, atônita. Olhou para ele como se não pudesse acreditar no que ouvira. – Está realmente preocupado?

– Sim, Sylvie, estou preocupado. Ele é o seu pai. Vai partir seu coração.

Sob a onda de calor do fogo, ela ficou branca.

– Como ousa? – disse, empertigando-se, saindo da cadeira e balançando de leve.

– Sylvie, me desculpe... – Ele ficou de pé e a alcançou para firmá-la, ciente de que vagara por um campo minado, mas tarde demais para fazer qualquer coisa além de se desculpar.

Tudo isso era muito estranho para ele. Ele quisera, apenas por um momento, compartilhar as lembranças felizes da infância dela, e não desenterrar as ruínas.

Nunca ocorrera a ele que ela pudesse ter nada mais do que uma infância perfeita.

– Me desculpe? Isso é tudo? – disse, livrando-se dele – Tem muita coragem, Tom McFarlane. – E dirigiu-se à porta enquanto ele ainda tentava descobrir o que tinha feito de tão horrível. E o deixou com suas tolas fantasias de famílias felizes.

– Sylvie, por favor... – E chegou à porta antes que ela para bloquear sua passagem.

Ela se recusou a olhar para ele, a conversar com ele. Apenas esperou que recuperasse a educação e a deixasse passar, mas ele não conseguiu. Não antes que dissesse as palavras entaladas em sua garganta.

Já se desculpava pelo impotente e raivoso insulto que escapara de seus lábios esta manhã... Bastante raro... E agora se viu pedindo desculpas novamente, mesmo sem saber por quê. Teria dito qualquer coisa se ao menos ela olhasse para ele, falasse com ele, ficasse...

– Desculpe. Não é da minha conta...

Ela olhou para o teto, determinada a ignorá-lo, mas seus olhos estavam desconfiadamente brilhantes, e ele queria tomá-la, arrastá-la para seus braços, abraçá-la, tranquilizá-la. Protegê-la de cometer o que lhe parecia o maior erro de sua vida.

Casar-se com Jeremy Hillyer tinha que ser um erro. Ele a decepcionara uma vez e o faria de novo. Ela não precisava se casar com ele apenas por causa do bebê.

Ou será que era isso?

Estaria ela tão desesperada para dar algo ao bebê que sentia que lhe fora negado? Se fosse isso ela estava errada. Seu pai pode não ter sido o “papai” ideal; sua infância pode não ter sido o álbum de fotografias perfeito que ele imaginara. Para combinar com essa casa de álbum de fotografias. Mas ela teve um pai, e ele sabia exatamente como o homem se sentia toda vez que uma de suas cartas voltava com um carimbo de “devolvida ao remetente”.

– Você perdeu sua mãe, Sylvie. Não pode trazê-la de volta, mas ainda tem um pai. Não deixe que a raiva e o orgulho a afastem dele.

– Não! – Ela virou-se para ele, os olhos faiscando, e ele deu um passo atrás diante da expressão de raiva tão palpável, que foi como um soco no queixo.

Por um momento, ele achou que ela fosse falar mais, mas ela apenas balançou a cabeça, e ele disse:

– O quê? Apenas não? – E agora que as lágrimas ameaçavam cair, mesmo quando ele a tentou amparar, determinado a trazê-la de volta para o fogo, onde poderia abraçá-la para que pudesse chorar e tirar sua mágoa, ela deu um passo atrás e disse:

– Não seja tão hipócrita.

Ela não esperou por uma resposta, escancarou a porta e saiu rapidamente de perto dele, subindo as escadas e o deixando para pensar sobre o que tinha dito que a deixara tão irada.

Hipócrita? De onde viera aquilo?

Tudo o que fizera fora encorajá-la a entrar em contato com o pai. O nascimento de um bebê era um momento para novos começos, uma boa hora para enterrar velhas discussões. Ela pode não querer ouvir isso, mas como o fato ter falado o tornava um hipócrita?

Ele estava a meio caminho do andar de cima para exigir uma resposta quando a realidade o fez parar instantaneamente.

Ela pode ter respondido ao beijo e estar tudo menos imune à calorosa ligação que parecia existir entre eles, mas estava grávida de Jeremy Hillyer.

Ainda se casaria com o garoto ao lado.

SYLVIE ALCANÇOU o santuário de seu quarto e apoiou-se na porta, respirando com dificuldade e com lágrimas nos olhos bloqueando a luz difusa. Como pode um homem com tanto fogo no olhar, cujo simples beijo era capaz de dissolver seus ossos e que com apenas um toque podia queimar sua alma ser tão *frio*?

Como ele *ousava* reprovar a maneira como ela deixara o pai fora de sua vida quando se recusava a conhecer a própria filha?

Nem uma palavra ou gesto indicava que ele estivesse de algum modo interessado. Poderia viver com isso para si, mas o que uma criança inocente que nem nascera ainda tinha feito para merecer tal tratamento?

Ela aceitara completa e sinceramente que a decisão de ter um filho dele tinha sido tomada apenas por ela. Poderia ter tomado a pílula do dia seguinte e acabado com aquilo. Não o consultara, mas chamara a responsabilidade para si e, por causa disso, dera a ele a chance de ficar distante. Esquecer o que tinha acontecido.

Sem culpas, sem maldade.

Somente agora ao confrontar-se com o que aquilo realmente significava, ela entendia completamente o quanto ansiava por um resultado diferente. Ela esperava e acreditava que, tirando tudo da

equação, a não ser o fato de que ele estava prestes a se tornar pai, ele seria capaz de amar a filha, como um presente inesperado.

Como podia ser tão burra? Se pelo menos tivesse enviado os advogados para pedir pensão, ele teria sido forçado a enfrentar a realidade, teria ficado ligado à sua filha mesmo que apenas financeiramente. E exigiria um contato rapidamente.

O empresário bilionário que checara cada item da fatura iria querer fazer valer o dinheiro.

– Maldito seja – disse, limpando raivosamente com as costas das mãos a umidade que se acumulava em seus cílios. Então colocou a mão sobre seu bebê e sussurrou – Desculpe, querida. Fiz uma confusão. Entendi errado.

Um pequeno fracasso familiar, mas sua mãe não sucumbira quando a vida lançou um de seus truques. Controlou tudo com dignidade, coragem e humor. Seu casamento. O câncer. Até a perda de tudo que gostava.

Tudo isso e com amor e compreensão também.

Sempre com amor. Especialmente pelo homem infeliz por quem se apaixonara e casara. Um homem que amara tanto que vivera uma mentira em vez de “assumir” e abalar o mundo dos conservadores. E que a amara também. Como poderia Tom McFarlane estar tão certo sobre isso e tão errado sobre tudo mais?

– O que vou fazer, mamãe? – sussurrou. – O que você faria?

O TRABALHO sempre fora a resposta. Os dedos podem ficar queimados quando um negócio dá errado, mas o coração permanece ileso, portanto Tom fez o que sempre fazia quando nada mais fazia sentido. Retornou à biblioteca; não para o calor do fogo, mas para a enorme mesa antiga e o pacote de documentos e materiais pessoais que se amontoaram enquanto esteve fora e que Pam trouxera do escritório para que ele pudesse se atualizar dos projetos em andamento e se preparar para o trabalho.

Ela incluía até mesmo a página “No próximo mês” da última edição da *Celebridade*, na qual uma foto de Longbourne Court promovia “o casamento fantástico da organizadora de casamentos

favorita do mundo” na feira de casamentos do Clube Fita Cor-de-Rosa.

Ele cerrou os dentes e jogou o papel com tanta força que caiu no chão junto de um monte de outras coisas. Ele as deixara ali, na intenção de jogar fora convites atrasados, cartas de organizações pedindo palestras, doações e adesão às suas diretorias. Para limpar o entulho para que ele pudesse se concentrar no que sabia. Fazer dinheiro.

Esse é o centro de seu mundo, a força motivadora que o mantinha em ação desde que se lembrava.

Mas para quê? Qual era a razão de tudo isso?

Perdendo a paciência, jogou as coisas no lixo.

Qualquer coisa relacionada a negócios seria resolvida com sua assistente pessoal. De outro modo, eles com certeza escreveriam de novo.

Pegou de volta tudo o que caíra no chão e jogou no lixo também. Quando ia amassar a página da *Celebridade*, entretanto, algo o impediu.

SYLVIE NÃO ousou demorar demais na banheira no caso de cair no sono. Tendo se permitido nada além do tempo necessário para que o óleo de lavanda fizesse o trabalho de acalmar, saiu do banho, passou óleo na barriga e nas pernas para evitar estrias e, usando nada além de um roupão atoalhado, abriu a porta do banheiro.

Tom McFarlane estava plantado ao lado da cama.

Todo o efeito caloroso e calmante da lavanda se dissipou em um instante.

– Não me diga! – disse friamente. – Os fantasmas dos Duchamp estão atrás de seu sangue.

– Não que eu tenha notado – disse ele. – Eu bati na porta.

– E quando foi que eu disse “entre”? – exigiu. – Eu poderia estar nua!

– Em uma casa de campo inglesa em abril? Com que probabilidade?

– O que você quer, Tom?

– Nada. Tive uma ideia – E bateu levemente na cama, encorajando-a a se sentar ao seu lado.

– E não podia esperar até de manhã? – protestou ela, mas sentou ao lado dele na cama. – Que tipo de ideia?

– Para o seu casamento. – Segurou uma página da *Celebridade*, e ela se inclinou para olhar mais perto.

– É Longbourne Court. E daí?

– Vire.

Ela olhou a página toda. Não conseguiu ver nada.

– Está falando deste anúncio do Museu do Vapor em Lower Longbourne? – disse, esticando as costas e desejando que ele explicasse logo para que ela pudesse se deitar. – Fica do outro lado do parque. Uma grande atração local. E daí?

– Por que não fica confortável enquanto pensa sobre isso? – disse, empilhando travesseiros, e quando ela hesitou, continuou: – É como um sofá, só que mais comprido – disse, claramente lendo seus pensamentos.

Ela não estava certa de que se sentiria a salvo em um sofá ao lado dele, mas era claro que ele não diria mais nem uma palavra até que ela estivesse sentada confortavelmente, portanto apertou o roupão e encostou-se ereta na pilha de travesseiros.

– Certo. O Museu do Vapor. Na casa Hillyer. O avô de Jeremy era louco por máquinas a vapor e juntou algumas que não seriam mais usadas. Trabalhou nelas pessoalmente, restaurou e as expôs para que o público pudesse apreciar. Eu adorava os carrosséis.

– Não são carrosséis, são galopadores – Tom disse. – São chamados carrosséis no continente americano. – Ele fez um movimento circular com a mão. – E giram na direção oposta.

– Giram? Por quê?

– Tem a ver com o fato de dirigirmos do lado esquerdo. – Ela o encarou. – É verdade!

– Não me diga que trabalhou em um parque de diversões.

– Trabalhei em um parque de diversões.

– Eu disse para não me contar isso... – E olhou para longe depressa. Era como as tolices que seu pai dizia para fazê-la rir.

– Certo, *galopadores*, passeios, balanços. Está organizado como uma verdadeira feira do vapor antiga... – Ela levou as mãos à boca. E sorriu. – Oh, meu Deus.

Feira de casamentos... Feira do vapor...

Sylvie riu quando o brilho intenso da ideia a atingiu.

– É um tema perfeito, Tom – disse enquanto as ideias a invadiam.
– Você é um gênio!

– Eu sei, mas não seria melhor perguntar a Jeremy antes?

– Jeremy? Não. Não tem necessidade... Os motores a vapor eram uma obsessão do nobre mais velho; Jeremy nunca esteve interessado... Muito lentos para ele, e o museu é administrado por uma fundação hoje em dia. Até se encaixa na ideia de promover o comércio local.

– Bem, então está tudo certo – disse ele.

Ela o olhou.

– O quê?

Ele maneou a cabeça.

– Nada. Como você disse, se encaixa perfeitamente.

– Eles têm de tudo. Teste sua força. Boliche para ganhar um porquinho... de cerâmica, mas adorável. E feito aqui também. Tem até passeio na carroça de feno que leva os visitantes para conhecer o lugar.

– Acho que a grande pergunta é... Será melhor que o elefante?

– Boa pergunta! – Ela encolheu as pernas para abraçá-las. – O fotógrafo pode usar aqueles painéis de colocar a cabeça no buraco...

– Um com a noiva e o noivo...

– Para que todos os convidados tenham suas fotos batidas.

Ela não conseguia parar de sorrir.

– Vamos decorar a marquise com fitas e luzes coloridas no lugar de flores. E montaremos barracas para a comida. – Olhou para ele. – Salsicha com purê?

Ele sorriu de volta.

– Peixe com batata frita. Cachorro-quente.

– Algodão doce! E pequenos bolos individuais. – Ela intencionava escolher algo saboroso, mas nada a respeito daquela fantasia seria gostoso. Tudo seria divertido. Com “D” maiúsculo. – Conversarei com

o confeito em primeiro lugar. Quero cada bolo decorado com um motivo de parque de diversão.

Tom observou enquanto, tomada pela diversão total daquilo, ela colocava as mãos sobre a boca e saboreava cada minuto.

– Gostou? – perguntou ele.

– Gostar? – Ela se virou, a raiva esquecida, e colocou os braços em volta dele, abraçando-o com animação. – Você é brilhante. Por acaso não está procurando emprego? – E antes que ele pudesse responder, disse: – Desculpe, desculpe... Bilionário genial. Por que iria querer trabalhar para mim? Droga, gostaria de não precisar correr tanto.

– É possível organizar tudo agora?

– Oh, sim.

Ele deve ter parecido duvidar porque ela disse:

– Moleza! Honestamente.

É claro que era. O Museu do Vapor tinha sido criado por lorde Hillyer. Tudo o que tinha a fazer era pedir, e seria seu por um dia.

– Agora que sei o que quero, tudo vai se encaixando, embora devesse falar com Josie para aprontar a marquise. Será a tarefa mais trabalhosa.

– Se ajudar, pode contar comigo.

Eles estavam na cama dela, e ela tinha os braços em volta dele, que estava dizendo o que estava em seu coração, mas somente ele sabia disso. Só ele jamais saberia que ela o possuía... totalmente, completamente, de um modo que não tinha nada a ver com sexo, mas tudo a ver com uma palavra que ele nem pensava em entender, mas sabia com toda a fibra de seu ser que era isso. O verdadeiro acordo.

Dar sem a esperança de receber.

A mãe de Sylvie teria compreendido. Saberla como ele se sentia.

Sylvie... Sylvie estava quase lá. Talvez seu presente verdadeiro fosse ajudá-la a dar o último pulo...

– Estaria disposto a ajudar? – perguntou ela, recostando e franzindo levemente o cenho.

Ele deu de ombros e fez uma careta.

– Você que disse. Quanto mais rápido terminar, mais rápido sairá daqui.

– É isso? – Ela recuou como se a resposta a tivesse chocado. Como se esperasse algo mais. Mas era isso mesmo.

Mais que isso estava além dele.

– Quero minha casa de volta e, para tê-la, estou preparado para colocar todos os meus recursos à sua disposição – disse com todo o descuido que podia ministrar.

Talvez só mais uma coisa...

– Só tem uma condição. – E, então, quando as bochechas dela coraram, ele disse: – Não!

Sim...

– Não – repetiu ele. – Tudo o que quero de você é que escreva para o seu pai.

– Não... – A palavra saiu como um sussurro.

– Sim! Peça a ele para dividir esse momento com você. Deixe que ele participe da vida de sua garotinha.

– Por quê? – exigiu ela. – Por que se importa com ele?

Mais e mais e mais...

– Porque... porque sei como é receber cartas devolvidas sem abrir. Porque um dia, quando eu tinha 4 anos, pessoas vieram e levaram minha mãe. Eu a agarrei, e essa foi a única vez que a vi chorar. Quando ela saiu, me deixando com os assistentes sociais que estavam esperando. “Vou ficar bem, tenho que ir. Essas pessoas cuidarão de você até que eu possa voltar...”, foi o que ela disse – E depois disse impotente: – Você disse que queria minha história.

– Onde estava o seu pai, Tom?

– Morto. Ela o matou. Uma mulher agredida que finalmente reagira usando a primeira coisa que encontrou. Uma faca de cozinha. – E com mais urgência, porque era isso que ele tinha que fazer para ter certeza de que ela entendia: – Eles a levaram e me puseram sob proteção. Eu não entendia. Escrevia para ela implorando que voltasse para me pegar. Semana após semana. E semana após semana as cartas apenas voltavam...

Sylvie não disse nada, apenas o abraçou como se pudesse tornar tudo melhor. E talvez tivesse tornado. A necessidade dela arrancara

a história dele. Tinha feito com que ele dissesse as palavras. Tinha feito com que ele visse que não tinha culpa pela morte da mãe também.

– Tenho certeza de que ela achou que seria melhor se eu a esquecesse, que seguisse em frente e encontrasse uma nova família.

– Mas você não esqueceu.

– Ela era minha mãe, Sylvie. Pode não ter sido a melhor mãe do mundo, mas era a única que eu queria.

Sylvie pensou que seu coração poderia se partir com a imagem de um garotinho escrevendo cartas desesperadas e as recebendo de volta sem terem sido abertas. Entendeu a empatia dele pelo seu pai.

– O que aconteceu a ela, Tom?

– Ela nunca chegou ao tribunal. Quando o caso dela finalmente aconteceu, ela estava além da lei, em algum lugar escuro na própria mente. Deveria ter ficado em um hospital, e não na prisão. Talvez tivesse conseguido ajuda em vez de tirar a própria vida.

Ela estendeu a mão para ele e quase lhe tocou o rosto. Então disse:

– Tem certeza de que não esteve visitando os fantasmas Duchamp?

Ele não tinha como saber como ela reagiria ao fato de ele ser o filho de um agressor de mulheres com uma assassina de maridos.

A sugestão de que ele estivesse se comunicando com os ancestrais dela nem tinha entrado na lista, e, um pouco perdido, ele disse.

– Por que pensaria isso?

– Porque perguntei à minha mãe o que ela faria. Já sabia a resposta. Sempre soube. Talvez ela achasse que fosse a hora de colocar mais alguém no meu caso...

E finalmente os dedos dela encostaram-se à face dele como se, ao tocá-lo, estivesse estendendo a mão à sua mãe através dele. E do mesmo modo que na tarde em que a ligação entre eles se tornara física, lágrimas silenciosas escorreram de seu rosto, mas desta vez não havia ninguém para interrompê-los, e ela não o afastou, mas o deixou puxá-la para mais perto e abraçá-la enquanto repetia.

– Não chore, Sylvie. – Mesmo quando suas próprias lágrimas ensopavam o cabelo dela. – Por favor, não chore.

E finalmente, quando ela aquietou e se afastou, foi ela quem limpou o rosto dele com os dedos e o confortou.

– Vai ficar tudo bem – disse, segurando o rosto dele com as mãos e beijando-lhe o rosto. – Prometo que tudo ficará bem.

– Escreverá para ele? Agora?

– Não dá pra esperar até amanhã?

– O que sua mãe diria?

Ela fungou e saiu da cama sorrindo para pegar um lenço.

– Está bem, está bem. Farei isso. Terei que pegar minha bolsa. Eu a deixei lá em baixo. – Cruzou a porta e, no meio do caminho, parou e olhou para trás. – Tom?

Ele esperou.

– Não cometa os mesmos erros de sua mãe. – Ela estava segurando a vida crescendo em seu ventre com um gesto protetor. Era o instinto mais poderoso do mundo. A motivação da mãe em proteger o filho.

A mãe dele fizera isso. Ela o protegera do pai e de si mesma...

– Você é mais que seus genes – disse quando ele não respondeu.

– Construiu seu próprio caráter. É forte e verdadeiro, e eu lhe prometo que você é o tipo de pai que qualquer garotinha gostaria de ter.

Havia uma urgência na voz dela. Um toque de desespero. Como se soubesse que seu bebê não teria a mesma sorte.

Ele não podia ajudá-la. Se tivesse em seu poder, ele teria parado o mundo e o girado de volta para dar a eles uma segunda chance de fazer a coisa certa. Mas ele não podia ajudar nenhum dos dois.

Capítulo 10

SYLVIE FINALMENTE começava a entender o motivo da inabilidade de Tom em assumir um compromisso. Como devia ser difícil para ele confiar em qualquer um senão ele mesmo.

Entendeu sua raiva, a dor diante do abandono de Candy. Ele pode não tê-la amado, mas ela reforçara aquelas velhas cicatrizes. A lição que ele aprendera cedo que ninguém era digno de confiança...

Mesmo assim, ele tinha confiado em Sylvie o bastante, se importado o bastante para impedi-la de magoar alguém que, no fundo, ela sabia que a amava. Fora um grande passo em frente.

Ela tinha feito o possível para garantir que ele não era o pai nem a mãe. Se sua esperança era a de que ele se tornasse instantaneamente paternal, bem, seria irreal. Ele tivera uma vida inteira para conviver com os horrores de sua infância, por isso a certeza de que não queria filhos enraizada em sua consciência. Não dava para esperar que ele desligasse tudo aquilo de repente.

Mas a jornada mais longa começava com um pequeno passo. Esta noite, eles o haviam dado juntos.

TOM ESTAVA ao celular quando ela retornou ao quarto, falando com alguém a respeito de montagem de barracas. Levantou a mão em reconhecimento e continuou enquanto ela abria a bolsa, pegava um pequeno bloco de notas que mantinha ali e se aprontava para escrever a carta.

O segundo mais difícil de sua vida.

Foi uma manobra proposital. Ela queria que ele visse que a caneta dela deslizava sobre o mesmo papel cor de creme em que escrevera para ele. Destampou a caneta e passou a mão pelo cabelo, demorando-se no ponto que ficara umedecido pelas lágrimas dele. E então, afastando tudo aquilo da mente, começou a escrever.

– Não demorou nada – disse Tom, observando-a dobrar o papel em quatro partes antes de colocar no envelope e endereçar.

– Não. Às vezes, as coisas que você julga impossíveis não são nem de longe tão difíceis quanto você imaginava – disse, encontrando o olhar dele. – Acabo de convidar papai e seu parceiro para se juntarem às festividades no domingo. Simples assim.

– Chegará a tempo?

– Levarei ao correio bem cedo amanhã e enviarei como expressa.

– Terá muito o que fazer – disse ele, estendendo a mão para a carta. – Deixe comigo.

– Obrigada – disse ao colocar o envelope nas mãos dele. Será que ele se lembraria da sensação daquilo? De como se sentira quando abria o envelope igual?

– Contratei um carpinteiro para construir as barracas sob a marquise – disse ele. – Estarão aqui cedo.

– Trabalho rápido. – Ela olhou para o relógio. Era quase nove horas. Ainda podia telefonar para algumas daquelas pessoas que asseguraram que ela poderia ligar a qualquer hora e pedir qualquer coisa.

– E o Museu do Vapor? Imagino que vai querer resolver isso pessoalmente.

– Quanto mais cedo, melhor. Será a primeira ligação. – Assim que ela pegou o celular, Tom se dirigiu à porta. – Vou deixá-la resolver isto. Pode deixar isso comigo.

Ele não esperou pela resposta, mas levantou a carta para indicar a que se referia e saiu.

Foi, de algum modo, repentino, mas foi uma noite carregada de emoções. Talvez ele só precisasse de um pouco de ar.

E ela o deixou ir, ligou para Laura, que conhecia todo mundo, e confiou a ela a tarefa de reservar o Museu do Vapor para a sessão de fotos.

Não estaria aberto antes da 14h no domingo, portanto eles teriam tempo suficiente. A igreja estava reservada para o começo da tarde. Podiam terminar o trabalho na marquise até o início da noite.

TOM FECHOU a porta do quarto de Sylvie e se apoiou nela por um instante a fim de recuperar o fôlego. Enquanto ela ligava para Jeremy para contagiá-lo com seu entusiasmo. Pedir para que ele ligasse para a fundação responsável e pedir emprestado alguns dos brinquedos de seu avô para o grande dia.

Olhou para a carta que segurava. Pelo menos conseguira salvar um homem de ter o coração partido, pois o seu teria que esperar. Fizera uma promessa a ela e teria que cumprir, mas partiria tão logo tivesse certeza de que tudo estaria como ela desejava. Não queria ser um espectador quando Jeremy chegasse para reivindicar sua noiva.

– ESTÁ LINDO, Geena.

O vestido, de seda creme levemente rodado, fora bordado com aplicações circulares em lilás, roxo e verde. E em vez do véu, Geena criara uma linda jaqueta solta na qual as aplicações se repetiam na barra e nos punhos virados. O bordado se espalhava pela seda, e contas minúsculas captavam a luz quando Sylvie se movia... Contas que combinavam com a pequena tiara em estilo russo que Geena aprontara para acompanhar o vestido.

– Só queria que fosse real. Realmente esperava que você fosse trazer o senhor bonito e sensual com você para experimentar o colete combinando – disse.

– Eu também – respondeu Sylvie, deixando que a máscara caísse por um momento e revelando seus sentimentos. – Quero dizer, queria que fosse real.

– Sei o que quis dizer, Sylvie. Estava escrito na sua testa. Ele é o pai de seu bebê, não é?

Sylvie tentou negar. Não conseguiu. Levantou as mãos em um gesto desamparado que disse tudo.

– Achei que sim. Os homens são tão tolos.

– Todos somos tolos – disse, levantando a bela jaqueta com os ombros.

A semana fora como uma montanha-russa de emoções, e ela ainda estava cambaleando por isso. Ou talvez estivesse apenas exausta.

Tom fora uma torre de força. Organizou os carpinteiros para fazer as barracas de comida. Reuniu cada conjunto de luzes coloridas do condado e se certificou de que fossem instaladas para causar um grande impacto, para que o interior da marquise desse a impressão do interior de um parque de diversões. Encontrou carrinhos de atrações de parques antigos e os adaptou para servirem de assentos. E, à noite, ele estava sempre lá, pronto para conversar sobre os problemas que apareciam e oferecer sugestões.

Tinha uma visão muito clara, uma maneira de ver o coração das coisas.

Ele só tinha um ponto cego. Havia apenas um assunto que ele nunca mencionava. Era quase como se estivesse tão preso ao seu passado em sua determinação de jamais ser pai que bloqueara a informação.

Não podia continuar.

Ela não permitiria que continuasse.

– ESSE É o vestido?

Tom estava trabalhando na mesa da cozinha quando ela entrou carregando a caixa que continha o vestido embrulhado em papel. Ele puxou a cadeira, levantando-se para pegar a caixa.

– Sim. Insisti em trazê-lo comigo apenas por precaução.

– Precaução de quê?

– Caso o pneu dela fure. Ou seu ateliê pegue fogo. – O princípio de que o que pode dar errado vai dar errado. – Acredite, quando está nesse ramo há tanto tempo quanto eu...

– Na verdade, Sylvie, estou um pouco preocupado com as locomotivas de tração. Sei que disse que Laura cuidaria de tudo, mas eles não deveriam...

– Não precisa se preocupar com eles. Temos a manhã toda – disse ela. – Tempo suficiente. Só vou levar isto para cima e depois quero

falar com você, Tom.

– Pode deixar isso um minuto? – perguntou, tirando a caixa da mão dela e a colocando na mesa. – Quero que você venha ver a marquise.

– Pensei que não estivesse pronta.

– Agora está – disse com aquele sorriso que se tornara tão familiar nos últimos dias quando trabalharam juntos. Ele estendeu a mão. – Tenho uma surpresa para você.

Ela deu a mão para ele, que envolveu seus dedos. Por um momento, nenhum dos dois se mexeu, depois, como se acordando de um sonho, ele se dirigiu à porta. Quando chegou lá fora, ele esperou por ela, e andaram juntos de mãos dadas pelo crepúsculo, até onde a enorme marquise fora erguida pela empresa contratada para expor suas mercadorias e decorada à custa da *Celebridade* para o casamento fantástico de Sylvie.

– Espere – disse ele ao se aproximarem da entrada. – Quero que tenha o efeito total. – Ele manteve a mão dela bem apertada quando apertou o botão do gerador. O lado de fora se acendeu com luzes brancas ao longo de todas as bordas... Por todo o teto e caindo em cascata pelas laterais e em círculos acima da cobertura. Do lado de dentro, as luzes, menores e mais decorativas, uma imagem espelhada das luzes de fora, refletiam no chão polido. Os suportes tinham enormes laços de fita em cores brilhantes, que desciam trançados neles até o chão. Nos cantos, foram colocadas bancas pintadas de cores brilhantes, oferecendo uma seleção de comidas. Um verdadeiro parque de diversões. Pequenos acabamentos finais foram dados durante a tarde. A máquina de algodão doce chegara. Muitos balões estavam pendurados em seus fios.

E então, enquanto olhava em volta, ela viu.

Um órgão de parques antigos. Do tipo que tocava com papéis impressos. Ele cruzou até o instrumento, ligou um botão, e, como se por mágica, começou a tocar enchendo o espaço com música.

– Tom, está maravilhoso. O toque final perfeito.

Enquanto dizia as palavras, sentiu a pele se arrepiar. Nada era perfeito... Mas então Tom disse:

– Gostaria de dançar, srta. Smith? – E antes que ela pudesse protestar, ele já estava valsando com ela pelo chão. E foi mágico. Tão perfeito quanto algo poderia ser.

E muito breve. A música parou. Tom a segurou por mais um momento. Então se afastou.

– Chega.

A palavra tinha um caráter final, e, antes que ela pudesse dizer algo, ele se virou.

– Entre, Sylvie. Vai demorar um pouco para eu desligar tudo. Certifique-se de que está tudo certo. Deixarei as luzes por último para que você possa enxergar o caminho. Tenha cuidado.

– Terei.

Por um momento, nenhum dos dois se moveu, e então, porque quanto mais hesitasse, mais demoraria para que ele se juntasse a ela para que pudessem conversar sobre o futuro, ela se virou e voltou para a casa.

Lá dentro, o hall estava agora decorado com fitas cor-de-rosa em preparação para a feira do dia seguinte. A porta para o salão de baile estava totalmente aberta, revelando a passarela e as mesas com cadeiras douradas preparadas para o desfile. Roupas para mães de noivas, roupas para sair da festa, roupas para lua de mel. Roupas formais de aluguel para homens, incluindo kilts. Roupas para damas de honra e pajens. E, finalmente, o vestido de noiva de Geena.

Os floristas tinham ficado ocupados o dia todo dando toques de acabamento em seus arranjos. Pequenos buquês de flores que foram pendurados nas extremidades ao longo de todo o comprimento da passarela. Havia flores nas mesas também.

Na sala de estar, todas as barracas foram dispostas como um mercado de pedras preciosas. Tudo brilhante, fresco, adorável.

Laura estava certa. Valeu à pena, ela pensou. Até a previsão do tempo era boa. Ficaria quente e ensolarado como tinha sido a semana toda.

Então por que ela estava com frio?

Ela abriu a porta da biblioteca, ansiosa por ficar perto do fogo que sabia que estaria aceso por trás da proteção. Mas a proteção não estava lá. A sala não estava vazia. Havia alguém sentado na cadeira

de Tom. Um homem que levantou quando ela parou de repente. Seu pai.

Mais velho, com um pouco menos de cabelo, um pouco mais largo em volta da cintura. Muito bronzeado. Ainda inacreditavelmente bonito.

Esperando. Incerto.

Ela deu um passo em direção a ele. Ele deu um passo em direção a ela, que estendeu a mão, pegou a dele e a colocou em sua barriga.

– Você vai ser avô.

– Li sobre isso na *Celebridade*. Quando vi a fotografia, pensei por um horrível instante que você tinha voltado com aquele pedaço de...

– Ele parou. – Jeremy Hillyer. Pensei que tivesse voltado com ele.

– O bebê não é de Jeremy. – Ela cobriu a mão dele com a sua. – É de Tom. Ele sabia que você estava aqui, não sabia? Por isso me mandou entrar antes dele.

– Ele disse que acha que precisamos de um tempo a sós. Eu já tinha desistido. Quando li sobre o bebê e você não entrou em contato, soube que jamais aconteceria.

– Me desculpe! Sinto muito...

– Silêncio. Você é minha garotinha, Sylvie. Jamais tem que pedir desculpas. – E estendeu os braços para abraçá-la.

Mais tarde, depois que ambos já haviam chorado enquanto falavam da mãe dela e quando descobriram que poderiam sorrir também, ela disse:

– Trouxe Michael com você?

– Estamos em Melchester. Ele virá amanhã. Obrigado por convidá-lo.

– Você o ama. Ele é parte de nossas vidas.

– E Tom? Fará parte de sua vida?

– Eu... não sei. Quando penso que tudo vai ficar bem, percebo que não vai. – E ela tremeu de novo.

– Talvez você devesse procurá-lo, Sylvie. Podemos conversar mais amanhã.

– TOM?

Ela observara as luzes traseiras do carro de seu pai desaparecerem na colina e então voltara para casa procurando por Tom. Não apenas para agradecer, mas determinada, agora mais do que nunca, a fazê-lo ser razoável com relação ao bebê.

A sra. Kennedy estava na cozinha fazendo um sanduíche.

– Tom pediu para que eu me certificasse de que você comeria alguma coisa.

– Tomei um pouco de sopa.

– Horas atrás. Recebeu uma visita?

– Meu pai. Ele virá para a feira amanhã. E espera ver você.

– Que bom. – E sorriu. – Estou feliz que fizeram as pazes.

– Sim. Eu também. Onde está Tom?

– Quanto a isso, não pude contar – disse, limpando as mãos e alcançando um envelope atrás de um prato no armário. – Ele ligou para minha casa quando estava partindo e me pediu para vir por uma ou duas horas para me certificar de que você comeria alguma coisa. Pediu para dizer que deixou algo para você lá em cima. No seu quarto.

– Partindo? Quando?

– Faz um tempinho. Logo depois que apagou as luzes da marquise.

Ela checou o relógio. Quase 14h. Pensara que Tom estivesse apenas saindo do caminho, dando a eles um tempo para conversar.

Então se lembrou do modo como estremecera. A determinação na maneira como ele disse “chega”. E que ele deixara algo para ela em seu quarto. Algo que não queria que ela visse antes que saísse...

Ela correu pelas escadas, escancarou a porta do quarto e viu o ursinho vestido de palhaço colocado na cama, bem no lugar onde Tom estivera há alguns dias. Olhando para o mundo como se pertencesse àquele lugar.

Porque pertencia.

Ela pegou o urso, sabendo que Tom o resgatara do baú e o carregara para o quarto e o colocara ali. Enterrou o rosto nele esperando sentir o cheiro de Tom. Tentando sentir, entender o que passara por sua mente enquanto arrumava as coisas para ela. Para a família dela.

Do mesmo modo que, a semana toda, fizera tudo funcionar para o casamento fantástico. Apresentando pequenas ideias para que os visitantes da feira de casamentos gastassem seu dinheiro. Mais uma ajuda para o Clube Fita Cor-de-Rosa. E quando olhou para cima, viu a carta que estivera ao lado do urso, rasgou o envelope, tirou a única folha dobrada e sentou-se antes de abrir, sabendo que não seria bom.

Minha querida Sylvie,

Amanhã será o seu dia especial, e agora que tem seu pai para apoiá-la, sei que posso lhe deixar em boas mãos. Estarei fora por um tempo... Mas não fugindo desta vez. Preciso encontrar algo novo para fazer da minha vida. Algo maior. Algo de verdade. Minha primeira decisão é não converter a casa em um centro de conferências. É um lar verdadeiro, e espero que continue sendo. O que quer que aconteça, não precisa se preocupar com o sr. e a sra. Kennedy. Arranjei para que eles nunca tenham que deixar sua casa. Também pedi à sra. Kennedy que cuidasse para que todas as roupas do sótão fossem doadas para o Museu de Melchester. Tudo mais de valor que está nos baús deverá ser doado para o Clube Fita Cor-de-Rosa, a efeito de arrecadação de fundos. O urso, entretanto, é seu. Algo que pertence à sua família e que poderá ser dado para o seu bebê. Por fim, quero tranquilizá-la de que pode contar com minha descrição. O que houve entre nós será sempre uma lembrança muito especial e muito particular.

Espero que o sol brilhe para você amanhã e desejo a você e Jeremy uma vida longa e feliz juntos.

*Seu,
Tom*

SYLVIE LEU o bilhete. Talvez estivesse cansada; certamente estava drenada emocionalmente, mas nada daquilo fazia sentido.

Ela o tinha visto há apenas algumas horas. E que raios ele queria dizer com uma vida longa e feliz ao lado de Jeremy?

Leu a carta novamente, depois voltou na cozinha.

– O que Tom quer dizer sobre vocês nunca terem que sair de sua casa, sra. Kennedy?

Ela sorriu.

– Abençoado seja, ele a deu para nós. Disse que era o que *lady* Annika teria feito se tivesse conseguido e que, de qualquer modo, não faria da propriedade quando esta fosse vendida.

Sylvie sentou.

Ele dera a casa para eles. Só porque ela dissera...

– E as roupas? Deverá enviá-las para o museu?

– Acredito que ele falou com alguém lá ontem. Disse que você deveria pegar qualquer coisa que queira.

Ela balançou a cabeça.

– Não...

Ele esteve planejando isso? Por que não dissera nada?

Ela leu o último parágrafo novamente:

"Espero que o sol brilhe para você amanhã e desejo a você e Jeremy uma vida longa e feliz juntos."

JEREMY?

Ele sempre mencionava Jeremy. Tinha até mencionado que os vira juntos na *Celebridade*. Será que o mundo todo vira aquilo? Até seu pai dissera... Oh, Puxa vida. Não. Ele não poderia pensar que esse casamento todo fosse de verdade. Poderia?

Ele realmente acreditava que ela se casaria com Jeremy enquanto carregava o bebê dele? Enquanto praticamente se jogara em seus braços no sótão? Teria sido por isso que se afastara do beijo na cozinha?

"Pode contar com minha discrição..."

Era isso que ele pensava que ela queria conversar a respeito? Para implorar por sua discrição?

– Oh, não, Tom McFarlane, você não...

Ela tinha o número do celular dele na memória do seu e apertou a discagem rápida, mas o telefone estava desligado, e tudo o que conseguiu foi um correio de voz pedindo para deixar uma mensagem.

– Tom? Não ouse desaparecer novamente... Não até conversar comigo! Ligue para mim, está ouvindo? Ligue agora!

Mas e se ele não ligasse?

E se decidisse ir direto para o aeroporto e colocar a maior distância possível entre eles? Foi o que ele fez quando Candy o decepcionou. Ela congelou. Seria possível que ele tivesse acabado de chegar? Que nunca tenha recebido a carta?

Não. Não era possível. Apesar da promessa feita a ele, a si própria, ela a quebrara, perguntara se ele tinha recebido. Jamais esqueceria o aceno de cabeça em rejeição. E muito tempo depois, “desculpe”...

Nada disso fazia sentido. Tinha que falar com ele. Discou para o auxílio à lista para obter o número do apartamento em Londres, mas inevitavelmente não estava na lista. E não adiantaria ligar para o escritório em uma noite de sábado, mas ela o fez mesmo assim. Se ele estava lá, não atendeu.

Não havia nada mais a fazer a não ser dirigir para Londres e confrontá-lo pessoalmente. Pegando um dos sanduíches que a sra. Kennedy fizera, pegou as chaves e correu para o carro.

TOM ENTROU em seu apartamento. Estava imaculado. Tudo estava intocado. Sem personalidade. Vazio.

Tão diferente de Longbourne Court quanto era possível. Em uma semana, aquela casa de veraneio tornara-se o seu lar. Um lugar onde se sentia totalmente à vontade.

Mas estaria para sempre ligada a Sylvie. Tudo em que tocasse, cada cômodo traria de volta lembranças de um sorriso, um gesto.

Ele nunca seria capaz de entrar no quarto de hóspedes sem se lembrar do que havia dito a ela. Jamais veria violetas florescendo na mata sem que o perfume trouxesse de volta o momento em que estivera tão perto de alcançá-la, traíndo a si mesmo.

Atirou as chaves na mesa. Esfregou as mãos no rosto em uma tentativa de trazer um pouco de vida e de calor de volta à pele.

Pegou uma das pilhas de correspondência que a arrumadeira havia deixado em um canto. Ela certamente jogara fora tudo o que era obviamente lixo e organizara o restante em duas pilhas. As

coisas que tinha certeza de que eram importantes em uma, e aquelas sobre as quais tinha dúvidas na outra.

Não havia muito, considerando o grande tempo que não vinha para casa, mas tudo relacionado a negócios e finanças ia para o escritório e a maioria das coisas pessoais também.

Começou a olhar os envelopes, perdeu o interesse e os jogou de volta na mesa, de onde escorregaram por causa da superfície polida e caíram no chão. Quando já ia embora os deixando no chão, viu um envelope cor de creme familiar, deu um passo atrás e abaixou para pegá-lo.

Devia ser coincidência que fosse exatamente igual ao envelope que levava ao correio para Sylvie. Devia ser se a letra também não fosse a mesma.

Quando escrevera para ele?

Não havia selo. Nenhum carimbo. Nenhuma maneira de saber há quanto tempo estava ali esperando que ele retornasse. Ela deve ter entregado em mãos. Deve ter vindo aqui, colocado na caixa de correio e esperado por uma resposta que nunca chegara.

Ela havia perguntado se ele recebera a carta, e ele pensara que ela estivesse falando da carta em que devolvera o dinheiro, mas soube que era desta carta que ela falava e, com uma repentina sensação de pavor, empurrou o dedão pelo envelope e, tremendo, retirou a única folha de papel e abriu.

Prezado sr. McFarlane,

Como resultado de nosso recente encontro, estou esperando um bebê para julho...

– NÃO!

A palavra foi um grito. Um urro de dor.

Ele não esperou para ler o resto, pegou o telefone e ligou para a casa. Tocou, tocou, e então a secretária eletrônica atendeu.

– Não haverá nenhum maldito casamento amanhã – disse. – Está me ouvindo, Sylvie? Casamento nenhum!

Então tentou o celular dela, mas caiu na caixa postal. Ele repetiu o recado e adicionou.

– Estou voltando...

Então, desesperado, ligou para a casa dos Kennedy.

O CARRO dela não queria ligar. Seu amado e precioso carrinho que nunca a decepcionara antes escolheu esse momento para brincar de morto. Os faróis. Tinha dirigido pela neblina e acendera os faróis. E esquecera-se de desligá-los. Demorou dez minutos andando depressa para alcançar a casa dos Kennedy.

– Não se preocupe, Sylvie – disse a sra. Kennedy. – Sente-se e prepararei uma xícara de chá. O sr. Kennedy está em um jogo de dardos, mas assim que chegar, pegará os cabos de arranque e consertará seu carro para você.

– Não posso esperar. Terei que chamar um táxi.

– Farei isso enquanto recupera o fôlego.

Houve uma espera de meia hora, e, enquanto a sra. Kennedy saía para preparar “uma boa xícara de chá”, ela decidiu ligar para Tom novamente, mas seu telefone, que funcionara o dia todo, escolheu esse momento para se unir ao seu carro e brincar de fantasma.

– Coisa idiota e inútil – disse, jogando o aparelho na bolsa, brava demais para chorar.

Demorou quase uma hora até que finalmente ouviu o táxi parar na frente da casa e não esperou o motorista bater na porta, pegou a bolsa, beijou a sra. Kennedy e correu pelo caminho abaixo em direção ao portão.

E parou completamente.

Encostado no espantoso carro de luxo, com os braços cruzados, estava Tom McFarlane. E não parecia feliz. Ela abriu a boca. Viu o que ele segurava e fechou de volta.

Aparentemente satisfeito, ele se empertigou, abriu a porta do carro e disse:

– Entre.

Sua voz também não soou feliz e enquanto, há recentes sessenta segundos, ela esteve enlouquecida para vê-lo e falar com ele, de repente pareceu a ideia mais perigosa do mundo.

– Você entendeu tudo errado, Tom – disse com os pés aparentemente colados no chão.

– Nem de longe tão errado quanto você, Sylvie.

– Realmente não acho que seja possível – disse, finalmente alfinetando.

Ele estava nervoso? Bem, ela não estava exatamente dançando de alegria também e, libertada pela indignação certa, desceu o caminho, ignorando a porta aberta do carro e afastando-se dele. Preferia andar...

– Sylvie! – Foi uma ordem e não um pedido. Depois, com um repentino nó na garganta, completou: – Sylvie, não faça isso... – Ela hesitou. – Estou implorando. Por favor...

Ela parou, e, quando ele falou novamente, estava bem atrás dela.

– Por favor, não se case com Jeremy Hillyer.

Era verdade então. Ele realmente pensou que ela se casaria com Jeremy.

– Mas você esteve me ajudando durante toda a semana. Apresentando grandes ideias para o casamento. Esta tarde escreveu uma carta desejando tudo de bom para nós. O que está diferente agora?

– Tudo. Pensei que o bebê fosse dele. Estava voltando para casa há dois meses. Para ver você. Não sabia nem se você falaria comigo, mas tinha que tentar. Estava no aeroporto com o cartão de embarque no bolso quando a vi sorrindo na capa da *Celebridade*. Li sobre seu “acontecimento feliz”, que voltara com seu namorado de infância.

– Escrevi para você, Tom. Conte sobre o bebê. Perguntei se havia recebido.

– Pensei que estava falando sobre a carta referente ao dinheiro. Minha secretária enviou um e-mail para dizer que você o devolvera e perguntando o que deveria fazer, então percebi o que você deveria estar pensando. Não foi assim, Sylvie. Sempre tive a intenção de pagar o valor total. O cheque que preenchi e pus no bolso era do valor total.

– Oh.

– Disse a ela para doar para a caridade, se serve de consolo. Não recebi esta carta até esta noite, Sylvie. Não sabia sobre nossa garotinha...

Ela piscou.

– É impossível. Eu mesma a coloquei por baixo de sua porta. Duas semanas depois... – E fez um gesto impotente em direção à sua barriga.

– O que teria sido perfeito se eu estivesse lá. Estive fora do país por seis meses, Sylvie. Só parei para pegar meu passaporte e peguei o primeiro avião com um assento disponível, apenas para colocar um pouco de espaço entre nós.

– Pensei que tivesse ido para Mustique...

– Como poderia ir depois de você e eu...? – E foi ele quem ficou sem palavras – Eu a magoei, Sylvie, fiz você chorar. Só fiz duas mulheres chorarem em toda minha vida.

– Sua mãe...

"Ficarei bem. Preciso ir..."

A mãe dele tinha dito aquilo. E ela também...

– Eu chorei porque você havia me dado algo tão inacreditável, Tom. Eu estava congelada, presa a uma Era do Gelo emocional. Muito havia acontecido de uma vez. Perdi tudo e fui traída... – Ela olhou para ele, esperando que soubesse que era verdade. – Passei a vida fazendo casamentos perfeitos para outras pessoas quando era incapaz de compartilhar um simples beijo...

– Sylvie...

– Eu voltei, tão logo pude, mas você tinha partido.

– Eu estava aos pedaços. Pensei que você estivesse louca para partir... Que nunca mais quisesse botar os olhos em mim de novo, e quem poderia culpá-la?

Ela estendeu a mão e pôs um dedo sobre seus lábios

– Você é meu sol, Tom. Você me olhou, e eu derreti instantaneamente. Abraçou-me, e seu calor me aqueceu.

– Mas...

– As lágrimas eram de pura alegria, Tom. E o bebê... – Ela colocou a mão sobre a criança que crescia abaixo de seu coração. – Nosso bebê é pura alegria também.

– Ela é minha... – O rosto dele, pálido ao luar, brilhou com algo que pereceu reverência. – Minha garotinha.

Ela tinha chorado naquele momento e estava chorando agora. Lágrimas silenciosas que caíam de seu rosto enquanto dizia:

– Você tem uma família, Tom.

Por um momento, eles apenas ficaram ali, e então ele disse:

– Não é o bastante. Eu quero você, Sylvie. Tentei tirá-la da minha mente, tentei esquecer você, mas não adiantou. Eu... – Ele parou.

– Você o quê, Tom? – Ela colocou as mãos no rosto dele, fazendo com que olhasse para ela quando ele ia se virar. – Diga as palavras.

– Eu... eu amo você. Amo muito, mas fiz tudo errado. É tarde demais...

– Por causa do casamento amanhã? É só isso que nos impede?

– Sylvie... – E desta vez o nome dela foi um lamento torturante que atingiu seu coração.

– É um casamento fantasia, Tom. Não é real. Apenas a fantasia de “Sylvie Duchamp Smith” de como seria seu casamento. Se... quando... ela encontrasse um homem com quem pudesse passar o resto da vida.

Ela o viu lutar com aquilo.

– Mas Jeremy...

– Não é o marido. Nos encontramos em um evento beneficente. Fomos educados, sorrimos um para o outro. A *Celebridade* fez o resto. Suspeito que eles estavam me provocando para dizer o nome do verdadeiro pai do meu filho.

– Mas você esteve fazendo pedidos de bolos. Comidas. Flores. Tem uma versão atualizada do vestido que ia usar da primeira vez...

– O vestido não tem nada a ver com o que minha bisavó vestiu – assegurou ela. – Tenho uma fantasia totalmente diferente agora. Não acredito que você pensou que eu venderia meu próprio casamento para a mídia.

– Tive a impressão de que você faria qualquer coisa pela instituição de caridade da sua mãe.

– Algumas coisas não estão à venda, Tom.

Então, captando uma pequena nesga de luz, um pequeno movimento na cortina da casa dos Kennedy, ela disse:

– Eles sabiam, não é? Sabiam que você estava voltando.

– Se tivesse ligado seu celular em qualquer momento das últimas duas horas, você também saberia.

– Minha bateria acabou. O que você disse?

- “Não haverá casamento nenhum...”
- Nenhum?
- Não amanhã – disse ele, tocando o rosto dela – Mas em breve, espero. Muito breve. Porque se você acha que pode ter uma filha minha sem nenhuma esperança de compromisso com o pai dela, está redondamente enganada.
- É mesmo?
- E é minha fantasia também, lembra? Eu quero tudo.
- Tudo?
- Sim. Tudo e todos. Exceto a *Celebridade*. Eles podem ter a fantasia deles amanhã, mas a realidade será apenas para nós. Não apenas por um dia, mas para sempre. Então, como se percebendo que algo estava faltando, ajoelhou-se e, debaixo de um dossel de estrelas, disse:
 - Se eu prometer usar um colete roxo para combinar com seus sapatos, você se casa comigo, Sylvie Smith?

QUATRO SEMANAS depois da feira de casamentos do Clube Fita Cor-de-Rosa apresentando o casamento fantasia de Sylvie Duchamp Smith ser um sucesso de vendas da revista *Celebridade*, Tom e Sylvie casaram-se de verdade.

Sylvie chegou à igreja em uma locomotiva de tração que brilhava com tinta fresca e metal. Geena fez outro vestido para ela, já que o noivo já vira aquele. Não era o mesmo, uma vez que nunca repetia seus modelos, mas era bem parecido. E Sylvie usou os sapatos roxos.

Josie colocara um pouco de brilho em pó verde no cabelo roxo e, tendo sido subornada por um vestido aplicado, uma pequena jaqueta combinando e um par de sapatos de seda bordada em verde-claro, abandonou as botas.

As damas de honra estavam adoráveis em lavanda e violeta. O pajem fez careta, mas já era esperado. Até uma criança de 5 anos sabia que calça de montaria de veludo roxo era um exagero. E quando ela caminhou pelo centro da igreja de braços dados com seu pai, a luz do sol cintilou nos diamantes da tiara que Tom mandara fazer em um joalheiro local para sua noiva.

A festa foi uma agitação, a comida foi considerada perfeita, as crianças se entupiram de algodão doce... Bem, nada era perfeito... E Josie, agora sócia encarregada dos casamentos e festas, foi dominada por pessoas querendo exatamente a mesma coisa para seu dia especial.

Mas, como Tom dissera a Sylvie, este seria único.
Só para eles.

VOCÊ PRECISA CONHECER!

HARLEQUIN
Special



CADA TOQUE SEU
SUSAN MEIER

EM BUSCA DO AMOR
SHIRLEY JUMP

H HARLEQUIN[®]

www.harlequinbooks.com.br

f harlequinbooksbrasil

t harlequinbrasil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F478n

Fielding, Liz

Noiva de ocasião [recurso eletrônico] / Liz Fielding ; tradução Eugênio Barros. -1. ed.- Rio de Janeiro : Harlequin, 2014.
recurso digital

Tradução de: The bride's baby

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-1402-2 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Barros, Eugênio. II. Título.

14-10254

CDD: 823

CDU: 821.111-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: The Bride's Baby

Copyright © 2008 by Liz Fielding

Originalmente publicado em 2008 por Mills & Boon Romance

Produção do arquivo ePub: MT Color & Diseño, S. L.

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Contato: virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Índice

[Rosto](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Você precisa conhecer!](#)

[Créditos](#)